



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

NATHÁLIA CRISTINA SERVADIO

**PERTENCIMENTO E OPORTUNIDADES ESPORTIVAS NA PRÁTICA
FUTEBOLÍSTICA DE MENINAS E MULHERES: ESTUDO DE CASO DO
PROJETO FUTEBOL FEMININO CAMPINAS (FFC)**

Campinas
2022

NATHALIA CRISTINA SERVADIO

**PERTENCIMENTO E OPORTUNIDADES ESPORTIVAS NA PRÁTICA
FUTEBOLÍSTICA DE MENINAS E MULHERES: ESTUDO DE CASO DO
PROJETO FUTEBOL FEMININO CAMPINAS (FFC)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na Área de Educação.

Supervisor/Orientador: Prof.^a Dr.^a Helena Altmann

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA NATHÁLIA
CRISTINA SERVADIO E ORIENTADA PELA
PROF(A). DR(A). HELENA ALTMANN

Campinas

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Se69p Servadio, Nathália Cristina, 1994-
Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) / Nathália Cristina Servadio. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Helena Atmann.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Futebol para mulheres. 2. Mulheres e esporte. I. Atmann, Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Belonging and sporting opportunities in the football practice of girls and women: case study of projeto Futebol Feminino Campinas (FFC)

Palavras-chave em inglês:

Women's soccer
Women and sport

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Helena Altmann
Silvana Vilodre Goellner
Mariana Zuaneti Martins

Data de defesa: 28-06-2022

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8947-0433>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5086711542255531>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

**PERTENCIMENTO E OPORTUNIDADES ESPORTIVAS NA PRÁTICA
FUTEBOLÍSTICA DE MENINAS E MULHERES: ESTUDO DE CASO DO
PROJETO FUTEBOL FEMININO CAMPINAS (FFC)**

NATHÁLIA CRISTINA SERVADIO

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^a Dr^a Helena Altmann
Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner
Prof^a Dr^a Mariana Zuaneti Martins

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado com saudoso respeito:
às vítimas do COVID-19.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente,

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Por meio da bolsa Demanda Social (DS), Portaria nº 20, de 20 de Fevereiro de 2020.

À fundamental orientação, pôr tudo.

À banca das arguidoras

Ao apoio da garotada, quando me sobravam intermináveis dúvidas.

Ao SUS, vacina e pão,

Às famílias de corpo e alma, pela sagacidade.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo compreender como o Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) oferta oportunidades esportivas de futebol para mulheres e meninas, oferecendo oportunidades de prática de futebol, futsal e futebol de 7 para meninas e mulheres há mais de 25 anos no município de Campinas. A pesquisa está fundamentada na literatura dos estudos de gênero com inclinação pós estruturalista. Foi utilizada uma metodologia qualitativa, com fundamentação teórica-metodológica no estudo de caso, incluindo a realização de observações de ações virtuais, 7 entrevistas com profissionais e jogadoras que participaram do Projeto; 12 cartas de jogadoras, ex-jogadoras, treinadoras(es) e organizadoras(es) do Projeto. No primeiro capítulo, é analisada a constituição e a trajetória do Projeto e seus tensionamentos, estratégias educativas, apoios e estruturas para ofertar oportunidades esportivas, da categoria de base ao adulto para meninas de nove a 50 anos de idade. O segundo capítulo diz respeito às trajetórias e resistências protagonizado pelas participantes do Projeto FFC. Conclui-se que, na década de 1990, o embrião do Projeto foi a reivindicação de mães de um espaço futebolístico do clube social, contribuindo assim com a construção de oportunidades efetivas para mais de 100 meninas e mulheres sócias e não sócias ao longo de mais de 25 anos. Apoios e parcerias do poder público, de clubes e de faculdade privadas possibilitaram a oferta da prática futebolística e o desenvolvimento de estratégias educacionais, tais como: oferta de bolsa de estudos em universidades; espaços seguros para a prática do futebol e futsal; financiamento em circuitos competitivos; vale transporte para não sócias; e inserção de jogadoras e ex-jogadoras em cargos profissionais dentro Projeto. Mesmo estas ações sendo atravessadas por relações de poder, com força de seus aliados, o FFC construiu um espaço de oportunidades e pertencimento coletivo a modalidade. No entanto, disparidades de gênero, raça, classe determinaram e se reafirmaram no abandono das participantes no Projeto.

Palavras-chave: pertencimento; futebol de mulheres; futebol feminino campinas.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand how the Women's Football Project Campinas (FFC) offers football sports opportunities for women and girls, offering opportunities to practice football, futsal and 7-a-side football for girls and women for 25 years in the city of Campinas. The research is based on the literature of gender studies with a poststructuralist bent. A qualitative methodology was used, with theoretical-methodological foundations in the case study, including observations of virtual actions, 7 interviews with professionals and players who participated in the Project; 12 cards from players, ex-players, coaches and organizers of the Project. In the first chapter, the constitution and trajectory of the Project is analyzed and its tensions, educational strategies, support and structures to offer sports opportunities, from the basic to adult category for girls from nine to 50 years of age. The second chapter concerns the trajectories and resistances carried out by the participants of the FFC Project. It is concluded that, in the 1990s, from the embryo of the Project (the player mothers), who claimed the football space of the social club, contributed to the construction of effective opportunities for more than 100 girls and women members and non-members throughout the of over 25 years. Mainly with the support and partnership of the public power, clubs and private colleges, they developed educational strategies, such as: offer of scholarships for young people who were following the professional path; safe spaces for soccer and futsal; financing in competitive circuits; transportation allowance for non-members; and insertion of female and former female players in professional positions within the Project. Even though these actions are crossed by power relations, with the strength of its allies, the FFC has built a space of opportunities and collective belonging to the modality. However, disparities of gender, race, class determined and reaffirmed the abandonment of the participants in the Project.

Keywords: belonging; women's soccer; women's soccer Campinas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Municípios da RMC.....	47
Figura 2 - Mapa da Metrópole de Campinas com as cinco regiões e a área ocupada:.....	48
Figura 3 - Áreas de vulnerabilidade Campinas.....	49
Figura 4 -Unidade de incentivo ao esporte em Campinas	51
Figura 5 - Recorte dos espaços e escolinhas para a prática de futebol, preferencialmente para meninas:.....	53
Figura 6 - Recorte da amplitude de projetos futebolísticos voltado para meninos na metrópole	54
Figura 7 - Time 1 em amistoso entre as próprias alunas de futebol, na inauguração dos holofotes do clube social, no final da década de 1990	61
Figura 8 - Time 2 em amistoso entre as próprias alunas de futebol, na inauguração dos holofotes do clube social, no final da década de 1990:	62
Figura 9 -Aula de inglês para as futebolísticas no clube Bonfim em 2011	71
Figura 10 -Alimentação para as futebolísticas no clube Bonfim em 2012.....	73
Figura 11 - Foto das futebolísticas do Projeto FFC em 2019 representando o clube social em suas instalações:	74
Figura 12 -Campeonato interno no areião do clube social por volta de 1998:	76
Figura 13 -Campeonato interno no areião do clube social em 2018.....	77
Figura 14 -Jogadoras da base da equipe do clube social no final da década de 2000:	81
Figura 15 -Jogadoras da base da equipe do clube social no final da década de 2000:	86
Figura 16 -Estatuto Social da Associação Pais e Filhos (APF).....	89
Figura 17 -Registro de fomento do Projeto FFC vinculado ao FIEC em novembro de 2020:	94
Figura 18 -Desenho feito pelas jogadoras em 2010 e compartilhado no blog da equipe:	99
Figura 19 -Página inicial do Campinas Futebol Feminino.....	100
Figura 20 -Divulgação da nova parceria, a partir da junção dos clubes representativos da cidade.....	102
Figura 21 -Dia de treinamento com as novas parcerias e uniformes representativos no início de março de 2020:.....	103
Figura 22 -Dia de jogo com as novas parcerias e uniformes representativos, utilizados também pela torcida presente, em 2019/2020.....	104
Figura 23 -Formalização da pertença do Projeto FFC:.....	105
Figura 24 -Dia de treino excepcionalmente no gramado principal do clube em 1997.	120
Figura 25 -Equipe reunida no campo de areião do clube Bonfim em 1996.....	122
Figura 26 -Jogadoras de base da equipe do clube social no final da década de 2000:	130

Figura 27-Equipe representante do clube Bonfim e da Prefeitura em 2012:**Erro! Indicador não definido.**

Figura 28-A base do Projeto FFC (2018): 135

Figura 29-Jogadoras representando o clube Bonfim na Taça Independência em Campinas:(1996/1997) 139

Figura 30-Campeonato da APESEC no clube Cultura em Campinas:(2000-2001):..... 140

Figura 31-Campeonato Interno Clube Bonfim (1996):Fonte: Projeto FFC 144

Figura 32-Uniforme novos da equipe em 2011:..... 145

Figura 33-Equipe sub 15 Projeto FFC, vinculado ao clube Bonfim e prefeitura de Campina, presente na Taça Cidade de SP em 2011 147

Figura 34-Desfile de abertura no Ginásio municipal Rogê Ferreira do Projeto FFC no campeonato municipal de futsal:..... 149

Figura 35-Equipe do Projeto FFC cumprimentando o adversário em torneio misto: 150

Figura 36-Turma experiente no viradão do esporte em 2018 152

Figura 37-Manual De Licenciamento 2020 162

Figura 38-Espaço de treino da equipe profissional do Projeto vinculada a AAPP 164

Figura 39-- Espaço de treino da equipe de base do Projeto vinculada a AAPP em 2020: 165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Entrevistas realizadas	25
Quadro 2- Cartas sobre si e o Projeto FFC.	35
Quadro 3- Interpretações e análises:	39
Quadro 4- Cronograma semanal de treinos no início de 2014:	69
Quadro 5- Categorias de formação do Projeto FFC	137

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAPP** – Associação Atlética Ponte Preta
- APF** - Associação Pais e Filhos
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBF** Confederação Brasileira Futebol
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- CND**e - Certidão Negativa de Débito
- CND** - Conselho Nacional de Desportos
- DIESPORT** - Diagnóstico Nacional do Esporte
- Edf** -- Educação física escola
- EUA** - Estados Unidos da América
- FEF/Unicamp** – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
- FFC** – Futebol Feminino Campinas
- FIEC** - Fundo de Investimentos Esportivos de Campinas
- FIFA** - Federação Internacional de Futebol
- IR** - Imposto de Renda
- JECs** - Jogos Esportivos Coletivos
- JEM** - Jogos Escolares Municipais
- ME** - Ministério do Esporte
- ONGs** - organizações não governamentais
- PNPM** - Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
- PNUD** - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- RE** - Raízes do Esporte
- SANASA**- Sociedade de Abastecimento e tratamento de água e saneamento
- SPM** - Secretaria de Políticas para as Mulheres
- TCLE** -- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.1 - JUSTIFICATIVA	18
1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
1.3 DESABAFO DE UMA PESQUISADORA	23
2. METODOLOGIA: AQUECIMENTO	26
2.1 ENTREVISTAS.....	28
2.2 OBSERVAÇÕES: QUARENTENA E RETORNO AO VESTIÁRIO.....	31
2.1.1.1 <i>Retomada gradual das atividades</i>	35
2.3 CARTAS.....	35
2.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	39
3. CONSOLIDAÇÃO E RECONHECIMENTO DE UM PROJETO DE FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES NA CIDADE DE CAMPINAS.....	45
3.1 A CIDADE DE CAMPINAS E SUAS OPORTUNIDADES ESPORTIVAS.....	47
3.2 O FUTEBOL FEMININO CAMPINAS INSERIDO NUM CLUBE SOCIAL.....	56
<i>Fase 1: a reivindicação do futebol por mulheres.</i>	60
<i>Fase 2: ampliação e adesões de futebolísticas não sócias</i>	64
<i>Treinadoras e diretores: novas buscas de espaço e representatividade</i>	67
<i>Atividades extracampo e espaços de treinamento</i>	70
3.3 APOIO GOVERNAMENTAL AO FUTEBOL FEMININO CAMPINAS.....	79
<i>Contexto político do apoio governamental ao FFC</i>	82
<i>Execução das políticas esportivas</i>	88
3.4 FUTEBOL FEMININO CAMPINAS E OS PERTENCIMENTOS À EQUIPE.....	96
<i>Primeira pertença clubística: clube social Bonfim</i>	97
<i>Contextos, comunidades, historias</i>	98
<i>Sentimento de pertença relacionado a militância e visibilidade</i>	101
<i>Embates: para além do pertencimento clubístico no futebol de mulheres</i>	104
4 PROJETO FFC: DRIBLANDO E RESISTINDO AOS DESAFIOS PARA OFERTAR A PRÁTICA DO FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES	109
4.1 FUTEBOL PARA MULHERES: UMA REIVINDICAÇÃO DE MÃES- JOGADORAS.....	110
4.1.1 <i>Reivindicação do espaço futebolístico do clube</i>	110
4.1.2 <i>Mães- Jogadoras</i>	116
4.1.3 <i>Desafios da iniciação futebolística de mães-jogadoras</i>	118
4.1.4 <i>Um aliado das mães-jogadoras: o treinador Mauro</i>	122

4.2 FORMAÇÃO DA BASE: INSERÇÃO E EVASÃO DE JOGADORAS.....	125
4.2.1 Adesão de jogadoras no FFC	125
4.2.2 Evasões na formação de jogadoras na base.....	132
4.2.3 Novas parcerias para manter o projeto vivo.....	134
4.3 CIRCUITOS COMPETITIVOS	137
4.3.1 Vestimenta	143
4.3.2 Oportunidades competitivas ofertadas pelo poder público	146
4.3.4 Competições Mistas	150
4.4. DIFERENTES FORMAS DE SE RELACIONAR COM A PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA POR MENINAS E MULHERES DO FFC.....	151
4.4.1. <i>Ingressando no ensino superior como estratégia para profissionalização</i>	153
4.4.2 <i>Mulheres em cargos profissionais no Projeto FFC</i>	155
4.4.3 <i>Elementos Migratórios</i>	158
4.4.4 <i>Novo licenciamento da Conmebol e o Projeto FFC</i>	161
4.4.5 <i>Vivências futebolísticas profissionais na quarentena</i>	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
APÊNDICES.....	192
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA	192
APÊNDICE B: ROTEIRO PARA CARTAS	194
APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
ANEXOS	198
ANEXO A: CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA COLETA DE DADOS.....	198
ANEXO B: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	198

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno social em constante transformação, entendido, atualmente, como um direito social. No Brasil, ele é reconhecido pela Constituição Federal de 1988, no Artigo 207: “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um” (BRASIL, 1988, s/p); e, também, pelo Estatuto da Criança e Adolescente, em seu Artigo 71, pontuando que “crianças e adolescentes têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (BRASIL, 1990, s/p). Além disso, o esporte é reivindicado globalmente pela Organização das Nações Unidas como um direito fundamental para todas, todes e todos, em prol de justiça e paz (GIULIANOTTI, 2012; ALTMANN; JACO, 2022, PASSERO *et al.*, 2021).

Esta dissertação aborda o esporte na esfera educacional e participativa, com princípios socioeducativos destinados à cidadania. Somando-se a essa noção, compreende-se também o esporte como uma prática de formação que educa o corpo e incita relações sociais transformadoras naquelas que dele participem (SOARES, 2017). Enquanto prática educativa e inclusiva, o esporte é permeado por elementos socioculturais que o compõem, como fatores de gênero, educacionais, socioeconômicos, de deficiência física ou mental, etários e étnicos, influenciando nas oportunidades esportivas para meninas e mulheres no país.

O relatório nacional do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), intitulado “Movimento é vida: Atividades físicas e esportivas para todas as pessoas” (PNUD, 2017)¹, evidencia um cenário alarmante e desigual em relação ao esporte como direito social, com níveis de iniquidade quanto a prática esportiva. Apenas 37,5% da população brasileira pratica alguma atividade física e/ou esportiva, e, nesse recorte, os homens têm 28,4% mais chance de praticar esportes do que as mulheres. A possibilidade de mulheres negras praticar esportes é 21% menor comparado com as mulheres brancas. Mulheres de estratos sociais mais baixos têm 26% menos de chance de ingressar na prática comparada com a média da população, e, quando a mesma é atravessada por alguma deficiência (física ou

¹ O link completo para leitura relatório do PNUD de 2017: http://www.each.usp.br/gepaf/wp-content/uploads/2017/10/PNUD_RNDH_completo.pdf

mental), esse número aumenta aproximadamente para 51% (PNUD, 2017, p.101-102).

Nota-se, pelos dados acima, que as disparidades de gênero, raça, geração e renda afetam diretamente as oportunidades esportivas da população. Tais aspectos também foram percebidos por pesquisadoras brasileiras e de outros países, como revelam os trabalhos de Nancy Theberge (1994), Jennifer Hargreaves (1994), Miriam Adelman (2003), Silvana Goellner (2005), Helena Altmann (2015) e Ludmila Mourão (2012). Tais autoras observam que há desigualdades entre homens e mulheres na vivência do esporte², principalmente no âmbito do futebol e futsal, acentuadas por: proibições históricas legitimadas por argumentos biológicos, pela discriminação e banalização das práticas esportivas realizadas por mulheres, e pelo acesso a prática esportiva através de políticas públicas.

No futebol, as desiguais oportunidades esportivas em relação às mulheres foram marcadas por violências simbólicas e políticas que deslegitimam a presença delas na modalidade, como exemplificado por Franzini (2005, p.316), que pontua o imaginário de que o “futebol é coisa para macho”; ou pelos próprios impedimentos legais à prática do esporte por mulheres, como entre 1941 e 1979³. Por sua vez, Goellner (2005) destaca que esse processo culminou na escassez de políticas de inclusão, seja nas próprias políticas públicas relacionadas, bem como nos clubes e projetos esportivos, para incentivar a prática de mulheres. Tais fatores realçaram a premissa da heterossexualidade compulsória⁴, classificando os corpos e as práticas esportivas em pressupostos binários (CAMARGO, 2018; DORNELLES, 2013; KESSLER, 2020).

As mulheres lutaram/lutam pelo espaço esportivo, criando suas próprias estratégias e redes de sociabilidades não-heteronormativas pelo país (BONFIM,

2 Ao usar o termo mulheres, procuramos manter no plural e também englobar as mulheres cis (cisgenderidade) e trans (transgenderidade). Em relação as futebolistas (majoritariamente cis) embora estejam colhendo frutos do crescimento da modalidade, outros debates relacionados as mulheres trans e travestis ainda estão negligenciados. Além disso, o termo mulheres aparece aqui “como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações” (BUTLER, 2003, p. 59).

3 O Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu por lei a prática de esportes considerados impróprios para meninas e mulheres. E em 14 de abril de 2021, tal lei [3.199/41] completa 80 anos desta efeméride.

4 Este termo representa uma estrutura de poder, como o racismo, homofobia e o machismo que reafirma a binaridade, e que perpetuam o privilégio de determinados grupos, os hierarquizando. Pressupondo a heterossexualidade como normal em relação a outras, representado por um casal complementar formado por um homem e uma mulher, se relacionam afetivo-sexualmente, e com papéis sexuais e sociais opostos.

2019), para usufruir de um espaço que é seu por direito e como exercício de cidadania. Esse reconhecimento também está retratado na literatura infantil, como no livro 'Leila Menina', de Ruth Rocha (2000, p.20): "E hoje em dia, no século XXI, as meninas jogam em todo lugar, jogam muito bem, e jogam até nas olimpíadas. Tudo porque um punhado de meninas resolveu lutar pelos seus direitos".

Atualmente, potencializado por movimentos sociais e esportivos de ampliação de direitos, o futebol é uma das práticas esportivas que mais vêm ganhando adeptas e participantes (JACOBS, 2014; GOELLNER, 2021; ALTMANN, 2011). No entanto, o crescimento dessa modalidade não está atrelado ao seu desenvolvimento e ampliação das oportunidades esportivas, e vem ocorrendo de forma bastante heterogênea nos distintos estados e regiões brasileiras.

A partir do futebol e futsal, problemáticas históricas emergem, como, por exemplo, a infraestrutura para prática, a oferta e permanência da categoria de base, a profissionalização de atletas, as questões de gênero, raça, sexualidade e classe, a promoção e organização de campeonatos, os direitos trabalhistas etc. (DARIDO, 2002; ALMEIDA, 2019).

O relatório oficial da FIFA "*Women's Football Member Associations Survey Report*"⁵ (FIFA, 2019), de 2019, destacou que, no Brasil, das 15.000 mulheres que jogam em times organizados no país, menos de 3.000 são registradas profissionalmente como jogadoras. Em relação ao futebol praticado por homens, há uma significativa diferença: 347.487 mil jogadores⁶ foram registrados no país, como destaca o estudo de 2018 da Confederação Brasileira Futebol (CBF, 2019) intitulado: "Impacto do Futebol Brasileiro"⁷

Quando o assunto são as categorias de base da modalidade, a diferença se torna ainda mais expressiva. O relatório da FIFA apontou 475 jovens jogadoras, abaixo dos 18 anos⁸, registradas em clubes brasileiros (FIFA, 2019). O estudo da CBF

5 O relatório oficial analisa por meio do status da modalidade globalmente o cenário atual do futebol de mulheres. Através de critérios como o número estimado de jogadoras, o número de jogadoras federadas no adulto e na base, a existência de órgãos gestores específicos e a representatividade feminina no comando da própria modalidade. O relatório pode ser acessado em: <https://img.fifa.com/image/upload/nq3ensohyxpuxovcovj0.pdf>

6 Analisando jogadores de 12 anos a 45 anos na esfera tanto profissionais como não profissionais (categoria de base).

7 Estudo realizado pela entidade da CBF em 2019 está disponível em: https://drive.google.com/file/d/1hs0xpPliPrvpMfSN_z8yvs84yNEdbhG/view. Último acesso em: 10 de abril de 2022.

8 Compreende as categorias de formação do sub 12 ao sub 18.

registrou 100 mil jogadores (de até 20 anos de idade) em clubes no país (CBF, 2018). O relatório da FIFA também constatou dados sobre as seleções nacionais. No Brasil, as seleções de base são a sub-17 e sub-20, tendo permanecido, entre 2018 e 2019, com seus cargos indefinidos. Além disso, apenas 1% dos cargos ligados ao futebol são ocupados por mulheres. (MENDONÇA, 2020).

Nesse cenário nacional de desigualdades, insurge a necessidade de problematizar os desafios para que meninas e mulheres consigam oportunidades esportivas dentro dessa modalidade. Como ações e projetos educativos subvertem e mobilizam a prática futebolística entre mulheres?

Nesse contexto, essa pesquisa investigou um projeto esportivo que oferta, há mais de duas décadas, a prática do futebol para meninas e mulheres na cidade de Campinas (SP), a fim de compreender as ações e estratégias educativas desta comunidade para transpor os desafios de ofertar a prática esportiva para tal grupo.

1.1 - Justificativa

O futebol e o futsal foram inspirações durante minha trajetória pessoal para conhecer outros esportes. Entretanto, o espaço escolar em que cresci foi marcado por experiências de proibições e mobilizações para reivindicar o direito de vivenciá-los nas aulas de educação física, principalmente quando a temática era futsal e eventos esportivos como os campeonatos interclasses. A motivação para ingressar, em 2013, no curso de graduação em Ciências do Esporte, criado em 2009 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi devido a distintas sensações que este esporte despertava em mim. Então, na graduação, passei a banhar-me de conteúdos pedagógicos, sociais e históricos do esporte, ampliando meu entendimento sobre o assunto, participando também na prática de campeonatos universitários como jogadora e treinadora, enriquecendo minhas vivências e experiências.

Meu envolvimento com a modalidade foi tão forte que iniciei estágios em projetos de extensão, como o Raízes do Esporte (RE), que visa o ensino misto das práticas esportivas (SILVA *et al.*, 2021). Na época, em 2017, só havia turmas de futebol no projeto RE para as crianças de nove a dez anos da comunidade localizada próxima ao campus da Unicamp em Limeira. Constituímos um projeto pedagógico que visava debates socioculturais e de gênero por meio do esporte, vinculados ao

referencial teórico da pedagogia do esporte (GAYA, 2012; GALATTI *et al.*, 2014; MACHADO, 2014; SCAGLIA, 2020).

A primeira turma era composta majoritariamente por meninos, com apenas 5 meninas, e delas, três continuaram na prática até o final das atividades anuais do projeto RE, com muita resistência e enfrentamentos. Foi criado ali um espaço educativo transgressor, com uma prática pedagógica em que todas as participantes desfrutavam e se sentiram pertencentes ao jogo e legitimadas em sua prática.

Vale ressaltar que a turma mista de futebol para crianças de 9 a 12 anos foi um dos maiores desafios da minha passagem na graduação. Mesmo realizando atividades voltadas para problematizar o gênero, a evasão das meninas seguia acontecendo, denotando como o abandono de meninas e mulheres do futebol ainda está associada a discursos e relações de poder. Ainda, essa evasão poderia surgir em qualquer momento, como resultado de alguma forma de discriminação.

Espaços que oferecem oportunidades esportivas enfrentam uma elevada taxa de evasão de crianças e adolescentes (BRASIL, 2015). Entre as meninas, essa taxa de evasão é amplamente significativa. Em pesquisa recente do Governo Federal, verificou-se que, entre as meninas de até 15 anos de idade, a taxa de evasão no esporte equivale a 34,8%; já entre os meninos, a taxa é significativamente menor, de 19,3% (BRASIL, 2015). Assim, o Brasil está caminhando a passos tardios para construção de propostas provedoras de oportunidades esportivas para mulheres no esporte (ALMEIDA, 2020; MINA, 2020; MOURÃO, 2020; PISANI, 2014; SALVINI, 2016).

Tais dados fazem-nos refletir para além da questão de adesão e permanência no esporte, isto é, problematizar o porquê distintas meninas e mulheres abandonam a prática. Considerando tal cenário, mesmo com significativa taxa de evasão por mulheres, há muitos espaços/projetos que persistem e seguem oferecendo a prática futebolística para elas. Mas, será que esses espaços/projetos são suficientes no país? Como eles estão se mobilizando para oferecer a prática esportiva?

Questões de gênero marcam as evasões e as oportunidades esportivas, tendo sido cruciais para compreender as desigualdades na prática do futebol, bem como suas possibilidades como um espaço transformador de realidade e pertencimento. A abordagem de gênero contribui para rejeitar o determinismo

biológico e estampa que as feminilidades e masculinidades associados ao sexo eram, de certa forma, construídas e reforçados socialmente, principalmente no esporte (ALTMANN *et al.*, 2011).

Neste caminho, essa pesquisa contribui na visibilidade e análise de espaços que ofertam e mobilizam oportunidades esportivas preferencialmente para meninas e mulheres, levando em conta que:

As carências de estudos qualitativos e quantitativos sobre a inserção de meninas através do esporte exigem mais investimentos. Não somente para gerar mais informações e pesquisas sobre participação de meninas e jovens no esporte, mas, também, porque com as informações levantadas torna-se possível orquestrar mais projetos esportivos para as meninas (BRAUNER, 2015, p.530).

A relevância do estudo encontra-se, então, na possibilidade de cotejar a influência e visibilidade de ações e espaços, sobretudo não formais, que oferecem oportunidades esportivas e que compreendem a valorização da vivência esportiva para distintas meninas e mulheres na prática futebolística.

Assim, o estudo possui, como ponto de partida, o intento em se debruçar criticamente e refletir sobre os desafios socioculturais e educativos de um projeto esportivo, o Futebol Feminino Campinas (FFC), que oferta, com alguma perenidade, espaços para democratização da vivência esportiva para crianças, jovens e mulheres.

A escolha do Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) se deu, primeiramente, por questões geográficas (se tratando da cidade em que a pesquisadora residia devido a inserção no Mestrado acadêmico em Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP em 2019); mas principalmente pelo Projeto fomentar, como objetivo central, a prática futebolística para centenas de meninas e mulheres da região metropolitana (cidade de Campinas-SP), de forma ininterrupta desde o ano de 1996.

O Projeto FFC tem seu polo no terceiro município mais populoso do estado de São Paulo, com intuito de formar atletas para a participação de campeonatos estaduais e também em ações privadas para representarem Campinas. Conta com mais de 100 meninas e mulheres, distribuídas em diferentes categorias e modalidades, como o futebol de campo, o futsal e o futebol soçaité⁹, intercalando em

⁹ O futebol soçaité é jogado numa quadra retangular com grama sintética, é representado por sete jogadoras.

campeonatos e espaços públicos e privados a realização de seus treinamentos e atividades. As categorias que envolvem o Projeto FFC são de meninas de 10 anos até mulheres de 55 anos, alocadas no esporte educação, competitivo, profissional ou apenas no esporte enquanto lazer.

A pesquisa investigou a estrutura e trajetória histórica a comunidade do FFC, principalmente no que tange à oferta de oportunidades futebolísticas para seu público-alvo nas mais diversas categorias de formação¹⁰. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso, compreendendo o período histórico das primeiras turmas de mulheres em 1996 dentro do Clube Bonfim, até a criação do Projeto e a realização desta pesquisa em 2020.

A comunidade do FFC e suas atuantes, mulheres de distintas gerações, evocaram saberes e vivências esportivas, enfrentando desafios, exercendo pequenas subversões para concretização de ações afirmativas do Projeto. Tais experiências foram organizadas a partir de entrevistas, observações de ações virtuais, e cartas, sendo, posteriormente, analisadas em diálogo com referenciais teóricos fundamentalmente pós-estruturalistas e que se aprofundam nos estudos de gênero desenvolvidos por pesquisadoras especialistas na temática.

Enfim, descrevemos a seguir a estrutura da dissertação, dividida em três capítulos, compostos pela introdução, um ensaio contextual, e outro que retratam as análises e discussões das informações principais desta pesquisa de campo atreladas à trajetória metodológica e ao referencial teórico.

1.2 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, ambos estão designados por uma analogia à linguagem futebolística, da preparação para o jogo até seus minutos finais e prorrogação. Para o entendimento do processo teórico-metodológico, no capítulo dois, intitulado '**Metodologia: Entrando em campo**', percorremos as trajetórias metodológicas da pesquisa realizada, as questões norteadoras e o objetivo geral, qual seja, investigar a trajetória do Projeto FFC na oferta de prática futebolística para distintas meninas e mulheres. Também são apresentados os objetivos específicos e a justificativa do caso estudado. Contextualizamos, ainda, o local e intempéries da pesquisa, as e os participantes, bem

10 De crianças de nove anos a mulheres com idades variadas.

Em sequência, o terceiro capítulo, denominado '**Consolidação e reconhecimento de um projeto de futebol de mulheres na metrópole de Campinas: Primeiro Tempo**', aborda aspectos territoriais sobre as oportunidades esportivas que circulam na metrópole campineira. Situa o Projeto FFC dentro do seu contexto sociocultural e histórico, mostrando as relações construídas ao longo do tempo, as quais pavimentaram um sentimento de pertencimento clubístico e sua influência na cidade.

Posteriormente, no capítulo seguinte, intitulado '**O Projeto FFC driblando e resistindo aos desafios para ofertar a prática futebolística para meninas e mulheres: Segundo Tempo**', apresentamos os resultados do processo analítico a respeito das percepções da comunidade do FFC – ex-jogadores e jogadoras, familiares e profissionais – em torno da oferta de oportunidades esportivas no Projeto. Inicialmente desencadeada por mães jogadoras dentro de um clube social, e com o passar do tempo, de faixas etárias e origens sociais variadas se apropriaram da prática esportiva de distintas formas e complexidades, com apoio do poder público.

Ao final, as '**Considerações finais: Prorrogação**', trazem conclusões finais da pesquisa e, a partir do percurso aqui trilhado, se apresenta como disparador de possibilidades e discussões futuras.

1.3 Desabafo de uma pesquisadora

Eu quero vacina, respeito, verdade e misericórdia.
(Maria Bethânia)

Queridas leitoras e leitores,

Antes de seguir com os tramites teóricos, abro uma licença poética para redigir, ou tentar esmiuçar em palavras o contexto pandêmico em que essa pesquisa esteve vinculada, ou em alguns momentos, esteve à deriva. O intuito aqui é fazer um panorama geral do que foi esse contexto tão impactante para a pesquisa como para a vida de forma planetária, trazendo os embaraços, os lutos, os enfrentamentos, os choros, que atravessam esse momento.

Antes de mais nada, desejo força e meus sentimentos por todas as pessoas que enfrentarem o luto neste período, para aquelas que seguiram o isolamento social apesar das dificuldades emocionais e políticas e que arriscaram suas vidas para salvar outras.

Inicialmente, no final de 2019, na China, que a doença do coronavírus¹¹ (COVID-19) foi detectada e se espelhou para todo o globo. Ela atingiu as pessoas acometendo desde sintomas leves como febre e ausência do paladar temporariamente, até casos mais graves vinculados a insuficiência respiratória aguda com necessidade de cuidados hospitalares intensivos, e em alguns casos a necessidade do instrumento da ventilação mecânica para respiração, na qual poucos sobreviveram.

No começo de 2020 já haviam sido contabilizados mundialmente 150 mil mortes pelo novo coronavírus. A grande escala mundial de contaminação e mortalidade pelo COVID-19 elevou o nível da doença, em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara¹² no início de 2020 a pandemia da doença da COVID-19.

Para combater a essa doença, a maioria dos países afetados começaram a implementar medidas preventivas para conter o contágio do novo coronavírus, entretanto, o Brasil foi negligente a não conseguir implementar um plano de ação que frisasse a segurança e a sobrevivência da população, se tornando um péssimo exemplo de gestão durante a pandemia¹³. infelizmente os números de óbitos embasam esses dados, um ano após a

¹¹ Doença infecciosa e viral, suas formas de transmissão ainda estão em investigação, porém a disseminação de pessoa infectada para outra, por exemplo a contaminação por gotículas respiratórias ou pelo contato. Como é uma doença recente ainda não está totalmente indicado com que facilidade o vírus se espalha entre a população. Nesse sentido precauções são necessárias medidas preventivas como o distanciamento entre as pessoas e uso de proteção através de mascarar.

¹² Para mais informações: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2.

¹³ Segundo a matéria da Folha de São Paulo em 28 de jan. de 2021, intitulado “Brasil é o país que lidou pior com a pandemia, aponta análise de 98 governos”:

declaração de pandemia da doença o número de mortes já ultrapassa mais de 400mil brasileiros¹⁴.

O boletim “Direitos na Pandemia – Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil¹⁵”, analisam que mesmo nesse momento caótico muitas vidas podiam ser salvas por meio de estratégias de sobrevivência e contenção da doença com um plano de ação objetivo e embasado na ciência. Violando extremamente o direito e preservação da vida da população.

Medidas provisórias e protocolos de segurança foram disseminadas e não acatados. Foram estipuladas normas que reforçavam o uso de máscara e higienização regular de objetos e das mãos, porém em muitos casos eram descumpridas e ridicularizadas. Reforçaram para evitar aglomeração com pessoas, mas políticos e pessoas influentes estavam aglomerando¹⁶ e incentivando outras a fazerem o mesmo¹⁷. O *(des)governo* brasileiro insistia/insiste em ir na contramão das medidas de isolamento social, e em muitos casos negando os efeitos da COVID-19.

Vindo à tona muitos problemas socioeconômicos, atreladas ao crescimento dos casos que faziam com que as internações e ocupações de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) nas capitais e no interior do Brasil ficassem sem leitos, pessoas morreram esperando sua vez de ser atendida. Mortes e mais mortes. O Brasil está morrendo de morte calculada.

Esse tipo *de (des)governo* me faz lembrar de Toni Morisson¹⁸ (2020, p.10) que escreveu há 26 anos que: “o fascismo produz o capitalista perfeito, aquele que está disposto a matar um ser, [...] ou a matar gerações para obter o controle” Resume, de forma atemporal o *(des)governo* genocida brasileiro e que se alastra até os dias dessa escrita

Esse contexto de isolamento social, ou crise social provocada pelo COVID-19, nos leva a constantes pensamentos: quais as prioridades enquanto sociedade trilhamos para promover a segurança social de forma justa? Quais os trabalhos que

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/brasil-e-o-pais-que-pior-lidou-com-a-pandemia-aponta-estudo-que-analisou-98governos.shtml#:~:text=O%20Brasil%20foi%20o%20pa%C3%ADs,tamb%C3%A9m%20tiveram%20notas%20muito%20baixas.>

¹⁴ Para informações atuais do número de óbitos pelo COVID-19 consultar: <https://covid.saude.gov.br/>

¹⁵ Para acessar o boletim: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>

¹⁶ Encorajamento de aglomerações e risco de contágio e distribuição do COVID-13:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/nos-ultimos-14-dias-bolsonaro-se-aglomerou-e-interagiu-sem-mascara-com-centenas-de-pessoas.shtml> e

<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-12-28/ricos-e-celebridades-como-neymar-assuem-risco-de-espalhar-virus-com-viagens-e-festas-de-fim-de-ano.html>

¹⁷ Informações sobre o desencorajamento do uso de máscara no link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/10/bolsonaro-quer-desobrigar-uso-de-mascara-por-vacinados-para-especialistas-e-uma-temeridade.ghtml>

¹⁸ Foi premiada com o Nobel de literatura em 1993, sendo a primeira escritora negra a recebe-lo.

estão no alto nível de contágio e que contribuíram para que esse cenário não fosse pior? E as pessoas que não poderiam parar e se isolar, como conseguiram sobreviver com o quase nulo amparo do Estado? E a ciência? Invisível para muitos, imprescindível para poucos e curandeira para todas, todes e todos? E a população? Parte dela já não está mais entre nós para contar[!].

Esse mesmo 2020, foi o ano que recebi o apoio financeiro da CAPES de apoio a ciência, em um período que a própria ciência, a base de opiniões sem fundamento estava sendo desvalorizada e cada vez mais cortes de verbas aconteceram, impossibilitando muitas pesquisas como essa fossem ao menos iniciados ou terminadas. Esse apoio financeiro foi essencial e primordial para a construção deste trabalho e principalmente para minha saúde mental, na qual alguns colegas não tiveram o mesmo destino¹⁹. Com apoio me mudei de casa em fevereiro de 2020 na Cidade de Campinas, para um local próximo ao terminal de Barão Geraldo, com o intuito de explorar os espaços da cidade e iniciar a pesquisa de campo, como também acompanhar as atividades acadêmicas, os treinos e jogos pessoais de futsal. Entretanto, como devem imaginar, tínhamos planos e sonhos que foram rompidos com esse novo contexto social avassalador e que englobava a saúde coletiva da população. Eu como uma pessoa introspectiva e agitada internamente, em um ano de quarentena fiquei cada vez mais introspectiva, principalmente preocupada com os enfrentamentos sociais e políticos que o país estava mergulhado.

Vi colegas morrerem, vi colegas perderem as estribeiras, vi colegas se aglomerarem de forma irresponsável em espaços públicos, vi colegas cada vez mais reclamarem de assédio e violências dentro de casa, vi colegas no esporte que mesmo sem remuneração não pararam de treinar e representar sua modalidade e sua equipe. São tantas coisas a compartilhar, ou a ânsia de compartilhar, que em muitos casos são impossíveis transformar em palavras.

Dentro dos meus delírios, me pergunto: será que a COVID-19 dará origem a novas transformações sociais, principalmente no contexto esportivo estudado aqui? Ou apenas reafirmar desigualdades sociais e econômicas, como também uma polarização e discrepância entre as modalidades e suas praticantes?

¹⁹ O número de suicídios na pandemia aumentou, principalmente para estudantes de universidades. Para mais informações ler: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/06/suicidio-de-tres-estudantes-nos-ultimos-dois-meses-acende-alerta-na-usp.shtml>

Enfim, sem mais delongas, e lhe digo, se chegamos sobreviventes até aqui nesse momento, foi porque estivemos nutridos por uma rede de apoios afetivos, sociais e econômicos, assim como a placenta que rega o bebê com suplementos essenciais para sua sobrevivência, e o Estado foi o pai que majoritariamente²⁰ abandona a criança sem querer ainda se responsabilizar pelos atos realizados.

2. METODOLOGIA: AQUECIMENTO

A metodologia deste estudo foi fundamentada em uma pesquisa qualitativa, assumindo uma abordagem descritiva, ou seja, partindo da descrição dos fenômenos históricos, sociais e culturais de comunidades e/ ou sujeitos, sendo que a realidade desses fenômenos não pode ser descoberta, mas sim interpretada e construída. Ao investigar por meio desta abordagem, Negrine (1999, p.61) propõe a preocupação com as "[...] relações e comportamentos complexos e subjetivos" da comunidade interpretada.

Com o intuito, então, de compreender a trajetória e as estratégias do Projeto FFC na oferta de espaços de vivências para meninas e mulheres no futebol e futsal na cidade de Campinas (SP), o delineamento metodológico pautou-se na entrevista semiestruturada, coleta de cartas virtualmente, observação de treinos e interações do Projeto nas mídias digitais.

Essa não é uma pesquisa etnográfica, no entanto, alguns dos princípios metodológicos desse tipo de investigação serviram de inspiração para o trabalho de campo que seria realizado, pois inicialmente, no cenário pré-pandêmico, a pesquisa se estruturava de forma presencial, com observações in loco. A partir de março de 2020, foi necessário migrar- unicamente- para o espaço digital, devido ao contexto social agravado pelo COVID-19, forçando alterações no desenho metodológico, os quais foram informados ao Comitê de Ética (CEP). A realização de um estudo de caso possibilitou uma visão detalhada das relações que envolvem o Projeto FFC e sua constituição. Daí, e devido às circunstâncias sociais enfrentadas no início do período de quarentena no Brasil, a decisão pelo estudo de caso, não a etnografia.

O Segundo Yin (2005, p.32) o estudo de caso contempla: “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu

²⁰ O estudo de Ana Thurler (2004) se atenta a esse complexo debate sobre alta incidência de crianças brasileiras sem reconhecimento paterno e sua deserção da paternidade.

contexto de vida real”. Neste caminho, Yacuzzi (2005, p.9) salienta em relação a esse método que: (...) “não apenas se estuda um fenômeno, mas também o seu contexto”. Desta forma, a pesquisa buscou compreender a trajetória e estratégias do Projeto FFC na oferta da prática esportiva do futebol a meninas e mulheres.

Stake (1995) propõe que o caso intrínseco seja conhecido e estudado em sua profundidade e dentro de seu contexto localizado. Especificamente nesta pesquisa, o objetivo foi conhecer o Projeto FFC, residente da região metropolitana de Campinas há mais de 25 anos. Ao focar em um projeto esportivo ligado ao futebol, a pesquisa auxilia na compreensão de estratégias para oferta de vivência do futebol e do futsal por mulheres e meninas. Dialoga com outros estudos em torno da temática, contribuindo com a produção científica na área.

O “caso” estudado nesta pesquisa é o Projeto FFC, que se constitui como um espaço geracional isolado na cidade de Campinas, que oferece a prática do futebol e futsal a crianças de forma contínua desde os nove anos de idade até a vida adulta, atualmente com a participação de mulheres de até 55 anos. Na tentativa de compreender este Projeto optamos por investigar esta comunidade que dá vida ao Projeto. Jogadoras de diferentes localidades, raça, classe e que vivenciam este espaço futebolístico. Como também, diretores e organizadores deste Projeto, treinadoras e treinadores e familiares das jogadoras, e constituem a comunidade esportiva estudada do Projeto FFC.

Assim, para seguir com investigação metodológica desta pesquisa foi importante definir quais os instrumentos que possibilitam explorar a relação entre os saberes e vivências desta comunidade esportiva com a trajetória do Projeto FFC. Nesse sentido, escolhemos as entrevistas semiestruturadas como meio de interlocução, pois dificilmente encontraríamos outro instrumento que possibilitasse conhecer a fundo a trajetória do FFC. A escolha pelas observações presenciais, registradas no diário de campo, descrevendo o dia a dia do Projeto FFC e suas encruzilhadas.

No entanto, com a proliferação da Covid-19- estratégias de contenção foram pensadas como a de quarentena,- na qual estende até os dias da escrita e qualificação desta dissertação. Em Anexo C detalhamos sobre esse contexto por aqui.

Em meio ao isolamento social, ocorreu então, o fechamento das atividades presenciais do Projeto em 2020. Logo, o campo da pesquisa esportiva passou por

significativas mudanças para se adequar as novas limitações impostas pela necessidade de distanciamento social. Exigindo que as estratégias metodológicas, que antes previam observações de campo e entrevistas fossem reformuladas.²¹

Então, a investigação neste gramado se orientou nas etapas e estratégias destacadas por Ludke e André (1986): a fase exploratória, em questão definidos o local, as participantes e as formas de coleta; a fase de decisão, que propõe uma organização dos dados obtidos e optando pelas questões mais importantes no que tange a trajetória e estratégias do Projeto FFC; e, posteriormente, a fase da descoberta, que consiste na explicação analítica da realidade imersa, na tentativa de procurar por princípios que regem as estratégias de sobrevivência do Projeto FFC e situar as várias descobertas num contexto mais amplo.

Durante a fase exploratória, as questões norteadoras deram o pontapé inicial na investigação e prepara do bate bola com as fontes. Foi o momento de estabelecer as conexões iniciais para inserção no campo, definindo com mais precisão os procedimentos e a instrumentalização da coleta, impulsionada por questões, como: de que forma se dava as estratégias propostas pelo Projeto FFC para seguir ofertando a prática de futebol e futsal na região metropolitana de Campinas? Como o Projeto foi se consolidando na cidade? Quais as dificuldades encontradas e que restringiram e desqualificavam a vivência destas meninas e mulheres? Principalmente quando atravessada por normas de gênero, classe, raça, etc.

Guinadas por estas questões, nos preocupamos nas próximas seções descrever sobre cada estratégia e instrumento metodológico desenhado para imersão no campo.

2.1 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas dois meses após o início da observação participante. As informantes-chave foram escolhidas a partir, então, do contato inicial dos profissionais responsáveis pela organização do Projeto, e que foram indicando possíveis interlocutoras para conversa posterior.

21 Foi enviada ao CEP uma emenda com os novos desenhos metodológicos ajustados para uma pesquisa de estudo de caso ambientada no espaço de educação informal e especificamente no campo virtual. Com aprovação da emenda oficial do CEP com os novos ajustes e parâmetros da pesquisa, dei os primeiros passos oficialmente no campo, entrando com o pé direito para atrair novas oportunidades de escuta das interlocutoras e futuros confrontos para os dados.

A partir de conversas com estes membros iniciamos uma busca de informações sobre possíveis interlocutoras que pudessem abranger um padrão amplo e ao mesmo tempo respeitando o objetivo desta pesquisa, como: ex-atletas, estagiárias, diretores do projeto, profissionais da áreas da saúde e treinadoras que passaram pelo projeto em fases diferentes em sua constituição e permanência. Foram contatadas sete participantes de distintas gerações e atuações dentro do Projeto. No Quadro 1 estão destacadas as participantes²²:

Quadro 1- Entrevistas realizadas.

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	CARGO, CATEGORIA E MODALIDADE NO PROJETO	TEMPO NO PROJETO
Mauro	55 anos	Pós-graduado em Educação física (Edf.)	Diretor e Treinador em ambas as categorias e modalidades	26 anos (1996 – atualmente)
Luís	26 anos	Graduado em Ciências do Esporte.	Auxiliar Técnico no sub 13 do futebol	6 meses (2017)
Naiane	28 anos	Pós-Graduada em Educação.	Ex-Jogadora e Treinadora no futsal do sub 11 e sub 13 e turma de experientes (acima dos 20 anos)	2 anos (2013-2015)
Joana	29 anos	Doutoranda em Edf.	Treinadora de futebol no sub13 e iniciação esportiva	1 ano (2017)
Tamires	26 anos	Graduanda em Edf.	Ex atleta no sub17 Futsal e Treinadora do adulto e sub 17 no Futsal.	3 anos (2014-2015) e (2019 – atualmente)
Sueli	55 anos	Empreendedora	Ex jogadora da equipe amadora do FFC	1996 a 1998, retornando em 2009
Vilma	42 anos	Engenheira química	Ex jogadora amadora do Projeto FFC	1996 a 1998

Fonte: elaborado pela autora.

Estas sete pessoas que aceitaram participar da pesquisa foram contatadas com o intuito de expor diferentes olhares para um mesmo Projeto, cada uma partindo de um lugar ocupado nele e que estabeleceram marcos importantes, como por exemplo, a constituição de novas categorias, primeiras mulheres treinadoras, entre outros fatores. São interlocutoras e interlocutores que contribuíram para a

²² A fim de resguardar o anonimato das interlocutoras, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios.

estruturação e formalização do FFC ao participar dele e principalmente organizá-lo enquanto Projeto.

Com as informantes contatadas, foi o momento de arredondar o roteiro²³ das entrevistas, no qual foi dividido em três partes. A primeira “*O futebol e eu*”²⁴ ressalta o olhar sobre as experiências das interlocutoras sobre sua inserção com a prática do futebol, a educação física escolar e o primeiro contato com o Projeto FFC. A segunda parte, “*O futebol e a comunidade esportiva do FFC*”, esboça o agrupamento das informações das interlocutoras sobre as práticas do Projeto como: o dia-a-dia dos treinos e jogos, processos de subjetividade e aprendizagem, constituição de projetos de vida e conflitos em torno do Projeto. Assim, foi possível compreender os saberes cotidianos e as estratégias na trajetória do FFC. E a última parte, denominada “*Pandemia*”, que direciona as questões em torno das vivências em momento de isolamento social e sua relação com a prática interdita do futebol e futsal no Projeto FFC.

As entrevistas foram iniciadas após o primeiro mês de observações, a partir de um agendamento prévio, e posteriormente gravadas com consentimento das e dos participantes. Contando a utilização das ferramentas e plataformas digitais como: Google Meeting e/ou Zoom. Escolhidas de acordo com a familiaridade das entrevistadas em relação aos aplicativos utilizados. A duração das entrevistas sofreu ajustes, para que não se alongassem no espaço virtual, em horários adequados às interlocutoras.

Todas as etapas das entrevistas estavam subsidiadas pelos discursos e práticas permeadas no e pelo Projeto FFC. As entrevistas foram transcritas e devolvidas às pessoas entrevistadas. Após este processo de validação, cada informante-chave autorizou o uso dos dados a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da iniciação da entrevista.

No entanto, destacamos que algumas interlocutoras potenciais não se sentiram confortáveis em participar da coleta de dados online devido a: enfrentamentos de lutos, processos emocionais em momento de quarentena, acesso limitado à internet e alguns conflitos em relação ao Projeto, como por exemplo:

23 Roteiro da entrevista completo no apêndice.

24 Representa aqui, a prática de brincadeira de bolas com os pés de uma maneira ampla e generalizada, por ser a modalidade mais comentada pelas informantes. Mas se encaixa na terminologia de futebóis apresentada anteriormente.

evadiram ou se distanciamento do Projeto e por motivos pessoais não quiseram falar sobre ele, alguns não responderam o contato inicial.

Outro fator desafiador e complexo para a pesquisa foi encontrar as mulheres que participaram da primeira geração do Projeto. Sentimos essa dificuldade agravada pela pandemia, mas também por algumas interlocutoras não conseguirem resgatar essa memória, tornando esse processo ainda mais difícil e que se estendeu pós processo de qualificação

2.2 Observações: Quarentena e retorno ao vestiário

Vale ressaltar, que nos meses antecedentes à aprovação do CEP, realizamos um pré-campo para conhecer o espaço, a dinâmica e a comunidade do Projeto de uma maneira geral e criar pontes para uma futura pesquisa neste espaço. Pois, antes de formular o objetivo desta pesquisa apenas conhecia o Projeto como adversário dentro de quadra

23/03/2020

Caros alunos, alunas e responsáveis,

Muitos de nós estamos em isolamento social buscando proteger a nossa saúde e a de nossas famílias do coronavírus. Além disso, ao permanecer em nossas casas, demonstramos um ato de respeito e cuidado com o próximo, pois a Covid-19 pode não ser uma ameaça a muitos de nossos alunos, mas proteger idosos e todas as pessoas nos grupos de risco cabe a cada um de nós.

Em decorrência da paralisação das atividades presenciais do Projeto FFC, por determinação governamental em razão do início da quarentena no final do mês de março de 2020, concomitantemente ao início das observações. Logo, o caminho da pesquisa de campo ganhou novos contornos técnicos e migrou para o formato online, no qual as atividades do Projeto FFC estavam sendo organizadas e assim se seguiram durante os oito meses. Foram cerca de quatro a três observações mensais realizadas por meio de aplicativos destinados a comunicação virtual.

Esse espaço online foi crucial quando a pandemia pelo Covid-19 chegou ao Brasil. Que durante a pesquisa passou por distintos estágios afetando diretamente as práticas futebolísticas e a população global:

- a) **Fase inicial:** de março a julho de 2020, não haviam previsões para a confecção de vacina e entendimento sobre o vírus em circulação. Esse primeiro impacto trouxe muitas incertezas, medos e multiplicações de mortes, em julho chegou ao ápice de mortes na região campineira. Tornando o envolvimento com a prática futebolística desestimulante. O

processo de treinamento foi fortemente afetado pelo contexto, nesta fase a circulação de pessoas foi totalmente isolada. A prática futebolística passou por nuances treinos eram aplicados de forma mais grupal e genéricas com variações de participantes que no caminho desistiram e algumas ingressaram, Segmentada por questões físicas como também táticas (análises de vídeos). Havendo uma nova sobrecarga para os profissionais da área para adaptarem a esse novo contexto

- b) **Fase intermediária:** Agosto 2020 a março 2021, o cenário de confecções da vacina já eram mais palpáveis e em alguns espaços já estavam acontecendo esse movimento importante de vacinação²⁵. Na região de Campinas os treinos presenciais estavam sendo retomados de forma progressiva e controlada, para as jogadoras profissionais já haviam sido retomadas.
- c) **Fase imunizante:** Abril de 2021 a atualidade, mesmo com a imunização a todo vapor, o contágio ainda pode ocorrer, ou seja, hábitos de segurança precisam cada vez mais ser reforçados e conscientizados, também nos espaços futebolísticos. Treinamentos, amistosos esporádicos e torneios com previsão de retomada começaram a ser restabelecidos presencialmente na região, e contam com responsabilidade coletiva das pessoas que ocupam esse espaço.

Neste cenário complexo e turbulento, de impedimentos e retomadas graduais do espaço físico, começamos a imersão no campo - inteiramente online-, a participação nos encontros virtuais, era a partir da divulgação no canal privativo do Projeto destinado apenas as suas participantes, no qual tive a oportunidade de vivenciar.

O Projeto utiliza duas mídias digitais para divulgação das aulas e planejamento da semana: o Facebook e o WhatsApp ambos de forma privada. Como já havia feito o contato prévio com os responsáveis para futuras entrevistas e apresentação da pesquisa, minhas primeiras inserções nos encontros virtuais do Projeto foi bem acolhedora por parte das jogadoras e treinadoras e ao mesmo tempo distante enquanto apenas ouvinte e expectadora sem participação ativa.

²⁵ Em Campinas- assim como no Brasil de forma geral, esse processo foi turbulento e mal organizado.

O espaço virtual para os treinos era organizado e aplicado de forma remota por treinadoras. Ao abrirem o espaço virtual criado, as jogadoras tinham o acesso liberado para participarem do treinamento, havia apenas algumas praticantes com a câmera ligada, pois o acesso à internet impossibilitava algumas de abrirem sua câmera, pois se consumia muito o sinal ou instabilidade para a transmissão. A sala virtual era inicialmente acessada pelo aplicativo do *Zoom* e posteriormente passaram usar o aplicativo *Google Meeting*. O treino reunia virtualmente cerca de 30 pessoas, que oscilavam na sala devido ao sinal da internet ou por questões pessoais, abarcando todas as categorias do Projeto. O número de jogadoras mudava de acordo com os meses e contexto em que a pandemia se encontrava/encontra.

As observações seguiram de forma não participante, o tempo para os treinos eram curtos e não haviam espaço para interações externas (como a de um contato com a pesquisadora) devido ao baixo tempo para execução do treinamento e também da distração que acabava acontecendo com a imprevisibilidade do formato virtual, mas difícil de serem contornadas.

Assim, ao acompanhar os encontros do outro lado da tela, estava atenta aos processos e trocas de conversas entre as integrantes presentes virtualmente e suas trocas com as treinadoras. Como era um grupo bem heterógeno, haviam participantes mais animadas e algumas que não estavam conseguindo acompanhar os treinos ou apenas desligavam a câmera e não interagiram com a turma.

Além do treinamento, aconteciam mensalmente outros tipos de encontros e possibilidade de diálogos, como por exemplo: reuniões entre as categorias sub 18 e com os pais das categorias menores, *lives* de jogadoras profissionais que fizeram sua base no Projeto e também de maio a agosto de 2020 reuniões abertas mensais com a psicóloga parceira do Projeto. Todos os eventos assim como os treinamentos, eram avisados previamente no domingo com a programação da semana, além de recados importantes ao longo da semana, principalmente sobre protocolos de segurança para futuros treinos presenciais e saúde coletiva em casa.

Desta forma, ao participar destas plataformas digitais como *WhatsApp*, *Facebook* e o *Zoom*, destinados a grupos privados compreendemos que os processos diários e estratégicos de enfrentamento da quarentena e atendimento era exclusivo via plataformas digitais e celulares. Aproximamos do dia a dia do Projeto FFC,

investigando suas aflições e ações diárias para seguir ofertando futebol e futsal para meninas e mulheres da região de Campinas, também em contexto pandêmico.

Neste campo complexo, além dos encontros online, aconteciam a troca de mensagens entre a pesquisadora e a comunidade (jogadoras, treinadoras e comissão técnica, familiares e psicóloga) do Projeto em aplicativos como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, com mais de 200 mensagens trocadas. Os assuntos destas mensagens variavam desde a situação dos treinos, o período histórico que passaram pelo Projeto FFC, os campeonatos disputados, vivências esportivas no Projeto, o remanejamento das aulas para o espaço virtual e os protocolos de segurança a serem implementados.

As mídias digitais e redes sociais são plataformas de socialização intensificadas em contexto pandêmico e, por isso, “não são uma ferramenta neutra tampouco mera facilitadora de contatos, já que passam a modificar as relações sociais de seus usuários” (MISKOLCI, 2018.p. 148-149).

Passamos então, a encarar o desafio de uma investigação que envolvia relações esportivas, afetivas e sociais mediada por um campo digital. Mariana Martins (2019) debate que o digital passa ser considerado contemporaneamente “como parte da corporalidade” (p.170). E complementa que “as mídias fazem parte da nossa vida cotidiana, integram nossos corpos, de modo que não vivemos com a mídia, mas no interior das mídias” (p.172). Em outras palavras, as relações sociais foram completamente transformadas pelas mídias digitais. E complementaria que no contexto inicial de isolamento social, as relações foram praticamente mediadas no ventre dessas mídias sociais.

Nessa imersão complexa do digital junto ao Projeto FFC, impulsionada pela internet²⁶, conhecemos o novo cotidiano online da comunidade, que assustava as jogadoras no início e ao mesmo tempo foi suprindo um vazio que a ausência do corpo em movimento e os encontros presenciais causavam no formato virtual. Nos primeiros meses, as mídias sociais foram ocupando esse vazio e logo foi também transbordando esse espaço, sobrecarregando também o espaço virtual, que muitas vezes para elas se tornava um campo árido.

Foi um processo nunca antes vivido por elas e por nós enquanto pesquisadoras. Tivemos dificuldades e barreiras para permanecer no campo como

26 A Internet tem como característica chave permitir comunicação a distância – e em rede – digitalizando a comunicação, massificada pelas tecnologias sem fio permeada também por questões históricos sociais.

também em alguns casos a oscilação da própria internet para comunicação com o campo, e o campo conosco.

2.1.1.1 Retomada gradual das atividades

A retomada das atividades presenciais aconteceu de forma gradual de acordo com o plano da prefeitura da cidade. Ou seja, retornando apenas a partir do momento em que a cidade aumentava o combate ao contágio do COVID-19, seguido as restrições e protocolos de segurança, que muitas vezes eram negligenciados causando descontinuidade no retorno de atividades presenciais.

No período de fase amarela, entre agosto e dezembro de 2020, em que a prática foi liberada, o Projeto foi estruturando um plano de retorno. Na primeira semana de outubro, voltaram com todas as categorias, seguindo restrições. Novas parcerias subsidiam estruturas de treino e equipamentos

Houveram então, dificuldades de retorno ao campo neste período curto e gradual, principalmente por questões de biossegurança, pois poderíamos assumir um risco de saúde coletiva, para nós e para a comunidade em nosso entorno. Devido a necessidade de condução via ônibus interurbano aos espaços de treino, e principalmente, por neste período de final de ano estarmos morando com pessoas do grupo de risco da doença causada pelo COVID-19, questões éticas chegaram a ser decisivas na condução desta pesquisa. Limitando, infelizmente, nosso acesso ao campo e alguns processos técnicos da pesquisa, como contatar e dialogar com interlocutoras presencialmente.

2.3 Cartas

Dada a impossibilidade de realizar entrevistas presenciais devido às medidas de segurança e ao isolamento social²⁷ causadas pelo COVID-19 e à dificuldade em realizar entrevistas virtuais com grande parte das jogadoras, adotamos então, uma nova estratégia metodológica: captação de cartas, através de relatos de suas experiências no Projeto. O uso deste meio foi, então, uma alternativa para as dificuldades que surgiram durante a quarentena, principalmente, relacionadas ao acesso à internet e questões emocionais, buscando outros meios para levantamento de material empírico.

²⁷ Diz respeito à separação de pessoas que tiveram contágio com a doença do COVID-19 das pessoas que não tiveram.

Richard Miskolci (2018, p.144), analisa a partir de estudos na área da sociologia digital, que a desigualdade no acesso à internet vai: “muito além do binário conectado ou excluído digital”, nos quais estão intrínsecos os elementos de classe, geração, gênero, raça, entre outros. Ponto no qual me fez refletir sobre as interlocutoras que podiam partilhar memórias e vivências cruciais para entender a trajetória do Projeto.

A escolha pelas cartas, então, surge como resposta intuitiva ao cenário remoto vigente durante o início da quarentena. A adoção dessa metodologia foi instigada pelas aulas e leituras da disciplina “Educação, arte e corpo” cursada em 2019 na Faculdade de Educação com as Professoras Eliana Ayoub e Marcia Strazzacappa, na qual durante a disciplina registramos através das cartas as vivências relacionadas a educação do corpo durante a infância. Como também, o texto “*Venho por meio desta...*” de Rosaura Soligo (2005) que foi crucial para enfrentar os desafios metodológicos ao utilizar as cartas.

O propósito desse processo com as cartas foi de coletar fragmentos *espaço temporais*²⁸ das interlocutoras que, como destaca Ayoub (2012, p. 258), “trazem marcas das inúmeras histórias singulares que os/as constituem”. São fragmentos que contam de forma pessoal o olhar das participantes sobre suas trajetórias no Projeto FFC:

O fato é que, pelas cartas, podemos dizer o que nos interessa – qualquer coisa. A carta é um gênero democrático. Flexível. Generoso. Quando somos nós a escrever, ela nos permite compartilhar, lamentar, aconselhar, informar, orientar, ensinar, lembrar, opinar, esclarecer, perdoar, pensar melhor, pedir ajuda... (SOLIGO, 2005, p.350).

Além disso, a carta se caracteriza por ser “um escrito que alguém envia a um ausente para lhe fazer ouvir seus pensamentos.” (GRASSI,1998, p.2), intensificando o contato com o outro que de alguma forma ausente ou muito presente criando “um espaço entre dois” (p. 3). Ela é diferente do diário pessoal e da autobiografia, principalmente pelos contrastes, como: ter um destinatário a ser encabeçado, e também o não desejo de publicar, que difere da autobiografia. É por esse caminho que reside sua potencialidade e escolha para esse objeto.

28 Este termo é um modo de escrever debatido nos textos de Nilda Alves (2003), instigando a pensar nas cartas uma linguagem e um ato de “superar a dicotomização herdada do período no qual se “construiu” a ciência moderna”. (p.66) Expondo outras formas de narrativas.

As cartas podiam ser escritas ou gravadas oralmente, para posteriormente serem enviadas por aparelho celular (equipamento que todas as interlocutoras possuíam), em um período de aproximadamente uma semana. As cartas eram endereçadas simbolicamente ao “Projeto FFC”. Ao propor um destinatário no ato da escrita, pode aguçar as memórias e lembranças das escritoras, sobre suas experiências e vivências junto ao Projeto, exercitando também a autorreflexão.

Primeiramente compilamos as principais interlocutoras potenciais impossibilitadas de participar das entrevistas online e em sua maioria eram jogadoras mais experientes do Projeto. No primeiro contato com elas, obtivemos resposta instantaneamente, e na mesma semana escreveram as cartas. Nesse processo de reflexão e leitura das cartas que estavam chegando, questionamentos e problemáticas apareciam, principalmente em compreender qual a população específica estávamos abrangendo e como elas nos ajudariam a responder o problema de pesquisa.

Então, instituímos um novo olhar no qual não estávamos nos atendo, abrindo um leque para outras perspectivas, abrangendo também os homens do Projeto, pois ao ler algumas das cartas que já foram rapidamente respondidas e nas quais muitas delas evocavam o nome de muitos treinadores em suas memórias. Neste caminho, foram contatados dois treinadores citados na carta e que conseguiram participar da coleta dos dados.

Posteriormente, ao ler as cartas algumas questões estavam aparecendo sobre o FFC que nas entrevistas guiadas não estavam. Inspirada pelas cartas foram contatadas mais mulheres (ex jogadoras ou profissionais do FFC), que foram citadas diretamente também nas cartas de suas colegas. Incorporando interlocutoras que tinham alcance com a internet, afim de ter perfis heterogêneos dando maior confiabilidade para os dados coletados, como nas entrevistas. Deste modo, após o convite as novas participantes aceitaram e também entregaram as cartas no período definido.

No que começou como instrumento de coleta para tornar acessível a participação em um contexto social turbulento, se tornou ao longo do processo uma rica e complexa experiência de troca de cartas e posicionamentos entre interlocutoras, coletando indicativos dos modos como a comunidade do FFC percebe e retrata a sua realidade baseado no Projeto, estabelecendo informações perenes que traziam elementos importantes para pensar o problema de pesquisa.

De forma geral, então, foram 11 participantes que escreveram as cartas, no quais: seis informantes eram atletas no atual elenco e tiveram toda sua base realizada no Projeto, e que ganharam bolsa de estudos, disputando modalidades de futebol de campo e futsal e atuando na equipe profissional; uma informante que após passar pela base do Projeto conseguiu uma bolsa de intercâmbio; uma informante que chegou direto na categoria adulto; uma informante que se afastou do projeto durante a base; e dois informantes que atuaram como treinadores no Projeto.

A seguir, o Quadro 2 expõe as informações das interlocutoras, destacando idade, formação a carreira esportiva e a modalidade em que participou e tempo no FFC.

Quadro 2- Cartas sobre si e o Projeto FFC.

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	CARREIRA, CATEGORIA E MODALIDADE NO PROJETO	TEMPO NA BASE NO PROJETO
Laís	26 anos.	Cursando Edf., na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa estudos junto ao projeto.	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal e agora está na categoria adulto.	11 anos
Carol	20 anos.	Cursando Edf. na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa junto ao projeto.	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal e agora está na categoria adulto.	6 anos
Alana	26 anos.	Cursando Edf. na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa junto ao projeto.	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação e sub 17 agora está na categoria adulto.	10 anos
Carol	20 anos	Cursando Edf. na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa junto ao projeto.	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação e sub 17 agora está na categoria adulto.	3 anos
Julia	25 anos	Cursando Edf. na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa junto ao projeto.	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação e sub 17 agora está na categoria adulto.	5 anos
Lídia	24 anos	Cursando Edf. na instituição Anhanguera Educacional, através de bolsa junto ao projeto	Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação e sub 17 agora está na categoria adulto.	10 anos

Luana	32 anos	Doutora em Educação Física.	Atleta Semi-Profissional ²⁹ , atuou no projeto na categoria adulto no futsal.	Não fez no projeto
Katia	20 anos	Cursando Ciências do esporte.	Atleta amadora, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação (12 aos 16 anos)	4 anos
Cristiana	28 anos	Intercambista nos EUA. Formada em Edf.	Ex-Atleta Profissional, Atleta Profissional, atuou no projeto no futebol e futsal nas categorias de iniciação e realizou intercambio esportivo.	4 anos
Gustavo	29 anos	Formado em Edf.	Treinador atuou no projeto na categoria adulto no futsal.	2 anos
Fagner	30 anos	Formado em Edf.	Treinador atuou no projeto na categoria adulto no futsal e futebol	5 anos

Fonte: elaborado pela autora.

E assim, em meio a complexa entrada no campo e ao mesmo tempo estimulante, a coleta de dados se deu a partir das seguintes fontes:

-registros escritos de observação no campo de treinadoras, do cotidiano do Projeto FFC, e as demandas das jogadoras.

-observações em rodas de conversas virtuais com outros profissionais como psicólogos e atletas profissionais do Projeto.

-coleta de depoimentos e conversas informais com ex-atletas e ex-profissionais do Projeto que aceitaram participar de forma virtual.

-entrevistas com cinco profissionais que atuaram junto ao FFC e construíram sua trajetória.

-análise de narrativas de si e aprendizados destacados pelas integrantes do projeto, através de cartas e/ou objetos pessoais.

-fotos históricas e oficiais do Projeto FFC.

2.4 Análise dos dados

Partindo, enfim, para o caminho metodológico da análise das fontes, ou melhor das diferentes fontes que esta pesquisa contém, perigos, confrontos, e possibilidades interpretativas para nós empenhar em traduzir através de palavras as partilhas das interlocutoras e problemáticas apontadas. Por este caminho, Bakhtin

²⁹ Este termo refere-se à ausência de um contrato profissional com registro em carteira de trabalho.

(1992) destaca que a palavra traz em si significação histórica e culturalmente constituída, ampliando ainda mais os desafios de interpretá-las.

Em consonância, na busca por uma versão escrita e analítica as falas foram rigorosamente preservadas da maneira que foram ditas e escritas na pesquisa de campo, se atentando a linguagem, as gírias, ao não dito e às expressões, resguardando suas significações. Foram observadas também as repetições de determinados temas e a discordância ou concordância entre as visões das interlocutoras.

Para subsidiar essa análise foi escolhido o método de análise de conteúdo, que identifica os “núcleos de sentido” da comunicação, atentando para os conteúdos frequentemente manifestados. Bauer (2002) nos auxilia a olhar para a análise de conteúdo como uma forma de reconstruir valores, preconceitos, atitudes, utilizando duas dimensões para a análise: a semântica e a sintática.

A sintática é designada pelo o que é dito e seus temas recorrentes; já a semântica se relaciona com as formas de expressão dos sujeitos, “a frequência das palavras sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas” (BAUER, 2002, p.192).

De forma sistemática e rigorosa, as palavras foram enumerando-se e classificando-se em um constante processo de autorreflexão e questionamento, para conseguir revelar suas características. Esse processo foi feito em três etapas, como destaca Fonseca Junior (2005): “a) recorte: escolha das unidades; b) enumeração: regras da enumeração; c) classificação: escolha das categorias” (p.294).

As entrevistas seguiam um fluxo de análise mais direto, ou seja, no ato da entrevista foi possível ir direcionando as perguntas para que seguissem caminhando próximos dos objetivos, em alguns casos as entrevistas tomavam um rumo que não estava presente neste roteiro semi estruturado previamente preparado, encorajando a fazer intervenções quando necessário. No entanto:

O modo de analisar as cartas era diferente. (...) A principal consequência dessas mudanças de percurso durante a pesquisa é a percepção que perguntas que pareciam insignificantes tornaram-se fundamentais e vice-versa. A lista de porquês começou a aumentar (...) entendemos que qualquer explicação de como a pesquisa foi conduzida constitui-se numa nova narrativa, que pode ser descontextualizada futuramente. (...) Em segundo lugar, como decorrência deste primeiro item, compreendemos que o processo de estranhamento como distanciamento não é apenas com relação às fontes, mas também com relação às nossas próprias escolhas metodológicas e os resultados destas escolhas. (...) As novas perguntas só surgem quando

continuamos a estranhar as fontes. E para que continuemos a estranhar as fontes, precisamos estranhar a nós mesmos, nossas certezas e nossas narrativas (AGUIAR, 2012, p. 6579-6580).

As interlocutoras ao escreverem as cartas partem de sua subjetividade, não seguem um roteiro prévio, tornando sua análise e interpretação complexa. Forçando o que as palavras ousam dizer, ou melhor gritar, para serem escutadas, escrevendo sobre seus espaços de identidade e pertencimento.

Ao direcionarem o Projeto como remetente, escolhem o que quer ser dito e escutado e posteriormente compartilhadas, portanto, destinam e suas escritas, elementos íntimos e pessoais, ao mesmo tempo que encaminham elementos do coletivo. Enfatizando seus (des) caminhos atrelados a sua trajetória e do próprio Projeto. Entretanto, não basta examinar a carta apenas pela ótica de quem a escreve. Imprescindível alcançar também as leitoras e leitores, investigando os sentidos que a carta propõe em sua dimensão social. Nesse desafio a dificuldade é tamanha, entra o distanciamento e o estranhamento, do dito e não dito. Neste caminho que sua interpretação só é possível por meio da observação e questionamentos sobre os sinais e indícios na narrativa das cartas, que são as “zonas privilegiadas”, potentes para ajudar a interpretar uma realidade “opaca” (GINZBURG, 1989, p. 177).

O processo metodológico e interpretativo com as cartas foi desafiador, pois, não se verificou em estudos anteriores na área do futebol e futsal de mulheres a utilização semelhante à que se propõe neste trabalho. Além disso, havia cartas escritas de forma objetiva, isto é, abordavam em poucas linhas o que foi requerido. Há algumas cartas que citam alguns conteúdos de maneira generalizada, com ausência da especificidade do local e sua temporalidade na escrita, como por exemplo: "eu fui campeã pelo Projeto".

Então, para seguir o rigor analítico das entrevistas, as 11 cartas foram permeadas pelos idênticos eixos básicos da entrevista: “eu e o futebol”, “eu e o projeto” e “pandemia”. Com o intuito de elaborar, no quesito teórico os modos de expressão que podem traduzir seu sistema simbólico. Assim, o foco para sua análise se deu, portanto, numa avaliação reagrupamentos a respeito das experiências e histórias que foram levantadas nesses eixos. Como por exemplo, as vivências em campeonatos; sentimento de pertencimento ao Projeto FFC; motivos evasivos do Projeto; organização e desafios de um Projeto, foram as temáticas mais presentes na enunciação das interlocutoras das cartas.

Por fim, ao analisar as cartas:

[...] reconhece-se que seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propaganda e outros), o que a faz afirmar que, embora sendo cartas, não são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas: nos negócios, nas relações pessoais, na burocracia, no trabalho. (BEZERRA, 2003.p. 210).

Enfim, ao sintetizar o processo teórico metodológico desta pesquisa, o Quadro 3, abaixo, demonstra a categorização e interpretações desafiadoras a partir dos materiais e partilhas:

Quadro 3- Interpretações e análises:

Objetivos da Pesquisa	Classificação	Sintática
<p>Investigar a trajetória e a estrutura (de 25 anos) do Projeto Campinas Futebol Feminino (1996-2020)</p>	<p>Organização e história</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Mães jogadoras -Trajetória de 25 anos do Projeto. -Formalização e estratégias de sobrevivência na oferta de espaços para a pratica de futebol e futsal -Estrutura de treinos do projeto: sub 11,14,18, escolinha, adultos e experientes. -Futebol, futsal e Futebol de 7. Parceria com locais públicos e privados para ofertar essas modalidades -Exigências para participar do projeto -Estágio não remunerado -Bolsas para permanência e para formação acadêmica Parceria com ambiente Universitário. -Competições, viagens e lugares visitados através dos jogos -Treinamento na pandemia. -Nova sede

<p>Analisar narrativas e trajetórias das participantes (atletas e ex-atletas, Profissionais, pais) em relação ao Projeto.</p>	<p>Estratégias de sobrevivência das jogadoras e treinadoras</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Sacrifícios; nem tudo são flores (palavras nativas) -Edf escolar: apoio de professoras e inserção no FFC -Evasão da pratica: por mobilidade urbana, projeto de vida, fatores econômicos. -Conflitos com a lesbianidade e religião -Posicionamento feminista -Apropriação distinta da pratica esportiva por classe -Alimentar sonhos
<p>Compreender a trajetória do Projeto também em contexto de isolamento social.</p>	<p>Comunidade esportiva e relações afetivas</p>	<p>Filhas; crias, sangue grená (palavras nativas) FFC: Escola de aprendizado</p> <p>Processos subjetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Espelho entre as gerações -Conflitos internos -Ambiente Competitivo -Atividade extra campo: Grupo de estudos e interdisciplinaridade. -Relevância de espaços para a prática de futebol e futsal por -mulheres -Mediação; -Quarentena, isolamento e saudade. -Treinadores relatam transformações pessoais, enquanto treinadoras e jogadoras relatam os desafios e/enfrentados: luta e não concessão por espaço!

Fonte: elaborado pela autora.

Em suma, durante estes deslocamentos e conflitos imprevisíveis, aprendemos a mergulhar no processo constante de se (re)construir como uma pesquisadora e responder às dificuldades no decorrer da pesquisa. A adaptabilidade, a empatia e a transparência no pensamento metodológico foram fundamentais para prosseguir e responder às demandas que estavam surgindo ao longo do caminho e que vieram com grandes desconfortos, estimulando resoluções que abarcassem essas demandas e que pudessem, assim, ajudar a continuar com a pesquisa.

No próximo capítulo, iniciamos um levantamento sobre quem é o Projeto FFC localizado na cidade de Campinas. Juntamente com um panorama social e de

oportunidade esportivas na cidade e no clube social que subsidiou a estrutura para a prática do Projeto por mais de 20 anos. Além disso, descrevemos em consonância com a literatura da área as problemáticas que levaram a construção dessa pesquisa. Posteriormente, no capítulo quatro, as categorias emergentes no quadro acima serão esmiuçadas.

3. CONSOLIDAÇÃO E RECONHECIMENTO DE UM PROJETO DE FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES NA CIDADE DE CAMPINAS.

Se tivéssemos mais projetos como este a realidade, não só minha, mas de muitas outras meninas/mulheres e suas relações e oportunidades com o Futebol seriam diferentes. (Carta de Luana³⁰)

A referência do projeto esportivo, citada por Luana, é o Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC), objeto desta pesquisa. Seu reconhecimento foi mencionado por todas as interlocutoras deste estudo (treinadoras, jogadoras, profissionais da área, familiares, etc.), seja por meio das cartas, de depoimentos online e/ou entrevistas. Assim, o FFC se destaca no município de Campinas pela construção de oportunidades esportivas destinadas a meninas e mulheres na prática futebolística desde a infância e, conforme argumentamos ao longo desse capítulo, se constitui como espaço privilegiado ao futebol de mulheres há mais de 25 anos.

O Projeto FFC nasceu em Campinas, a 68km a noroeste da cidade de São Paulo, no interior do estado. Sua formação foi decorrente de uma longa trajetória de batalhas por oportunizações de espaços para vivência futebolística de meninas e mulheres em um clube social. Neste caminho, houve um processo associativo (SILVEIRA; STIGGER, 2013) e de pertencimento entre o treinador Mauro³¹ junto à comunidade de futebolísticas, envolvendo mulheres de distintas idades. Um dos objetivos do FFC, desde seu surgimento, é oportunizar o esporte para centenas de meninas e mulheres, incluindo modalidades como futebol, futsal e futebol de 7.

A organização do Projeto é feita pelo oferecimento de treinamento futebolístico para crianças de 9 anos até mulheres de 55 anos. Na iniciação esportiva, crianças e jovens são agrupadas por faixas etárias, que possibilitam a continuidade esportiva de forma geracional. O intuito é construir uma carreira esportiva e, simultaneamente, um espaço de socialização e lazer (CAMPINAS, 2020). A inserção destas futebolísticas é feita através do compromisso com o pagamento mensal de

30 Luana de 32 anos, participou desta pesquisa através da escrita de sua experiência com o Projeto FFC através de uma carta enviada de forma online, devido as circunstâncias da COVID-19. Não atuou na base do Projeto, chegando diretamente no adulto.

31 Mauro de 55 anos foi um dos entrevistados desta pesquisa. Atua no Projeto como treinador desde a criação da primeira equipe de mulheres em 1996 e foi um dos idealizadores do FFC. A entrevista foi realizada no dia 20 de maio de 2020, com aproximadamente duas horas de duração.

uma taca, que pode ser flexível de acordo com a situação econômica e contexto familiar da participante.

A escolha do nome do projeto, Futebol Feminino Campinas³², buscou associar seu intento ao público-alvo e sua localidade, respectivamente. Destaca, também, uma das três modalidades ofertadas, o futebol, que além ser um fenômeno sociocultural e de expressividade brasileira, reverbera embates históricos no país (DAOLIO, 2000). Um destes embates se deu pela interdição oficial pelo extinto Conselho Nacional de Desportos (CND), entre os anos de 1941 e 1979, proibindo a prática esportiva “não adaptáveis ao sexo feminino”³³. O futebol esteve entre as vivências esportivas invalidadas às mulheres por não reforçar a representação normatizada de feminilidade (GOELLNER, 2005). Apenas em 1983, a prática da modalidade foi regulamentada oficialmente. Utilizar os termos ‘futebol’ e ‘feminino’ em sua nomeação ressoa como forma de posicionamento e demarcação deste projeto.

Entretanto, como nos alerta Joan Scott: “Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (1995, p.71). Escrever sobre projetos esportivos, como o FFC, vai além da compreensão de seu nome e seus signos enquanto escola de educação não-formal de futsal, futebol de 7 e futebol para meninas e mulheres; é também visibilizar sua história e desafios em torno da sua consolidação enquanto um projeto central para meninas e mulheres no interior de São Paulo, carregando especificidades, um contexto geográfico, político, social e comunitário de muitos embates.

Iniciaremos a análise do FFC a partir da sua localidade, visto que é importante contextualizá-lo dentro de seu espaço geográfico e social, observando as desigualdades existentes em relação as oportunidades específicas deste território. Já o item seguinte, 3.2., trata sobre as origens do FFC inserido em um clube social, e as especificidades desta relação longínqua que contribuíram para o crescimento e

32 Claudia Kessler (2020) discute sobre a terminologia “futebol feminino” em seu estudo, a autora expõe que o termo feminino pressupõe “noções de feminilidade ressaltadas pelo senso comum, estigmatizando as mulheres e cobrando delas atributos como sensualidade, fragilidade e delicadeza” (KESSLER, 2020, p.49). A autora enfatiza o uso da terminologia “futebol praticado por mulheres” como uma forma de reivindicar uma necessária adequação às mudanças sócio-históricas existentes” (id.ib., p.49), regozijando a prática por e para elas. Fora dos espaços acadêmicos, essa terminologia passa a ser cada vez mais conhecida. Porém, pensar na força cultural que ela representa e que alguns espaços futebolísticos vêm debatendo é mais potente que apenas a troca de termos sem compreender o que ela representa.

33 Revista Educação Physica n.º 59, outubro de 1941, p. 75.

reconhecimento do FFC. Posteriormente, o item “3.3 Apoio governamental ao FFC” aborda as leis de incentivo ao esporte do estado de SP que impactaram o Projeto, refletindo sobre a importância destas ações para oportunizar e dar continuidade para o Projeto. No item “3.4 O Projeto FFC e os pertencimentos clubísticos” será discutido sobre as particularidades da nova parceria estabelecida com um clube futebolístico da cidade, como também do clube social. E como essas relações representativas consolidou um sentimento de pertença à prática futebolística na comunidade do FFC.

3.1 A cidade de Campinas e suas oportunidades esportivas

Projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) está, há 25 anos, situado na cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo (SP). De acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁴ de 2019, a metrópole³⁵ abriga mais de um milhão de habitantes e apresenta uma semelhança com outras metrópoles do país, seja pelas taxas expressivas populacionais e, também, pela periferização do espaço territorial (CAIDO, 2003; HOGAN, 2001).

Campinas está entre as cidades mais desenvolvidas do Brasil, conforme o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³⁶, e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Desde 2000, é sede da Região Metropolitana de Campinas (RMC), criada pela Lei Estadual Complementar nº 870, de 19 de junho daquele ano. Ela compreende mais de 21 municípios³⁷, sendo a segunda maior população metropolitana do Estado de São Paulo ultrapassando 3,1 milhões de habitantes.

Figura 1 - Municípios da RMC

34 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/campinas.html>. Último acesso em: 11 ago. de 2021.

35 Campinas foi o primeiro município no Brasil a ser designado como metrópole sem ser uma capital.

36 Calculado pelo Programa das Nações Unidas que verifica o desenvolvimento social-econômico populacional. Em 2010, Campinas atingia a 28ª posição entre os 5.570 municípios brasileiros, segundo o relatório de informações sociais de 2016. Disponível em: <https://smcais-vis.campinas.sp.gov.br/relatorios/relatorio-de-informacoes-sociais-do-municipio-de-campinas>. Último acesso: 8 set de 2021.

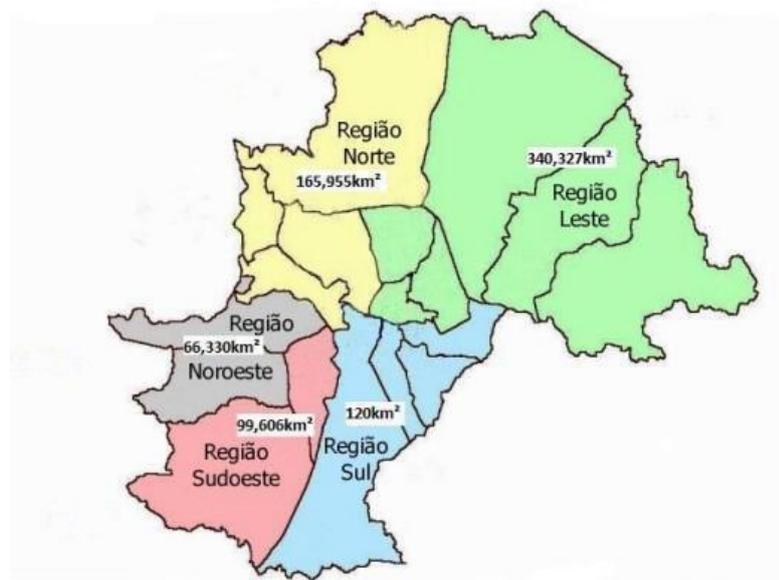
37 Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara d'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo.



Fonte: elaborado pela autora.

A gestão municipal organiza seus territórios em microterritórios e regiões. No total, Campinas possui cinco regiões – Leste, Noroeste, Norte, Sudoeste e Sul - conforme a política municipal de assistência social. Como ilustrado na figura 2 abaixo.

Figura 2 - Mapa da Metrôpole de Campinas com as cinco regiões e a área ocupada:



Fonte: Relatório de informações sociais de Campinas (2016, p.11).38

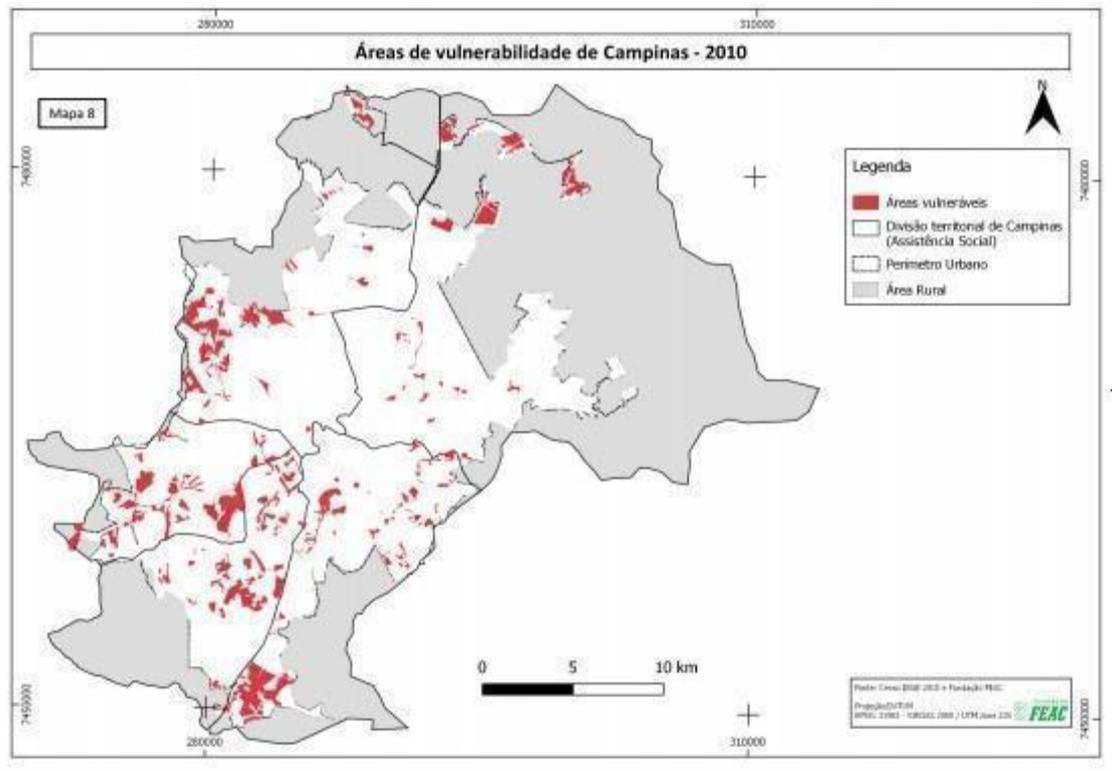
38 O relatório completo está disponível em: <https://smcais-vis.campinas.sp.gov.br/relatorios/relatorio-de-informacoes-sociais-do-municipio-de-campinas>. Acessado em: 20 de ago. de 2021.

O mapa (Figura 2), além de expor a divisão regional, também ressalta a área ocupada pela população. Há alguma disparidade entre a área de ocupação entre as regiões campineiras: a Noroeste, a de menor extensão territorial, possui cerca de um quinto do tamanho da Leste, a maior do município. São áreas contrastantes também quanto aos cenários socioeconômicos e de vulnerabilidade social.

O mapa abaixo (Figura 3) apresenta uma parcela destes problemas, destacando as contratantes áreas de vulnerabilidade social da cidade em 2010. Realizado pela Fundação Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC), através do diagnóstico socioterritorial de Campinas³⁹, o mapeamento teve como objetivo de identificar os dados de vulnerabilidade social de Campinas em escala microterritorial e contribuir para subsidiar projetos que ajudem no combate à vulnerabilidade social da cidade. A perspectiva de vulnerabilidade social é compreendida, aqui, como parte do condicionante – para além da questão financeira – da distinção dentre as pessoas ou familiares em termos: “da incapacidade de resposta frente à contingência [...] e uma inabilidade para adaptar-se ao novo cenário gerado pela materialização do risco” (CEPAL, 2002, p.1).

Figura 3 - Áreas de vulnerabilidade Campinas

39 Link para acesso do Diagnostico socioterritorial de Campinas: https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Diagn%C3%B3stico-Socioterritorial-13_07_18.pdf – Último acesso em: 8 set de 2021.



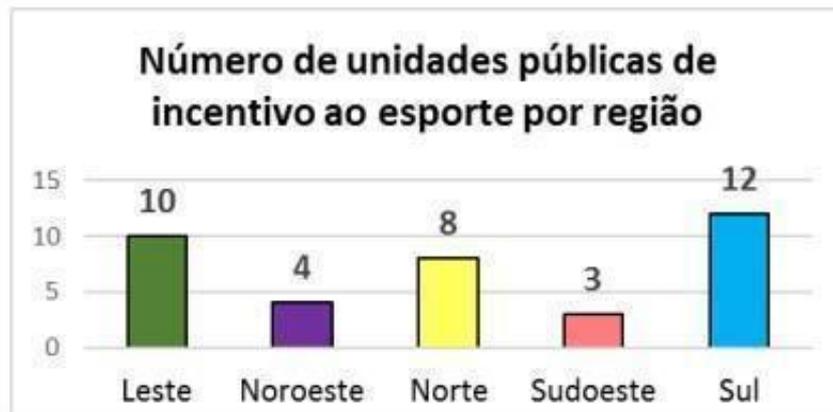
Fonte: Fundação FEAC.

Constatamos que, além de algumas “ilhas” de áreas de vulnerabilidade social em pontos centrais da cidade, a grande maioria da população desamparada se concentra nas regiões periféricas. Exatos 20,4% de campineiros e campineiras (220.499 pessoas), se encontravam, em 2010, em situação de vulnerabilidade social. As regiões Noroeste e Sudoeste e um setor da região sul abrigam grande parte desse alarmante indicador, que impacta, principalmente, jovens - a mesma pesquisa da FEAC aponta que um quarto deles e delas estão em situação de vulnerabilidade. Neste grupo, estão inseridas muitas jogadoras do Projeto FFC.

De forma geral, o breve panorama sobre a cidade de Campinas permite destacar que a metrópole possui alta densidade populacional, com desiguais distribuições socioeconômicas - principalmente em relação aos espaços de alta vulnerabilidade social - tornando o direito e a vivência esportiva também desiguais para parte da população (UNGHERI; ISAYAMA, 2019). Os espaços em que a maioria dos campineiros e campineiras vivenciam atividades esportivas são os oferecidos pelo poder público municipal, para além dos restritos às casas, escolas ou praças e ruas (MARCELLINO, 2007). Os equipamentos públicos possibilitam a criação de espaços de socialização e potencialização do acesso ao esporte e de atividades físicas para distintos públicos.

Quanto aos espaços esportivos públicos do território campineiro, a partir do Relatório de Informações Sociais do município de Campinas de 2016⁴⁰, é possível compreender que existem disparidades por regiões na metrópole:

Figura 4-Unidade de incentivo ao esporte em Campinas



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Segurança Alimentar de Campinas (2016, p.20).

As unidades de incentivo ao esporte estão localizadas, em sua grande maioria, nas regiões Leste e Sul, que, juntas, detém 59% dos equipamentos de esporte públicos disponíveis na cidade. A região Leste conta com cinco praças de esportes para o estímulo da prática de esportes e atividades físicas saudáveis (SMEL), com destaque para o Parque Portugal, localizado no bairro Taquaral, uma das principais zonas de lazer do município. A região Sul detém um Ginásio de Esporte, denominado Rogê Ferreira, local ocupado pelo Projeto FFC há mais de 10 anos.

As regiões Noroeste e Sudoeste, por sua vez, são as que apresentam a menor quantidade de unidades de incentivo ao esporte, com 4 e 3 unidades respectivamente, números que não condizem com as necessidades locais. São regiões originárias de parte das jogadoras que participaram desta pesquisa, como o caso de Irene⁴¹, que passou a vivenciar a prática esportiva na cidade se infiltrando em aulas de esportes vinculadas ao poder público, mas destinadas para meninos. Ela relatou sobre as (poucas) oportunidades esportivas em sua região:

40 O relatório completo está disponível em: <https://smcais-vis.campinas.sp.gov.br/relatorios/relatorio-de-informacoes-sociais-do-municipio-de-campinas>. Acessado em: 20 de ago. de 2021.

41 Irene de 22 anos, participou desta pesquisa com depoimento gravado online em relação a sua vivência como jogadora da base do Projeto FFC. Representando-o dos 14 anos aos 18 anos.

Lembro que quando mudei de casa, que eu morava aqui na vila União [Região Sudoeste] e depois eu mudei pro Campo Grande [Região Noroeste]. Ai não tinha mais escolinha gratuita, mais nada, eu falei assim: nossa eu queria entrar no futebol, mas um futebol que possa me desenvolver mais ainda, futebol que tinha só menina.

Em muitos casos, os espaços públicos esportivos são o único *habitat* de vivência esportiva às meninas e mulheres residentes em Campinas. No caso das práticas futebolísticas, tais oportunidades são majoritariamente destinadas para meninos e homens. A inserção destas mulheres passa a acontecer através de processos de infiltrações, como destacado por Ludimila Mourão (2000), ao analisar a representação social da mulher brasileira no contexto da pratica esportiva no final do século XIX (em diante):

Não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação, frequentemente com apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos da sociedade, mas com um controle normativo que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas (p.8).

Além disso, outros fatores desiguais ressoam em solo campineiro: o maior número de espaços à prática esportiva nas regiões Sul e Leste não são suficientes para a população local e, tampouco, acessíveis para praticantes de outras regiões e que contenham atividades inclusivas para diversos públicos, principalmente em relação ao futebol.

Barreira *et al.* (2017), ao pesquisaram sobre o acesso à prática do futebol por mulheres nos espaços de lazer em Campinas, relatam que dos 11 centros esportivos públicos pesquisados na cidade, apenas um único contava com prática organizada para mulheres. No entanto, a prática ocorre predominantemente em espaços privados, concentrados nas regiões centrais da cidade, em que 50% deles são alugados para a prática futebolística por mulheres (BARREIRA *et al.*, 2017). O cenário de inserção e acessibilidade nos espaços privados contrasta com as possibilidades oferecidas às jogadoras da comunidade do FFC, majoritariamente de camadas socioeconômicas mais baixas, que se auto identificam como negras e pardas e residem em regiões vulneráveis da cidade.

Notamos, então, desigualdades de oportunidades esportivas na cidade, em especial para meninas e mulheres, que não conseguem acessar espaços privados

das regiões centrais para a prática futebolística - fato relacionado à exclusão histórica, manifestada pela ausência de políticas públicas voltadas a este público. Em relação aos equipamentos esportivos privados e públicos de Campinas, há, também, índices de oferta de prática desiguais para mulheres. Suas estruturas não estão atreladas a um planejamento direcionado a inserção de atividades que oportunizem a vivência futebolística de meninas e mulheres:

Figura 5 - Recorte dos espaços e escolinhas para a prática de futebol, preferencialmente para meninas



Fonte: Elaboração da autora.

O recorte⁴² foi feito através da plataforma *Google Maps*,⁴³ com as palavras chaves: “escolinha de futebol”, “futebol para meninas”, “futsal para meninas” e “escolinhas para mulheres em Campinas”. Identifica-se, na figura acima, apenas o Projeto FFC, localizado próximo à região central, como único e isolado espaço pensado exclusivamente para a inserção de futebolísticas. Cabe notar que as outras duas aparições tratam de escolinhas pensadas preferencialmente para meninos e que cedem seus espaços para aulas mistas.

42 Vale ressaltar, que esse campo de busca pode conter falhas, e também não registrar outros possíveis espaços futebolísticos emergentes ou em ascensão. Ressaltando a importância de futuras pesquisas que se proponham a mapear e investigar os diversos projetos esportivos da cidade, com intuito de construir mais oportunidades esportivas para a população campineira.

43 A partir da plataforma *Google Maps*, um dos serviços mais utilizados globalmente, no qual permite aos usuários visualizar o mundo através de mapas estáticos ou interativos, e oferecem a possibilidade (gratuita e/ou paga) para registrar territorialmente seu empreendimento, como o caso das escolinhas de esporte.

Ao realizarmos uma busca virtual utilizando as palavras chaves: “escolinha de futebol”, “futebol”, “futsal para meninos” e “futebol para meninos”, “escolinhas para meninos em Campinas”, encontramos mais de 19 espaços registrados:

Figura 6 - Recorte da amplitude de projetos futebolísticos voltado para meninos na metrópole.



Fonte: Elaboração da autora

Verificamos a dominância de oportunidades de vivência futebolística na cidade de Campinas ao gênero masculino, criando um cenário de “ilhas de oportunidade esportiva” para a prática de distintas meninas e mulheres. Distintas no sentido de buscar abraçar as múltiplas crianças, jovens e mulheres, de diversas localidades, etnias, classes e gerações que representam a população campineira.

Tal fato é, também, destacado por Benini Filho (2017), que, ao investigar os projetos públicos de esporte e lazer financiados pelo Fundo de Investimentos Esportivos de Campinas (FIEC) de Campinas, afirma que os espaços ocupados são desiguais e hierarquizados por gênero, isto é, mulheres se encontram desprivilegiadas em relação ao uso dos recursos públicos e às oportunidades esportivas criadas na cidade. Além disso, o autor cita que tal invisibilidade está, muito possivelmente, articulada a dois fatores: dificuldades de contornar aspectos de precariedade e continuidade em torno da prática futebolística para inserção delas; e a desconexão de um planejamento governamental e os equipamentos esportivos da cidade.

O conceito de “ilhas de oportunidades esportivas”, no cenário campineiro, cria um efeito de centralidade em relação aos espaços que se propõem a ofertar a prática futebolística para distintas meninas e mulheres. As oportunidades são isoladas na cidade, em meio a grande procura de moradoras de várias localidades da RMC, que, em muitos casos, não conseguem acessá-los, por fatores como: econômicos, mobilidade urbana, segurança pública e entre outros. Mesmo aquelas que conseguem acesso, enfrentam enormes dificuldades no âmbito logístico. Botelho *et al.* (2021) verificaram também tais desigualdades no acesso e prática esportiva e/ou atividades físicas por mulheres brasileiras, principalmente no quesito econômico, local e de raça.

A desigualdade na apropriação de espaços esportivos pode ser conferida pelo Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORT), que verificou que brasileiros e brasileiras praticantes de esportes sem vínculo a projetos e instituições⁴⁴ representam 92,4% da população, e que as mulheres representam menos da metade da pequena parcela dos que conseguem adentrar estes espaços institucionalizados quando comparado aos homens (8%). Pereira e Rainer (2020) apontam que a prática esportiva por mulheres mais pobres⁴⁵ ocorre predominantemente em instalações gratuitas ou em espaços públicos, diferentemente das mulheres não pobres, que conseguem acessar instalações e clubes que exigem pagamentos.

A prática do futebol, não raro, ocorre em espaços não formais, que não estão livres das desigualdades de gênero. Apesar disso, os estudos de Costa *et al.* (2018) e Follmann *et al.* (2020) ressaltam a importância dos espaços não formais – mesmo que ainda em expansão – para a construção de vivência esportiva para distintas meninas e mulheres. Em muitos casos, se constituem como o único espaço que muitas jovens e mulheres vivenciem esta prática, como o registrado no projeto Guerreira Futebol Clube, na periferia de São Paulo que caracteriza a vivência da prática esportiva como um “um novo espaço de sociabilidade e lazer para as jovens mulheres da periferia” (PISANI, 2014, p.5).

Ademais, os espaços não-formais evocam a relevância e o reconhecimento do Projeto FFC para Campinas por oportunizar a prática futebolística, em uma região em que tais oportunidades são restritas e, mesmo assim, configuram um status de difícil

44 Instituições esportivas relacionadas: a clube, a uma federação/confederação, a uma liga/associação, à escola/universidade, etc.

45 Pobres o sentido de não terem oportunidades de escolhas em atividades relacionadas a sobrevivência, como alimentação transporte e etc.

não-evasão deste público. Devemos reconhecer, portanto, que a grande maioria da população campineira é submetida a enormes restrições de oportunidades e vivências esportivas. Faltam espaços futebolísticos articulados ao poder público e próximos às áreas de moradia, com oportunidades reais de vivência futebolística e que, concomitantemente, possam diminuir disparidades de gênero e classe, em que se privilegia uma branquitude⁴⁶ no acesso às práticas futebolísticas na região.

3.2 O Futebol Feminino Campinas inserido num clube social

Entre as quatro linhas do Clube Recreativo Bonfim, o Projeto FFC inicialmente se desenvolveu. O clube social privado e localizado no bairro do Bonfim, na região Norte de Campinas, é detentor de boa estrutura esportiva. Possui aproximadamente 27.000 m² de área e equipamentos esportivos em excelentes condições. Há quatro piscinas, dos tipos adulto, infantil, juvenil, olímpica e semiolímpica, restaurante, salão de festas com capacidade para mais de duas mil pessoas, programação de eventos esportivos, sociais e culturais, saunas masculina e feminina, quadras e campos de futebol (BONFIM, 2019).

A sede do Clube Recreativo Bonfim está encravado em um território em expansão na cidade, segundo diagnóstico sócio territorial⁴⁷ realizado pela Federação de Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC) em 2018. A zona norte é uma das regiões mais desenvolvidas de Campinas em termos econômicos⁴⁸, e, com 201.195 habitantes, detém a segunda menor população das cinco regiões de Campinas. O bairro em que está situada a agremiação possui, majoritariamente, uma população de classe média/alta, com poder econômico para custear inserção ao espaço associativo por meio do pagamento de mensalidade:

[...] aquela época (década de 1990 a 2000), você ser sócio de um clube você tinha que ter grana...não é... era uma coisa assim... o Bonfim naquela época

46 A branquitude "é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade" (SCHUCMAN, 2012, p.84).

47 Para acessar o diagnóstico completo: https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Diagn%C3%B3stico-Socioterritorial-13_07_18.pdf. Último acesso em: 20 de jun. de 2020.

48 Nela estão instaladas uma das mais conceituadas universidades públicas do país, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e também a Faculdade de Campinas (FACAMP) – no distrito de Barão Geraldo, e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no Parque das Universidades.

era um clube de classe média né...então tinha que ter uma certa "graninha" pra pagar mensalidade do Clube (Entrevista Mauro).

Apesar da ampla estrutura esportiva e econômica do clube social, desde sua constituição, em 1922, até meados de 1996, não houve qualquer oferta à prática futebolística para mulheres. Os espaços futebolísticos do clube eram reservados e pensados exclusivamente para homens e meninos de classe média/alta usufruísem de suas instalações.

O futebol praticado por homens foi uma das modalidades que mais se estruturaram em agremiações e associações pelos bairros campineiros, concretizando um associativismo esportivo. No bairro do Bonfim, não foi diferente. Nascido como Bonfim Futebol Clube, em 22 de abril de 1922, com uma sede na Av. Governador Pedro de Toledo, o clube tinha o objetivo de formar uma entidade voltada ao esporte amador majoritariamente praticado por homens.

O jornal *Diário do Povo*⁴⁹, um dos veículos de informação impressa mais populares de Campinas ao longo do Século XX, registrou, em 26 de março de 1972, uma reportagem com a seguinte manchete: “Bonfim, um gigante que cresce”, na qual destacava da época da criação da associação até a construção de sua sede:

A história é igualzinha à de tantas outras entidades. A luta titânica de um puglio de idealistas, a vontade incontida de aglutinar aqueles praticantes das famosas peladas sob uma só bandeira, sob um só pavilhão”. [...] Foi aí e foi assim que o Bonfim iniciou sua caminhada, se reunindo e se erguendo num barzinho acanhado de uma esquina de terra batida no pobre bairro Bonfim, de muitas poucas casas de muitas ruas de terra, de nenhum asfalto, de muito pó de bastante poeira (BONFIM...,1972).

Ao explicar sobre o surgimento do clube, a matéria destaca um breve o bairro, onde a sede do Bonfim foi criada, como “pobre”. O contexto histórico da época invocava um olhar que caracterizasse como “ricos”, os espaços “urbanizados”, frequentados majoritariamente por uma população branca, das classes média e alta, alguns detentores de terras das explorações e plantações de café e cana de açúcar na cidade, principalmente da década de 1920, com um trânsito de trabalhadores de polos industriais que estavam emergindo (RIBEIRO, 2007).

49 *Diário do Povo* foi um jornal diário Campineiro, fundado em 1912. Em novembro de 2012, em seu centenário o periódico parou de ser impresso. Porém, apenas a versão on-line do jornal seguiu disponível após esse período.

Além disso, a sequência da matéria citada continua a descrever o entusiasmo que o futebol de homens gerava: “[...] o futebol, que fez nascer o clube, já não tinha apenas onze camisas. O futebol já era uma patrimônio da cidade” (BONFIM...,1972, desenvolvimento do futebol como fenômeno social. Com o aumento do número de habitantes e os movimentos de urbanização, como o que ocorreu em Campinas, iniciativas esportivas diversas foram impulsionadas na cidade. Essas práticas esportivas “[...] se estruturaram como bases da sociedade civil e modo de conformar novas identidades de categoria, de classe, nacional, regional, local” (MELO, 2010, p.110). Os clubes suburbanos começaram, assim, a popularizar o futebol praticado por homens no Brasil, como no caso do clube social estudado.

O processo de urbanização de Campinas e a prática do futebol como fenômeno social disseminou, pois, a educação dos corpos em espaços associativos, redefinindo hábitos, atitudes e comportamentos. A atividade futebolística passa a não ser democrática à população, afetando, principalmente, mulheres, muito em função de um *modus operandi*⁵⁰ articulado ao exercício legítimo de sociabilidade dos homens nesses espaços futebolísticos no clube.

Como debate Melo (2010, p.111), o *modus operandi* dos espaços futebolísticos são:

concebidos como uma "escola de masculinidade", uma ferramenta que explicita os novos comportamentos socialmente esperados dos homens. De outro lado, as mulheres nele encontram um excelente argumento para a conquista de maior espaço social, uma forma de reivindicarem a possibilidade de uma maior presença na cena pública.

Esse modo de vivência das práticas de lazer e atividades esportivas foram influenciadas por uma cultura corporal que, à época, prezava por valores e padrões de atividades físicas específicas para cada corpo com base no sexo biológico. Dunning e Maguire (1997, p.340), por sua vez, revelam que “o esporte tende a representar uma importante fonte de experiência da validação da virilidade a ser percebida como uma barreira contra a feminilização e a masculinização”, construindo um lócus específico, uma reserva para exacerbação de uma masculinidade inteligível aos homens. A suposta “área de reserva masculina” nos clubes sociais compreendem

50 A expressão *modus operandi* atribui sentido ao modo de operação concebido para expressar comportamentos, valores, formas de agir e operar uma atividade ou prática, na qual segue um protocolo.

a manutenção de uma estrutura patriarcal⁵¹, que associa os espaços futebolísticos aos homens, constituindo hierarquias e exclusões (DUNNING; MAGUIRE, 1997).

Ao longo da segunda metade do século XX, o futebol seguia, explicitamente, a manutenção da suposta “área de reserva masculina” por Estado e clubes, desencorajando a prática de mulheres. Fábio Franzini (2005) ao estudar a presença de mulheres no futebol - neste contexto histórico do século XX - reforça que: “o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens” (p.321). As mulheres que frequentavam o clube, à época, eram predominantemente das classes média e alta e, em sua grande maioria, mães, que não infiltravam os espaços futebolísticos do clube, participando apenas de espaços restritos à prática da natação ou ao cuidado dos filhos durante momentos de lazer.

Essas mulheres foram atravessadas pelo contexto histórico da época: como mulheres-mães, e que, incorporavam valores voltados ao fortalecimento da branquitude. Também, no que diz respeito à saúde, ao vigor físico (sem performar masculinidade) para “contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis”, legitimando “estereótipos da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” (FRANZINI, 2005, p.321). A mulher-mãe, nesse sentido, reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para o aperfeiçoamento da reprodução humana (GOELLNER, 1999). Desse modo, a legitimidade corporal das mulheres, construída e corporificada socialmente, não se igualava a corporalidade legitimada e exigida à prática do futebol, e sim, eram direcionadas às atividades de sociabilidade e esportivas como a natação e o voleibol, incentivados no clube social.

Nesse âmbito, por conta do mascaramento sobre a constituição das relações sociais de desigualdade perante os sexos, a grande maioria das mulheres daquele espaço associativo “[...] submetem-se às normas que definem o que deve ser

51 O termo patriarcal está associado ao conceito de patriarcado, que corresponde a identificação de uma relação centralizada de dominação familiar, política, moral e econômica exercida por uma pessoa, os homens. Helena Saffioti (2004) descreve o patriarcado como um caso inerente sobre as relações de gênero, constituintes em desigualdade e hierarquias. Essa austeridade patriarcal de gênero expõem a dominação dos homens em torno das mulheres e corpos que não se entendem como homens, configurando a opressões e dominação da vida pública e privada.

o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação, etc.” (BOURDIEU, 1983, p.201).

Notamos, historicamente, que muitas mulheres esportistas não se submeteram a essas normas convencionais e acabaram incorporando outras ações e estratégias para adentrar o espaço de sociabilidades esportivas e vivenciá-los ativamente nas esferas da vida pública e privada, rompendo a suposta área de reserva masculina (DEFARIAS, 2009; ALTMANN; DOS REIS, 2013; BEGOSSI; MAZO, 2016; MORAES, 2012; MEDEIROS, 2021). No clube social pesquisado, não foi diferente.

Fase 1: a reivindicação do futebol por mulheres.

Em meados de 1996, os espaços futebolísticos do clube foram reivindicados pelas mulheres sócias. Vilma⁵² revela que o interesse entre as sócias em vivenciar a prática futebolística sempre esteve presente: “as meninas que jogavam vôlei e basquete [no clube social] queriam jogar futebol também” (Vilma). Todas elas ansiavam maiores oportunidades esportivas na modalidade dentro do clube. Naquele ano, o futebol de mulheres foi, pela primeira vez, inserido como uma das competições dos Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), sem desconsiderar que o processo de infiltração na prática futebolística era tardio:

Se pudesse ter uma máquina do tempo, voltaria para essa época, e voltaria para poder brigar por esse espaço. Não investem como deveria, é muito difícil ainda, ainda tem um caminho. Antes de mim deve ter sido pior, lá trás né, deve ter sido pior, a gente escuta que foi jogado escondido. A gente ajudou a conquistar esse espaço (entrevista de Sueli⁵³).

O processo de reivindicação de oportunidades esportivas dentro do clube social, originário pelas mulheres sócias, contribuiu para a criação da primeira equipe do clube Bonfim. A existência de um *modus operandi* conservador não impediu o confronto e reivindicação de mulheres por novas práticas dentro do clube social. No caso estudado, esse processo de inserção nos espaços futebolísticos do clube como praticantes, foi iniciado pela comunicação entre algumas mulheres sócias

52 Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do Projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

53 Sueli é uma das entrevistadas para essa pesquisa. Participou do Projeto FFC como jogadora durante dois primeiros anos da equipe do clube Bonfim e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

durante o espaço de sociabilidade nas outras modalidades ofertadas no clube, como nas aulas de basquete e voleibol, como também durante as aulas de futebol dos filhos, configurando o interesse de praticar a modalidade. Então, um grupo de mulheres se constituiu para, em seguida, iniciar um apelo aos diretores na época pela abertura de espaços futebolísticos próprios no clube social. O interesse foi levado à direção do clube, formada por homens: “a maioria dos nossos pais eram diretores e coordenadores, e algum momento algumas meninas comentaram esse interesse” (Entrevista Vilma).

Pouco a pouco, o sentimento de pertencimento, possibilidade e visibilidade de mulheres ocupando este espaço contribuiu para um crescimento da equipe. O que começou com aproximadamente seis meninas, ao final da década de 1990, passou a reunir, aproximadamente, 20 praticantes, formando mais de uma equipe que já podiam competir entre si, como no evento de inauguração dos holofotes do clube, conforme imagens abaixo. O movimento que começou pequeno, com reivindicação de espaço popularizou a prática entre as próprias mulheres e crianças que frequentavam o clube social.

Figura 7- Time 1 em amistoso entre as próprias alunas de futebol, na inauguração dos holofotes do clube social, no final da década de 1990.



Fonte: Projeto FFC.

Figura 8 - Time 2 em amistoso entre as próprias alunas de futebol, na inauguração dos holofotes do clube social, no final da década de 1990:



Fonte: Projeto FFC

As oportunidades futebolísticas para mulheres no clube social – com equipes compostas majoritariamente por mulheres brancas e de classe média/alta -, se consolidaram de forma paulatina ao longo da primeira década de oferta de prática futebolística (1996 a 2009). Nesse período, a subversão de normas, o enfrentamento de preconceitos e impedimentos para a prática do futebol estavam presentes na região e no país (MOURA, 1983; FRANZINI, 2005), Conforme afirmado por Enny Moraes (2020), as mulheres futebolísticas precisaram transcender:

Normas machistas e preconceituosas impregnadas em nossa cultura e rompendo os mais diversos obstáculos, as mulheres foram, paulatina e obstinadamente, fazendo-se serem vistas nesses espaços de uma forma não organizada, mas, certamente, de maneira coerente com seus objetivos, de modo que hoje se tornaram o centro da atenção e foco de análise de diversos estudos e pesquisas a seu respeito, que buscam compreender como esse caminho foi traçado, rompendo barreiras silenciosas que se instalaram na história do futebol feminino nacional (MORAES, 2020, p.258).

Questionar o *modus operandi* presente naquele espaço foi, inclusive, elemento de motivação para algumas participantes que frequentavam as aulas no clube social. Perguntada sobre o que lhe motivava em participar da turma de futebol, Sueli e Vilma responderam, respectivamente:

Quebrar preconceito que estava dentro de mim. [...] mas porque a gente não pode [jogar]? Não podemos chutar lá [no clube social]? É claro que depois veio transformações e melhorou o cenário. Quebrar esse tabu no clube era difícil, porque não mulher jogar bola lá?(entrevista Sueli).

Não entendia nada de futebol, tá? Mas eu comecei a gostar e comecei a estudar sobre futebol, entender e fiquei apaixonada, comecei a me envolver muito mais e querer mostrar que nós [mulheres] também podemos praticar o futebol (entrevista Vilma).

Goellner (2005) debate que, quando se trata de futebol de mulheres, um arsenal de argumentos essencialistas são colocados para justificar sua baixa vivência futebolística. Havia o temor, por parte da população, de que o futebol era uma prática que “masculinizaria” o corpo das mulheres, confrontando os ideais de feminilidade e beleza. Sueli relembra em entrevista que ao convidar as associadas para praticarem o futebol no clube, as mesmas não se interessavam em experimentar esta prática, devido a distintos fatores, Sueli ressalta que elas: “não iam por TUDO, desde preconceito a medo”

Quando outros corpos, que não homens, ocuparam os espaços futebolísticos, algumas associadas, não praticantes, julgavam as integrantes da equipe como não pertencentes à prática futebolística e “parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformaram às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p. 38 – 39).

No entanto, para as praticantes sócias essa não era uma preocupação e além de vivenciarem a prática esportiva e romperam com esses valores esperados nos espaços futebolísticos, tensionam modelos únicos de ser mulheres e homens, constituindo simbolicamente identidades mutáveis. Transmitindo tais rupturas também para suas filhas, incentivando-as na prática futebolística, como comentou Vilma em entrevista: “To incentivando minha filha de 12 mais velha a jogar futebol”. Nesse sentido, confrontaram o preconceito e revelam que o corpo: “não é algo que *temos*, mas algo que *somos*” (GOELLNER, 2010, p.72).

Notamos, então, a luta histórica de mulheres que, ao infiltrarem nos espaços públicos e esportivos, foram importantes para, enfim, vivenciarem práticas futebolísticas no clube social estudado “[...] Quando você pensa em esporte você está mais vivo”, afirmou Sueli, uma das jogadoras entrevistadas.

Desse modo, vemos o esporte contribuindo para a construção de um novo *modus vivendi*, isto é, a constituição de uma nova conjuntura de simbologias e

costumes, o prelúdio de uma nova cultura (MELO, 2010). Implicando uma conotação insurgente em torno da prática futebolística no clube, fato observado em pesquisas semelhantes em que mulheres ocupam e legitimam o espaço futebolístico de clubes sociais (ALMEIDA, 2014; COSTA, 2016; RIBEIRO, 2018). Esse movimento, contribui para a visibilidade das mulheres no futebol e o combate a uma miopia em torno das modalidades (GOELLNER & KESSLER, 2018). Ou seja, “o futebol feminino no Brasil está deixando de ser “agramatical”, fenômeno fora do lugar, ou, dito de outra forma, fenômeno “poluído” que mistura o que não deve ser misturado” (GUEDES, 2020, p.15).

Fase 2: ampliação e adesões de futebolísticas não sócias

A segunda década (2010 a 2019) de parceria entre o projeto com o clube social inaugura uma nova fase. Houve maior tensionamento do espaço futebolístico do clube, impulsionado pelas verbas oriundas da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte (LPIE), regulamentada pelo decreto 55636/2010, que permitiu o FFC chegar a um estágio de desenvolvimento até então não alcançado e crescer a oferta da prática futebolística para distintas meninas e mulheres. No próximo item deste capítulo, abordaremos especificamente o apoio governamental à escola de esporte, detendo-nos aqui a entender os efeitos no clube na ampliação do número e perfil das praticantes de futebol.

O vínculo com o poder público proporcionou a abertura do espaço esportivo da agremiação em prol de ações e oportunidades esportivas à população. Todavia, os relatos apontam certo descompasso e apoio escuso do clube na oferta da prática futebolística, através das estratégias de regulação adotadas aos equipamentos esportivos e estruturas físicas locais.

Mesmo assim, a oferta da prática futebolística neste clube social foi ampliada, com o ingresso de futebolistas não sócias de distintas classes, geração, etnias e localidades da região metropolitana de Campinas. A expansão do futebol de mulheres com a abertura a novos públicos e apoio da prefeitura de Campinas qualificou a prática dentro e fora das quatro linhas, como comentado por Mauro: “[...] aí [com o apoio da prefeitura] foi a hora que explodiu...porque tinha um time na mão, tinha esporte, alimentação com as meninas né...e aí cresceu, cresceu demais... surgiu

uns patrocinadores mas era coisa muito esporádica, melhorou demais o time. Qualificação da prática também reafirmada por Sueli:

Quando voltei [em 2009/2010] para praticar um esporte e movimentar um corpo por questão de saúde, e começar de novo, e era outra história você via um aprimoramento muito melhor, as meninas estavam muito mais identificadas com a modalidade. Pra gente era complicado em 96, quando as portas do clube foram abertas foi um processo diferente (entrevista Sueli).

Durante processo de inserções e tensionamentos no clube social, o Projeto FFC foi representado por uma equipe amadora, com propósito direcionados estritamente ao lazer de distintas sócias. Havia inserções em curtos circuitos competitivos, que reunia todas as jogadoras em uma categoria etária única, que enfrentavam outras equipes da região, geralmente com futebolísticas mais experientes, denotando grande discrepância competitiva entre as participantes.

Pois, outras equipes da região, ao final da década de 1980 já ofertavam - de alguma maneira - a prática futebolística de mulheres em associações e clube sociais, como o caso do Guarani⁵⁴ (MOURA, 2003). Vilma relembra em entrevista que nesta época inicial: “A gente não ganhava muito dos jogos. Em geral, a gente ou perdia eu empatava. E ganhava as vezes de times mais, né? Que eram iniciantes igual a gente”. Com inserção de futebolísticas não-sócias e o aumento da competitividade e quantidade de participantes, novas equipes, segmentadas por faixas etárias, dentro do clube social foram sendo criadas e disseminando cada vez mais um caráter competitivo, para as categorias que ali estavam se formando.

Nesse período, os objetivos da equipe passaram por outros contornos, na medida em que se tornava uma escolinha de futebol pensada, também, para futebolísticas não sócias, movimento que o clube do Guarani também fazia: “O grupo de mulheres não sócias tomou conta do “pedaço”, representando o Guarani nos jogos e torneios (MOURA, 2003, p.67)”. Então, essa adesão de não sócias de distintas gerações no clube social do Bonfim, contribuiu para que se ampliasse o número de futebolísticas participantes, iniciando a formação de uma categoria de base, a partir da segmentação por faixas etárias que ingressaram na equipe e a possibilidade de

54 Guarani Futebol Clube foi uma das equipes pioneira na região ao ofertar a prática futebolística para mulheres em 1983, passando por interdições, e retorno em 1991 (MOURA,2003).

direcionar sua inserção tanto à prática do esporte enquanto lazer, como de rendimento/competição.

A diretoria do clube, ao implementar políticas públicas, passou a vislumbrar uma nova perspectiva do esporte dentro de seu espaço, sendo beneficiada por descontos fiscais oferecidos pelo projeto. Ao idealizar uma representação com alto êxito nas competições da região em todas as modalidades, a direção do clube buscou a inserção de não sócias na equipe. Mauro relembra na entrevista que esta abordagem partiu do novo diretor na época [2009/2010]: "Eu sou o novo diretor de esportes do Bonfim e eu entrei aqui pra ganhar... Eu quero ganhar TUDO". Instituído um novo espaço⁵⁵ esportivo no clube social, composto de alta competitividade, organizado a partir de elementos racionais, mercadológicos e espetaculares, o objetivo do esporte no clube passou, assim, a visar o alto rendimento e a busca de recordes e vitórias em âmbito regional.

Na década de 2010, esses moldes do esporte de rendimento levaram à busca de novos talentos e sua constante especialização, sem negar oportunidades às futebolísticas que se sobressaiam dentro do próprio clube. No entanto, não havia um plano de desenvolvimento alinhado entre o clube social e o Projeto que, segundo uma atleta, seguia a "adoção de modelos mais voltados ao amadorismo e ao conchavo" (Depoimento de Diana⁵⁶), distanciando-se, em alguns momentos, da possibilidade da prática do futebol enquanto estratégia de intervenção educacional e cidadania. (MELLO, 2014, p.38). Mesmo com viés predominantemente da manifestação esporte-rendimento (TURBINO, 1992), notamos grande popularização da prática nesta época no clube social, proliferando oportunidades esportivas a números consumados, com média de 100 a 200⁵⁷ futebolísticas incorporadas por ano.

Com os novas infiltrações e objetivos traçados, as estratégias de fomento para o crescimento da modalidade no clube social teve como base a inserção em campeonatos e a periodização de treinamentos semanais para distintas categorias

55 Este termo localizado aqui parte das ideias do sociólogo Bourdieu (1983), em seu trabalho aborda que a existência cotidiana e as relações incidentes em um lugar/espaço, são representadas por "campos", nos quais são espaços de luta por um controle de um determinado capital garantindo sua legitimidade. Desta forma, podemos denominar o campo esportivo, político, etc. por essa perspectiva.

56 Diana de 30 anos, é uma ex-jogadora do Projeto FFC durante o período de 2011 a 2014, e participou através de conversas online pelas mídias sociais. Relatando suas vivências no FFC.

57 Número em relação a adesão e que variava a cada ano, houveram casos de evasão que não foi possível contabilizar. O número estimado aqui, foi a partir de relatos da comissão técnica sobre esta época de abertura dos portões do clube social.

(dos nove anos ao adulto). A comissão técnica aumentou a carga de treinos e horários na grade horária do clube para atender a formação destas categorias emergentes.

Além disso, os treinamentos no FFC passaram a ser sistematizados semanalmente e ocorriam nas instalações do clube social, como também em ginásios e campos municipais. A existência de um calendário anual de circuitos competitivos permitiu que as cores e o nome do clube social ganhassem abrangência. Os circuitos, além das próprias competições oficiais e semifinais, abarcam em si fatores que fomentam a perenidade do projeto, definindo uma periodicidade de treinos e amistosos; arregimentando vestimentas e equipamentos esportivos; ampliando as necessidades de gerenciamento do território para o jogo, da mobilidade para os espaços, das adversárias e da organização do evento, como um todo, e suas agentes sociais.

A rotina de treinamentos, ao longo da década de 2010, cresceu e se estruturou, conforme surgiam oportunidades e mecanismos potencializadores, vinculados principalmente às parcerias do clube com o poder público de Campinas. Os treinos aconteciam predominantemente nos espaços do clube, com cerca de uma hora e meia, sempre no contraturno escolar. Isabela⁵⁸ relembra que nessa época, em 2013, se dirigia ao clube “de 3 a 4 vezes por semana e quando estávamos em temporada de campeonatos, tinha mais dois dias na semana de jogos”. Os treinos eram ofertados apenas por treinadores homens na época de Isadora, algo que foi se modificando com o passar dos anos.

Treinadoras e diretores: novas buscas de espaço e representatividade

A coordenação era representada apenas por homens durante toda sua existência: “de diretor, tenho certeza, pelo menos no departamento de Futebol não tinham mulheres, eram “homens” (Luís⁵⁹). Na época de Naiane⁶⁰ também: “eu não lembro de ter alguma mulher na diretoria, é basicamente o Mauro que coordena o Projeto”. Esse domínio dos homens em cargos no clube social e no Projeto pode ser

58 Daiana, de 23 anos, é uma ex-jogadora do Projeto FFC durante o período de 2012 a 2015, e participou através de conversas online pelas mídias sociais. Relatando suas vivências no FFC

59 Luís de 26 anos, foi um dos entrevistados para a realização da pesquisa e atuou como estagiário no Projeto FFC, com a categoria sub 13 no futebol de campo. A entrevista foi realizada no dia 13 de maio de 2020, e teve duração de aproximadamente uma hora.

60 Naiane participou desta pesquisa através da entrevista online, foi Ex-Jogadora e Treinadora no futsal do sub 11 e sub 13 e turma de experientes (acima dos 20 anos), no período de 2013 a 2015. A entrevista foi realizada no dia 28 de julho, com duração de aproximadamente uma hora e meia.

relacionado aos discursos patriarcais e heteronormativos⁶¹ que abarcam estes espaços futebolísticos. As mulheres historicamente tiveram e têm desiguais oportunidades profissionais, ficando muitas vezes limitadas ao espaço doméstico e a tarefas de cuidado, como levar os filhos e filhas aos treinos. Ao investigarmos os espaços futebolísticos e de gestão do clube social, notamos rastros desta divisão sexual do trabalho, impondo, às mulheres, amplos desafios para sua vivência nestes espaços.

A inserção de mulheres em cargos de liderança dentro do futebol, como de treinadora, ocorreu a partir de estagiárias, estudantes de educação física que procuravam o Projeto para estágio e iniciando o trabalho com as categorias menores. Foi o caso de Carol, que escreve em carta sobre sua trajetória dentro do Projeto, esse percurso de oportunidades junto a prática futebolísticas:

Fui pra o Bonfim em 2010, fiquei lá até agora. rsrs. E aí, o Projeto me proporcionou a faculdade né, o Mauro dá a Bolsa para as meninas. Fiz faculdade de educação física lá, trabalhei com ele em umas categorias menores, do masculino como do feminino, ajudando no futsal e no campo.

Esse movimento de abertura de espaço para estagiárias e atletas do adulto que começaram a ingressar no ensino superior, foi, via de regra, a primeira oportunidade profissional de treinadoras, preparadoras físicas e psicólogas que vivenciaram e trabalharam neste espaço. Naiane, ex-atleta e treinadora do Projeto, aborda esse assunto em entrevista, evocando suas memórias e inserção profissional na área: “Era muito legal, foi minha primeira experiência, assim, com meninas, de dar treinos mesmo. Eu ainda estava aprendendo, eu também tinha muita dificuldade, existia tanta vontade delas em aprender e jogar e acho que tudo isso tornava o trabalho mais fácil” (carta de Naiane).

Aos poucos esses espaços de liderança dentro do Projeto foram tensionados. Apenas em 2019, as mulheres passaram a assumir cargos de liderança na equipe adulta Tamires, a primeira treinadora desta categoria, relembra que sua passagem como jogadora e posteriormente com sua inserção na graduação de Educação Física em uma universidade pública e seu processo de aprendizado como

⁶¹ Heteronormatividade é um conjunto de relações de poder que normaliza e institucionaliza o gênero, o sexo e a sexualidade de forma ilógica e horizontal – e identifica indivíduos em pares (homens e mulheres).

treinadora neste espaço, contribuiu para que conseguisse a oportunidade de ocupar a função de liderança da categoria adulto do Projeto:

Antes eu tinha participado de times pequenos e na Faculdade, e ali foi um trabalho de rendimento maior, [...] então eu acabei sem dúvida nenhuma EVOLUINDO muito, crescendo muito, profissionalmente academicamente por essas oportunidades que tive no Bonfim, tanto como jogadora tanto como treinadora (entrevista de Tamires).

A ampliação e ocupação de cargos de liderança por mulheres nas diversas categorias - principalmente no adulto - partia, sobretudo, da reivindicação das próprias jogadoras do Projeto, como comentado por Mauro em entrevista: “elas querem , querem Mulher dando treino pra Mulher”. Quando perguntadas sobre o motivo de querer mais mulheres atuando como treinadoras no Projeto afirmam: “tem um poder de representatividade, essas mulheres estando lá em cima, as mulheres que estão lá em baixo vão olhar e pó, é possível! (entrevista Naiane).

A representação destas mulheres nos espaços futebolísticos traz, em seus aspectos físicos, históricos e culturais, forte impacto na formação de sua subjetividade e em sua autoaceitação enquanto treinadoras e atuantes nesta área. A representatividade, evocada pelas interlocutoras, surge como possibilidade de reversão de concepções e estigmas que afastam e desencorajam outros corpos nestes cargos de liderança, área ainda turva às profissionais. Ludimila Mourão e Mariana Novais (2020) destacam que as treinadoras de futebol no país percorrem um terreno hostil de desigualdade, desafios e resistências. As autoras reforçam que, quando ocupam tais cargos, as fazem à sua própria maneira, com resiliência e que inspiram outras a se verem nesta profissão. Esse fator pode potencializar um espectro de mudança e democratização de oportunidades esportivas tanto enquanto atletas e profissionais na área.

A representatividade também foi assunto de urgência mundial debatido no painel: “Women's leadership in global football”, do evento World Football Summit Live ⁶² realizado em 2020. Ebru Koksal, secretária-geral da Türkiye Futbol Federasyonu, (Federação Turca de futebol), consultora do programa de desenvolvimento para mulheres da UEFA e chair da Women in Football, elucidou que

62 O link completo com mais informações do evento está disponível em: <https://live.worldfootballsummit.com/>. Último acesso: 18 de nov. de 2021

"por décadas o futebol tem sido visto como um esporte feito pelo homem branco. A coisa mais importante é mudar essa percepção ⁶³ (KOKSAL, 2020, s.p). A representatividade, então, pode ressignificar e eclodir imagens únicas, como a afirmação da branquitude de homens nestes espaços, e ampliar as oportunidades para distintas mulheres sentirem pertencentes em torno da prática futebolística, tanto para se expressarem ou trabalharem na área.

Joan Scott (2005) nos alerta que "reconhecer e manter uma tensão necessária entre igualdade e diferença, entre direitos individuais e identidades grupais, é o que possibilita encontrarmos resultados melhores e mais democráticos". (SCOTT, 2005, p.11). Nesta tensão que oportunizam caminhos mais democráticos e distintos, também nos espaços de educação não- formal que envolvem a prática futebolística, e que possam representar suas diferenças (nossas características internas, como pensamos, vivemos) de forma valorizada e não tratada como desigual.

Enfim, a representatividade aparece como fundamental à criação de novas imagens e ilustração das diferenças de corpos que habitam esta prática e profissão no país -urgentes para construção democrática de oportunidades esportivas, desconstruindo estereótipos de gênero e raça.

Atividades extracampo e espaços de treinamento

A rotina semanal das futebolísticas inseridas no clube social contava com outras atividades :

[...] o Bonfim não era só futebol, tinham diversas atividades como aulas de inglês, palestras com empresários dando dicas sobre mercado de trabalho, consultas em time com psicóloga e muito mais. Isso também incentivava a buscarmos coisas além do esporte (depoimento Lana⁶⁴)

As jogadoras chamam tais aulas, que o FFC explora como uma estratégia educativa, de "atividades extra campo" ⁶⁵, elas se adaptam de acordo com as condições ofertadas, atreladas ao atravessamento histórico que o Projeto FFC enfrentava. Por exemplo: aulas de inglês, consultas gerais com psicóloga, xadrez, aulas de artes, eventos com a comunidade e familiares, entre outras atividades

63 Trecho retirado do evento online e gravado e pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbCrsBqv2B8>. Último acesso em: 18 de nov. de 2021.

64 Lana participou desta pesquisa através de depoimento online sobre sua vivência junto a equipe, que se estendeu de 2012 a 2016.

65 Categoria nativa usada para destacar as atividades que não se relacionavam necessariamente com a prática esportiva.

extensivas ou complementares à escolarização formal, que visam aprendizados que transcendem as especificidades do futebol durante o processo formativo das jogadoras (CAMPINAS, 2020).

Quadro 4- Cronograma semanal de treinos no início de 2014:

DIA DA SEMANA	HORÁRIO	LOCAL	CATEGORIA	MODAL
SEGUNDA	20 HS	ROGÉ	ADUL	FUTSAL
QUARTA	17H30MI	BONFIM	ESCOLINHA	DAMAS
QUARTA	19HS	BONFIM	SUB17 ADUL	PSICÓ
QUARTA	19HS	BONFIM	SUB17 ADULT	NUTRICI
QUARTA	19 HS	BONFIM	SUB 17 /ADUL	CAMPO
QUINTA	16HS	S. BERNADO	SUB 17,15,13 escol	CAMPO
QUINTA	19HS	ABRESC	ADUL/19	FUTSAL
SEXTA	19HS	BONFIM	SUB 13,15,17	SOCIETY
SEXTA	20H30MIN	BONFIM	SUB 13,15,17	BASQUE
SEXTA	20H30MI	BONFIM	SUB 15	FUTSAL
SÁBADO	8H30MI	BONFIM	SUB 15,17,13	INGLÊS
SÁBADO	9 HS	BONFIM	SUB 13,15,17	ARTES
SÁBADO	12HS	S. BERNADO	SUB 13,15, 17	PSICÓL
SÁBADO	13HS	ROGÉ	SUB 13,15 escol	FUTSAL
SÁBADO	14HS	S. BERNADO	SUB 13,15	CAMPO
SÁBADO	14HS	ROGÉ	SUB 17,19	FUTSAL
SÁBADO	15H30MI	S. BERNADO	SUB17, ADU	CAMPO
SÁBADO	15H30MIN	ROGÉ	SUB 15,13	FUTSAL
SÁBADO	15HS	ROGÉ	SUB 15,13,	NUTRICI
DOMINGO	JOGOS	TODOS	TODAS	TODAS

Fonte: Elaborado Projeto FFC

Essas atividades foram se modificando, de acordo com as condições estruturais do Projeto FFC enfrenta. Por exemplo, as aulas de inglês eram organizadas também de forma voluntária e projetos vinculados ao setor privado, com a possibilidade de incentivar as praticantes a aprender uma nova língua:

Figura 9-Aula de inglês para as futebolísticas no clube Bonfim em 2011



Fonte: Projeto FFC

As alunas passavam boa parte do dia no clube social, treinando e estudando, e muitas não conseguiam transportar alimentação para os espaços futebolísticos de treino e jogos. Neste breve período o clube passou também a ajudar com alimentações, reduzindo valor das refeições no clube ao valor de seis reais, na tentativa de mais acessível:

Figura 10-Alimentação para as futebolísticas no clube Bonfim em 2012



Fonte: Projeto FFC.

Essas atividades “extra campo”, que em muitos casos também são realizadas dentro dos gramados e quadras, possibilitam uma inserção na cultura esportiva e sua expansão. Constroem uma possibilidade de conhecer, viver, e desfrutar do esporte, de acordo com seu processo de ensino, aprendizagem e treinamento (MACHADO *et al.*, 2015).

Caminho semelhante é percorrido por um Projeto de Futebol consolidado em Porto Alegre(RS), que encoraja meninas e mulher na prática futebolística e também estrutura atividades extra campo. Propondo atividades, como: o Turismo Esportivo (intuito de organizar viagens nacionais e internacionais na modalidade), o Projeto Olímpico (aulas de modalidades olímpicas voltado para crianças no contra turno escolar) e a Colônia de Férias (atividades multiesportivas para crianças no período de férias) (RAMOS, 2016, p.136). Ampliando as vivências esportivas extra campo de crianças e mulheres, estimulando ambientes seguros e da criação e manutenção de uma rede sociabilidades.

A cada novo ano de parceria o número de participantes aumentava, assim como as categorias formativas da equipe, nutrindo a formação de uma categoria de

base que representaria o Projeto FFC, como também constituindo um espaço de oportunidades esportivas e lazer para além da carreira esporte de alto rendimento.

O que começou com uma equipe amadora, em duas décadas, já aglomeravam mais de cinco categorias de formação; circulação de aproximadamente de 100 a 200 jogadoras; possibilidades de construir uma carreira esportiva e/ou vivenciar a prática futebolística como forma socialização e lazer: democratização de corpos ocupando o espaço do clube social:

Figura 11- Foto das futebolísticas do Projeto FFC em 2019 representando o clube social em suas instalações



Fonte: acervo do Projeto FFC.

Entretanto, crescimento não é sinônimo, neste caso, de desenvolvimento. Ao estudar o contexto e parceria de 23 anos na qual o FFC esteve inserido, nota-se, também, os impasses e contradições deste espaço formativo. Ao mesmo tempo que essa relação contribuiu para consolidar a modalidade, a parceria entre clube social e o FFC não execrou aspectos evasivos. Os espaços de educação não formal e a condução político-pedagógica das instituições também são responsáveis pelos mecanismos de exclusão e efetivação de um caráter não democratizante da prática.

Dadas as estratégias e mecanismos de controle do acesso ao espaço do clube às participantes não sócias, como também dos equipamentos esportivos que

poderiam usufruir. A cobrança da mensalidade foi uma das ações que materializam a estratégia de regulação do espaço futebolístico do clube.

A inserção de mulheres não sócias no espaço do clube aumentou o capital cultural e esportivo da equipe do projeto FFC e seu reconhecimento na cidade. Todavia, devido aos momentos de turbulência financeira, o clube optou por retomar cobranças de mensalidades para estas futebolísticas em dois momentos históricos desta relação: em 2010 e ao final da parceria com o clube social em 2019. Trata-se de uma ação que descontinuou oportunidades esportivas à população. De acordo com Livia, a ação representou sua evasão da prática futebolística: “parei durante uns 6 meses e retornei” (carta de Livia), destacando como uma fase de muita dificuldade de retornar posteriormente a prática.

A relação com o clube social foi permeada, também, por um processo de desgaste em relação aos equipamentos esportivos vinculados à entidade. Apesar do uso e apropriação de matérias esportivos como bolas, vestimentas de jogo (uniformes), o deslocamento para jogos era realizado pela iniciativa coletiva entre as participantes, subsidiadas por familiares com poder econômico favorável para transportá-las, como recorda Luís: “eram sempre os pais que levavam, o Bonfim não disponibiliza, por exemplo, um ônibus. Durante um tempo os pais começaram a reclamar de ter que ‘tirar’ [dinheiro] do próprio bolso, tipo a gasolina para ir até São Paulo nos campeonatos” (Luís). Havia defasagem na vestimenta de treinos: “Faltava coletes às vezes, um dia tinha mais meninas, um dia tinha menos” (Sueli), algo que foi se modificando durante os anos de parceria.

O espaço futebolístico do clube mais frequentado para os treinamentos semanais das equipes era o campo de “areião”, como chamam as interlocutoras: “[...] a gente treinava num campo de terra, que era cedido pra gente, o AREIÃO. Em dia de chuva era complicado” (entrevista de Sueli), espaço que contrapõem o gramado oficial para a prática do futebol, e que em dias chuvosos são um impérvio.

O não uso do gramado oficial, então, gerava um desconforto entre as futebolísticas e profissionais do FFC: “o que mais incomodava e o que mais a gente achava engraçado (risos), o fato né, de não poder treinar no campo de grama” (entrevista de Luís). As interlocutoras desta pesquisa, caracterizavam o gramado oficial como um equipamento de difícil acesso, e direcionado para praticantes homens

sócios: “aí usamos o [campo] de terra porque eles [equipes de homens associadas] usavam o de grama e a preferência eram deles” (entrevista de Sueli).

Aspecto que foi recorrente entre as jogadoras e treinadores que participaram da equipe durante sua trajetória (entre 1996 a 2019):

um dos, não sei..., dirigentes do Bonfim, alegava que se treinasse ali [campo oficial] durante semana ia "estragar a grama", e os associados ao final de semana iam achar ruim de jogar no campo esburacado. Então as meninas treinavam no campo de areia (entrevista Luís).

o clube era uma estrutura legal, mas o campo..., eu lembro um campo muito de areia, a bola ia ficando sempre, tinha dificuldade de domínio (Entrevista Naiane).

Então, “no Bonfim, a gente [a equipe de mulheres] treinava muito naquela areia” (Depoimento, Irene). Nas figuras 12 e 13 abaixo, nota-se, de forma ilustrativa o equipamento esportivo mais utilizado no clube social durante toda a parceria com o Projeto, tanto para treinamentos, como também para campeonatos internos, entre as categorias emergentes em distintas épocas:

Figura 12-Campeonato interno no areião do clube social por volta de 1998



Fonte: Projeto FFC.

Figura 13-Campeonato interno no areião do clube social em 2018



Fonte: Projeto FFC

O campo oficial para a prática da modalidade no clube social pode ser visto aqui como um santuário de afirmação de um *modus operandi* destinado preferencialmente para a inteligibilidade dos homens nestes espaços “sagrados”, como o gramado verde, que sintetizam a manutenção de uma masculinidade hegemônica e de uma branquitude em espaços privilegiados e associativos. Ao observar o não uso de equipamentos centrais do clube social por uma perspectiva interseccional, nota-se, que classe e raça de alguma forma incorporam elementos evasivos para as mulheres se inserirem e permanecerem na prática futebolística neste lócus associativo.

O conceito de interseccionalidade foi desenvolvida pelos feminismos negros (CRENSHAW, 2002), e denominado como “feminismo da diferença interseccional” os quais preocupam-se com distintas categorias de mulheres. A interseccionalidade apresenta-se como possibilidade teórico-metodológica de reflexão dos modos que determinadas categorias de diferenciação social, tais como gênero, geração, classe social, raça, etnia, sexualidade, etc. se inter cruzam na produção de diferenças e hierarquizações sociais (PISCITELLI, 2008). Essa perspectiva nos encoraja a nos envolvermos de forma responsável e com um olhar feminista (DAVIS, 2008, p. 79).

Neste sentido, ao observarmos o espaço futebolístico oficial do clube e as oportunidades esportivas ali estabelecidas e forma que eram vivenciadas,

compreendemos que, predominantemente, havia uma hierarquia de homens brancos de classe média/alta na preferência da utilização do seu espaço. Quando corpos que borram esta lógica e adentram tais espaços, causam estranhamentos e sofrem distintos mecanismos de regulação, com restrições da forma como podem ser vivenciados tais espaços, de acordo com suas especificidades.

Além disso, as jogadoras não-sócias além das dificuldades de experienciar a prática futebolística no clube, tinham também os empecilhos para chegar até o local: “A jornada até os treinos era bem desgastante e eram durante a noite (perigoso) e minha mãe não tinha tempo para me levar, sempre fui sozinha”. Enquanto algumas jogadoras sócias, representada por uma branquitude, tinham maior facilidade de locomoção e circulação dentro dos equipamentos esportivos do clube.

Tais elementos nos alertam para reflexão e compreensão de que “as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma sobre a outra” (DAVIS, 2016, p. 12-13). A relação com o clube social e equipe afetou as jogadoras sócias e não-sócias de formas distintas. Ao pensar em oferecer oportunidades esportivas, é importante observarmos os diferentes cruzamentos que a comunidade enfrenta para vivenciar a prática esportiva e propor estratégias que confrontam desigualdades baseada em heterossexismos, racismos e exploração por classe social para tornarmos a sua prática mais democrática.

Chamamos atenção, então, para a urgência de um olhar interseccional sobre a prática futebolística brasileira. Ineildes Santos (2021) observou que no país a raça se constituiu de forma excludente na prática do futebol de mulheres, principalmente nos espaços não formais, como clubes sociais, no território baiano estudado pela autora. Fato observado também por Martins et al (2021), que alertam a necessidade de enegrecer as narrativas sobre o futebol de mulheres no Brasil.

A disponibilidade da vasta estrutura esportiva do clube social não implicou um adequado planejamento e apoio efetivo da prática futebolística por mulheres nestes espaços. A restrição ao uso equipamentos esportivos do clube, que se alastrou durante toda a inserção do Projeto FFC no clube social, denota que, apesar da existência dos espaços, é preciso atestar que estejam suficientemente preparados ou atentos para disseminar a democratização da prática esportiva a todos, todas e todes.

Oportunidades esportivas e democráticas não foram uma prioridade, em termos de investimento financeiro e estrutural, do clube social.

As implementações de políticas esportivas supostamente progressistas tiveram relevância histórica, na medida em que viabilizou algum incentivo à democratização da prática esportiva e alavancou oportunidades esportivas para distintas meninas e mulheres vivenciarem a prática futebolística em Campinas, ainda que tardiamente, a partir de uma parceria público-privada. No entanto, associações desta natureza são responsáveis pelo oferecimento e continuidade de condições minimamente dignas à equipe esportiva que levou o nome do município e do clube para todo o estado.

Na próxima seção, contextualizamos os pretextos em que o apoio governamental, por meio de leis do incentivo ao esporte proporcionaram a continuidade e o crescimento do Projeto FFC, tanto quanto o seu desgaste e sua ruptura com o clube social.

3.3 Apoio governamental ao Futebol Feminino Campinas

Nesta seção, descrevemos, de forma geral, os processos de compreensão e a assimilação das políticas esportivas e o contexto político em relação ao apoio governamental que afetaram diretamente o Projeto FFC; seus impactos nas oportunidades esportivas em um espaço de educação não-formal e privado; Refletindo sobre sua aplicação e implicações diretas na relação entre o clube social e o FFC.

“Aí veio uma época que “deu um *estralo*”⁶⁶, esse *estralo*⁶⁷ designa, exatamente, a fase em que o clube social iniciou (por volta de 2008/2009) a implementar e beneficiar da redução do Imposto de Renda no clube social, referente ao decreto municipal 15.434/2006, que revelam:

Art. 1º As entidades sócio-esportivas-culturais que protocolizaram requerimento de isenção do Imposto Sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana - IPTU, de acordo com o artigo 2º da Lei nº 10.396 de 27 de dezembro de 1999, deverão atender as disposições deste Decreto para obterem a isenção requerida.

Art. 2º Durante o exercício coberto pela isenção, as entidades sócio-esportivo culturais atuarão em parceria com o Poder Público na instalação, manutenção e desenvolvimento de atividades físicas e esportivas dirigidas à população

66 Entrevista com Mauro.

67 Palavra nativa das interlocutoras.

campineira, de acordo com as diretrizes da política de esportes do Município. Art. 3º A contrapartida prevista no artigo 2º, inciso II, da Lei 10.396 de 27 de dezembro de 1999, será estabelecida de acordo com os seguintes critérios (CAMPINAS, 2006).

A diretoria do clube social se articulou para aplicá-la, com o objetivo de alavancar o nome do clube em competições regionais e aumentar o capital esportivo de suas equipes de distintas modalidades ofertadas, inclusive do futebol de mulheres: “[o diretor] chegou pra cada professor: ‘O que você precisa para ser campeão?’ respondi:[...] ‘se você deixar liberar pra mim meninos e meninas que não sejam sócios do clube para jogar, eu sou campeão’ (entrevista de Mauro). Por conseguinte, o clube social promoveu, como contrapartida, não apenas a formulação de competições e eventos esportivos, como também passou a abranger jogadoras não sócias em suas instalações.

A implementação foi observada pela equipe base do FFC como oportunidade de adesão ao clube social, pois, “ajudava para que mais meninas entrassem” (Sueli). As não sócias são oriundas de distintas localidades, raça e classe da RMC. Passando a usufruir também dos equipamentos esportivos do clube social e a vivenciar pela primeira vez a prática futebolística com outras mulheres, Cristiana⁶⁸ escreve em carta esse sentimento de que “o Bonfim [Projeto FFC] foi uma escola de aprendizado e oportunidade”. Na **figura 14** abaixo, observamos parte do elenco que foi atravessado com oportunidades esportivas a partir da inserção inicial de políticas esportivas. Grupo distinto da primeira equipe de jogadoras, nota-se um rompendo com uma branquitude vigentes destes espaços do clube social.

68 Cristiana de 29 anos, participou como jogadora Projeto FFC em 2008 a 2010, integrando essa pesquisa por meio da escrita online sobre sua experiência em formato de carta, enviada em maio de 2020.

Figura 14-Jogadoras da base da equipe do clube social no final da década de 2000



Fonte: acervo do Projeto FFC.

Atualmente, parte destas jogadoras beneficiadas de políticas de incentivo ao esporte atuam, majoritariamente, em carreiras correlatas ao esporte, vinculada ao incentivo do Projeto em conseguir bolsas de estudos a nível superior para algumas jogadoras não socias seguirem na prática: “recebi o convite para fazer parte da equipe do Bonfim [em 2013] e assim poder cursar a graduação [de Educação Física em 2019]” (carta de Julia). Elas representam nos dias atuais o núcleo de jogadoras que vivenciaram um longo percurso geracional junto ao Projeto FFC. Isto é, tiveram a oportunidade de percorrer todas as categorias de formação de base ofertadas (sub 12 ao adulto), como o caso de Laís que se formou junto ao Projeto: “com 11 anos conheci o Bonfim (projeto do FFC)...até o adulto” (carta de Laís).

Em cinco anos de abertura do espaço privado, o FFC já contava com equipes para crianças de 8 anos até de adolescentes de 18 anos, além de um time adulto. Agrupando-as a partir da formação de uma categoria de base com distintas futebolísticas do sub13, sub15 e sub18 ocupando tanto a prática do futsal como a prática do futebol.

Na literatura, não foram encontradas pesquisas que revelam os processos de tensionamento e a relação de políticas públicas com projetos futebolísticos para mulheres inseridos em espaços de clubes sócio esportivos e suas potencialidades em relação à formação de categorias de base nas modalidades. A literatura tem abordado com maior destaque a formação de equipes que cresceram no país com a parceria de instituições privadas e clubes sociais como Pelotas/Phoenix (COSTA, 2016) e o Projeto SER Chimarrão de futsal (SILVA, NAZÁRIO, 2018).

Contexto político do apoio governamental ao FFC

As políticas públicas de incentivo ao esporte, emergentes nos anos 2000, favoreceram a abertura do clube a receber não sócios nas suas atividades. Tais políticas públicas estavam direcionadas a um viés do esporte semiprofissional e socioeducacional e ganharam maior notoriedade na região nos anos 2001 a 2011, pelo programa de Governo de Toninho/Izalene e pelo Programa de Governo do mandato do Dr. Hélio. A coalizão da diretoria do clube social, do poder público e do Projeto, passou a perseguir um objetivo em comum, representar o clube através do alto êxito nas competições da região, transacionando para os moldes do esporte enquanto rendimento. A Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) de nº. 11.438/2006 de nível nacional que se tornou um recurso para se usufruir de fundo público e o Fundo de Incentivo ao Esporte e Cultura (FIEC) a nível municipal, funcionaram como uma ponte para o intento competitivo do clube social.

Os clubes sociais, ao implementarem a Lei de Incentivo ao Esporte, direcionada para a redução do Imposto de Renda (IR) nos valores desembolsados referente a pessoas físicas com até 6% e jurídicas de até 1%, a designação de patrocínios ou para a doação destinado a projetos desportivos e paradesportivos. Passaram a se adequarem às normas do decreto 15.434 passando a ter responsabilidades pela construção e planejamento de atividades esportivas em seu espaço através da Certidão Negativa de Débito (CNDe)¹⁸, nela, foram exigidas necessidades da contrapartida (ações esportivas a serem desenvolvidas), que ocorreriam através dos clubes em parceria com o poder público da cidade e o intuito de instalar e desenvolver atividades esportivas dirigidas à população campineira, construindo uma intervenção por meio do esporte de forma “funcionalista” moldando nuances moralistas e

utilitaristas, dado que no Decreto 15.434 ⁶⁹ de 11 de abril de 2006, a Prefeitura Municipal de Campinas, regulamenta a lei que concede isenções em relação ao IPTU destinada a entidades relacionadas a práticas esportivas e sociais:

Art. 2º: Durante o exercício coberto pela isenção, as entidades sócio-esportivoculturais atuarão em parceria com o Poder Público na instalação, manutenção e desenvolvimento de atividades físicas e esportivas dirigidas à população campineira, de acordo com as diretrizes da política de esportes do Município. Art. 3º A contrapartida prevista no artigo 2º, inciso II, da Lei 10.396 de 27 de dezembro de 1999, será estabelecida de acordo com os seguintes critérios:

I - 25% (vinte e cinco por cento) do valor correspondente a isenção concedida no Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU será aplicado no desenvolvimento do esporte sócio educacional, através de manutenção de Instalações Esportivas (Praças Municipais de Esportes) e desenvolvimento de atividades gerenciadas pelo Departamento de Esportes, devendo cada entidade obedecer às diretrizes abaixo discriminadas, de acordo com faixa correspondente ao valor de seu IPTU. (CAMPINAS, 2006)

Vale a pena elucidar, que as políticas implementadas a partir de 2006, e que afetaram diretamente a vivência da comunidade do Projeto FFC, tiveram como contexto político, o início do planejamento do Governo Lula, que formalizou, enfim, uma agenda exclusiva e - ao menos em sua concepção – progressista para o esporte.

O surgimento da Comissão de Clubes Sociais Esportivo, também em 2006, teve como objetivo a promoção de estudos e ações para regozijar os clubes e espaços de educação não-formal esportivos. Ademais, a criação do Ministério do Esporte (ME)⁷⁰, teve o intento de “formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano” (BRASIL, 2003, p. 1).

Posteriormente, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2006, sancionou a Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº. 11.438/2006), e, em 2007, a Lei de Incentivo à Pesquisa (Lei nº. 11.487/2007), importantes para aumentar os recursos direcionados ao esporte e seu crescimento em relação a oferta e vivência de prática no país (MATIAS et al., 2015).

⁶⁹ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/c/campinas/decreto/2006/1543/15434/decreto-n-15434-2006-regulamenta-a-lei-10396-de-27-de-dezembro-de-1999-que-concede-isencao-no-pagamento-do-imposto-sobre-a-propriedade-predial-e-territorial-urbana-as-entidades-voltadas-as-atividades-desportivas-sociais-ou-recreativas-revoga-os-decretos-n-13-951-de-14-de-maio-de-2002-e-14-266-de-21-de-marco-de-2003-e-da-outras-providencias>. Último acesso:30 de mai. de 2022.

⁷⁰ O Ministério De Estado Extraordinário Do Esporte , criado em 1995, pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 2019, a pauta do ministério foi extinta por Jair Bolsonaro, e transformada em Secretaria Especial do Esporte, dentro da estrutura do novo Ministério da Cidadania.

Destarte, tais políticas públicas passam a abranger possíveis caminhos de superação dos entraves à acumulação de bens, por meio da abertura de novas frentes e oportunidades de investimentos, que pudessem ampliar as possibilidades de infiltração de distintas mulheres e meninas nos espaços futebolísticos urbanos da região campineira. Ou seja, ampliar oportunidades de vivenciar a prática futebolística, visto que tal público historicamente teve imensas dificuldades em se inserir neste esporte.

A Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo no início dos anos 2000 agruparam, na cidade de Campinas, a mesma linha de atuação de políticas públicas pensadas conjuntamente ao lazer, esporte, cultura e turismo. Foi a instituição governamental responsável por orquestrar os parâmetros esportivos que afetaram diretamente o FFC. A administração da Secretaria nesta época foi designada pelo Partido dos Trabalhadores, subdividindo seu departamento em Coordenadoria de difusão do Esporte por regiões⁷¹ e a Coordenadoria de Aperfeiçoamento Esportivo. Possuíam como agenda política a implementação do “plano de ação de 2004” que objetivava o esporte comunitário com possibilidades de fomento a iniciação esporte e competições (ALVES *et al.* 2005).

A base ideológica e política no início dos anos 2000, vinculada à Secretaria e os Programas de Governos de Antônio da Costa Santos e Izalene Tiene demonstrava interesse pela implementação de políticas sociais de caráter democratizante. Ao analisarem as abordagens e propostas destes candidatos, Alves *et al.* (2005) observaram o tema central: “Reconstruindo espaços de esporte e lazer” e notaram nas propostas: “uma preocupação com a “construção, recuperação e ampliação” de espaços para o exercício do lazer em detrimento da proposição de políticas públicas democráticas e populares efetiva” (p.92).

Na época de surgimento das Leis de Incentivo ao esporte à nível nacional, em 2006, a Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo emergia em Campinas, sob o programa de governo do então prefeito Hélio de Oliveira Santos, que procurava, contemplar o esporte semiprofissional e socioeducacional - e refletia interesses de clubes sociais do município, a partir da Lei Municipal 12.353/2005:

Art. 7º - São instrumentos da política municipal de esporte e lazer

71 Norte, Sul, Leste, Oeste

A criação de mecanismos que proporcionem a participação democrática da sociedade organizada, desenvolvendo a interface entre o município e a iniciativa privada na criação de incentivos fiscais destinados aos programas e projetos esportivos e lazer (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2005, p.40).

Notamos o viés neoliberal do Estado, presente, também, na administração. O contexto alimentou, também, os ideais dos clubes associativos de Campinas nos anos 2000, atrelado às aspirações dos sócios pela prática do esporte de alto rendimento, desde que movido por investimentos externos e interesses políticos - como o caso do clube social aqui estudado (CARVALHO, 2009).

Outra política pública esportiva acionada, desta vez à nível municipal, surgiu como uma das estratégias de manutenção da continuidade da equipe no clube social e diminuição de praticantes não sócias. Com o intuito novamente de trazê-las novamente e promulgar e evitar a descontinuidade do Projeto em formação, foi acionada pelos representantes da equipe o Fundo de Investimentos Esportivos de Campinas (FIEC). O FIEC, criado pela Lei nº12.352, de 10 de setembro de 2005, esteve vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer, como objetivo de fomentar e estimular o esporte e o lazer do Município de Campinas, com o financiamento de projetos a partir da iniciativa de pessoas jurídicas:

O fundo de investimentos esportivos de Campinas – FIEC, com recursos previstos no Orçamento Geral do Município, destinado a apoiar financeiramente investimentos na execução de programas e projetos de caráter esportivo e de lazer que se enquadrem nas diretrizes e prioridades constantes desta lei;" (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2005, p.40).

O intento desta lei era o de encorajar a população da RMC na construção de novos espaços de práticas esportivas e de lazer, destinadas a projetos, organizações não governamentais (ONGs), associações de bairro e clubes recreativos (FILHO, 2017), como o caso do vínculo na época com o clube Bonfim. Segundo o art. 2º, o FIEC abrange, então:

- I - apoiar o desenvolvimento do esporte e do lazer na cidade de Campinas, em suas diferentes manifestações;
- II - promover o livre acesso da população aos bens, espaços, atividades e serviços esportivos;

- III - estimular o desenvolvimento esportivo do Município em todas as suas regiões, de maneira equilibrada, considerando o planejamento e a qualidade das ações esportivas;
- IV - apoiar ações de preservação e recuperação do patrimônio esportivo do Município;
- V - incentivar a pesquisa e a divulgação do conhecimento e das ciências do esporte;
- VI - incentivar o aperfeiçoamento de atletas e técnicos das diversas modalidades esportivas;
- VII - promover o intercâmbio esportivo com outros municípios, Estados e Países; (CAMPINAS, 2005).

As políticas implementadas geraram oportunidades para que distintas meninas e mulheres habitassem um espaço privado e sistematizado em modalidade esportiva onde as oportunidades são restritas na cidade de Campinas. Essa relação foi permeada por uma dupla representatividade entre o clube social e prefeitura de Campinas, no qual o FIEC passou a estampar a vestimenta das jogadoras incorporando os símbolos representativos da cidade Campineira (figura 15).

Figura 15-Jogadoras da base da equipe do clube social no final da década de 2000



Fonte: Projeto FFC

O alcance desta política pública no projeto está expresso em fotos oficiais, documentos e pela observação do diário de campo nos espaços utilizados pelo projeto para divulgação:

No dia 20 de outubro de 2017, a Secretaria de Esportes de Campinas, através do seu Fundo de Investimento ao Esporte de Campinas FIEC, sob o comando do Secretário de Esportes Dário Saad, cumpriu com muito esforço e dedicação o depósito da primeira parcela no valor de 30.000,00, no total de 2

parcelas. Mesmo com a arrecadação baixa todos os gestores municipais estão se dedicando para suprir parte das necessidades do Esporte de Campinas, através do prefeito Jonas Donizete. Essa verba já está destinada a todas as necessidades do time, já é montada uma planilha direcionada com os custos pelo FIEC, e cabe a entidade, no caso a Associação Pais e Filhos no Futebol, que representa a cidade de Campinas na modalidade Futebol Feminino e que conquistou nota 10, em Edital, através do seu trabalho realizado pela cidade no setor esportivo, distribuir em ajuda de custo aos professores, salários aos professores, transporte para os jogos, alimentação de atletas nas viagens, impostos trabalhistas, material esportivo, material de divulgação e bolsa aprendizagem para as atletas.⁷²

O apoio governamental do FIEC junto ao Projeto tinha como intuito apoiar e cobrir os custos básicos para fomentar a construção de um espaço de vivência geracional vinculado ao clube Bonfim. Além de ampliar e sustentar uma maior mobilidade e a inserção de futebolísticas não sócias e sócias adentram novos circuitos competitivos para além de nível regional. Representando o clube social como também a prefeitura de Campinas em um cenário estadual:

tinha esporte alimentação com as meninas né...e aí cresceu aí fui pro segundo crescimento forte que eu tive, aí cresceu e cresceu demais... surgiu uns patrocinadores, mas era coisa muito esporádica, melhorou demais o time, começou a aparecer jogos regionais, jogos abertos, campeonatos e assim foi (entrevista Mauro).

Essas ações envolvendo o apoio governamental acarretam melhorias para práticas esportivas de distintas meninas e mulheres. No entanto, as parcerias com instituições privadas e projetos esportivos voltados para meninas e mulheres no esporte ainda são pouco debatidas no sentido de compreender suas nuances em democratizar a vivência esportiva em uma modalidade que ainda sofre com os rastros de uma prática que foi desestimulada no país.

Embora os clubes sociais se apresentem como uma das instituições responsáveis pela formação e ofertas de vivência futebolística para meninas e mulheres, estas instituições não tem sido capaz de diversificar e massificar as manifestações esportivas, na mesma medida em que se transformavam, principalmente, em arregimentar o apoio governamental relacionado às políticas de incentivo ao esporte (GALATTI, 2010).

⁷² Excerto disponível no antigo site do Projeto FFC, o Bonfim Futebol Clube: <http://www.campinasfutebofeminino.com.br/verba-publica-do-fiec/> Acessado em: 15 de out. de 2021.

Desse modo, houve demasiada centralização de recursos em favor de determinadas entidades, regiões e modalidades esportivas, que ampliassem o capital econômico ao esporte de competição e marginalizassem a democratização, o desenvolvimento e o direito à vivência esportiva. Marcellino (2010) caracteriza tal abordagem política como funcionalista, cujo viés moralista e de vigilância do esporte confrontam com abordagens que prospectam a democratização de oportunidades esportivas.

2 de dezembro de 2013

“Nossa verba para o ano que vem da Prefeitura está garantida, após avaliação de desempenho, prestações de contas e certidões negativas de débitos e de impostos. FORÇA BONFIM” (excerto tirado do canal comunicativo privado da equipe, vinculado a uma rede social)⁷³
(Diário de campo).

Ao reler as anotações do diário de campo, excertos e dados oficiais do Projeto, documentos e notícias oficiais da equipe, notamos que o clube social ausenta de uma política de incentivo pública e disseminada oficialmente para a prática da modalidade. A continuidade da equipe estava vinculada sobretudo a implementação do apoio governamental.

Execução das políticas esportivas

Essas políticas públicas foram executadas em parceria com o clube social e também vinculada a Associação Pais e Filhos (APF), que representa o Projeto desde 2009. Com o objetivo de disseminar a prática esportiva na região e conseguir incentivos fiscais de recursos públicos para tal intento. A APF é composta por grupos de colaboradores voluntários ou não, que buscam atender interesses em comum das associadas, permeada pelo seu estatuto social (Figura 00), atividades esportivas, culturais e de lazer. Por ele é constituído o quadro diretivo, planejamento estratégico para todas as ações que envolvem o Projeto FFC:

73 Disponível em <https://www.facebook.com/groups/431140853571250>. Acessado em 21 de out de 2021.

Figura 16-Estatuto Social da Associação Pais e Filhos (APF)⁷⁴

ESTATUTO SOCIAL DA
ASSOCIAÇÃO PAIS E FILHOS NO FUTEBOL

ARTIGO 1º - DENOMINAÇÃO, SEDE, FINALIDADE E DURAÇÃO

ASSOCIAÇÃO PAIS E FILHOS NO FUTEBOL, neste estatuto designada, simplesmente, como Associação, fundada em data de 17/10/2009, com sede e foro na Rua José Faccioni nº. 420, Parque Tropical, na cidade de Campinas, do Estado de São Paulo, CEP 13060-534, é uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, sem cunho político ou partidário, constituído com os seguintes objetivos:

- I. Desenvolver entre seus associados a recreação esportiva e a prática educacional e competitiva do futebol;
- II. Difundir, aperfeiçoar, intensificar e orientar a prática do futebol e o convívio social e cultural, através de promoções internas e externas;
- III. Desenvolver o sentimento de brasilidade, e educação moral e cívica entre seus participantes e associados;
- IV. Desenvolver projetos de inclusão social através da prática do futebol a crianças e jovens, em parcerias com órgãos públicos e privados;
- V. Promover a realização de campeonatos, festivais e torneios de futebol;
- VI. Participar do desenvolvimento do futebol com a formação de atletas de base e atletas amadores.

Fonte: Projeto FFC

A Associação foi idealizada pelo agente social e treinador Mauro, atua na constituição e formulação do Projeto, desde a época da primeira turma em 1996 e destacado com unanimidade entre as interlocutoras como um mediador e incentivador da prática futebolística para meninas e mulheres, como escreve Cristiana: “Carta de agradecimento, ao Mauro, em primeiramente, porque ele é uma pessoa que faz diferença na vida das meninas, trata o futebol como mais que um esporte, ele faz com que o esporte seja um caminho para uma conquista ainda maior”.

Além disso, a execução da política de incentivo ao esporte se tornou, dentro do clube social, como um paradoxo⁷⁵. Quanto mais futebolísticas se infiltravam, mais tal movimento criava um “problema” para o clube, de acordo com seus administradores. O aumento das turmas e categorias geracionais, além da ampliação do circuito competitivo, afetou diretamente a carga horária da comissão técnica da equipe. Além disso, a presença das alunas não sócias, ao passo que concretizaram o resultado almejado pela diretoria do clube de lograrem êxito competitivo e

⁷⁴ Documento disponível de forma online pelo Projeto FFC, no site:

<http://futebolfemininocampinas.com.br/transparencia/>. Acessado em: 19 de out. de 2021.

⁷⁵ “Paradoxo é um signo da capacidade de equilibrar, de forma complexa, pensamentos e sentimentos contrários, e, assim, a criatividade poética” como dialoga com a historiadora Joan Scott (2005, p.14).

conquistarem visibilidade na região, acentuou a dificuldade de gerenciar a modalidade, que estava crescendo em seu espaço esportivo.

O clube, além de não conseguir cobrir as horas extras que cresciam junto às exigências do contexto, passou a não remunerar a carga de trabalho adicional. Como resposta estratégica à crescente carga horária, a diretoria retornou a cobrança de mensalidades, cujo efeito foi imediato: houve grande evasão de jogadoras não sócias, o que, ao fim e ao cabo, o clube social passou a implementar estratégias voltadas para as jogadoras sócias, delimitando sua contrapartida da Lei do Incentivo ao Esporte, voltados para campeonatos internos e regionais que favorecessem apenas as associadas.

Observamos, também, que a política do FIEC, assim como outras políticas públicas de incentivo ao esporte. Como apontado no discurso de Irene, que além de ter dificuldades para locomover aos espaços de treinamentos, ainda enfrentava a omissão de verba periódica do FIEC: “Pagar passagem era mais trabalhoso, porque tinha que pagar passagem para ir jogar, e tirando tinha. Acho que somente um ano que a gente foi bancado pela prefeitura, depois disso tinha que bancar com nosso dinheiro, tinha que bancar com nossas coisas”. Ressaltando a dificuldade econômica e de mobilidade para seguir vivenciando a modalidade no clube social, principalmente quando advinda de regiões periféricas da cidade, e no qual o apoio governamental não possibilita essa democratização no acesso aos equipamentos esportivos.

Os veículos midiáticos não deixaram de destacar o descompasso da aplicação de políticas esportivas como a do FIEC, em relação à distribuição de verba e sua implementação efetiva. Uma reportagem do mais popular jornal televisivo da cidade, na *EPTV Campinas*⁷⁶ atestou: “*Atletas de Campinas sofrem com falta de repasse de verbas pela prefeitura: "amor não enche barriga de ninguém*”⁷⁷. Exibida em 2019, foi coletada através do quadro de denúncias da *#EPTV1*⁷⁸, com interação virtual e dinâmica. A seguir, reprodução de trecho da matéria, com a fala de uma das representantes do Projeto FFC:

76 Rede de televisão regional do país afiliada à Rede Globo sediada em Campinas.

77 Link da reportagem: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/23/atletas-de-campinas-sofrem-com-falta-de-repasse-de-verbas-pela-prefeitura-amor-nao-enche-barriga-de-ninguem.ghtml>.

78 Quadro da emissora que coleta as denúncias online dos moradores da cidade para construir a reportagem.

Técnico precisa escolher para quem vai na competição, “no mínimo precisa de uma van, que tem um custo, trabalhamos com 15 a 20 meninas, já são 15 a 20 refeições, e mais a comissão técnica”, “Março temos campeonato importante representando a cidade, e sem a verba não conseguimos fazer a inscrição”, “Classificaram para os jogos abertos mas sem a verba do transporte, desde 2018 vendendo trufa , pizza, rifa para conseguir pagar, muitas meninas precisam trabalhar para ter o passe para o local de treino, muitas acabam desistindo do esporte”(NOTICIA s.p, 2019).

A jogadora Luana⁷⁹, uma das interlocutoras desta pesquisa, enfatiza as estratégias que o time e algumas jogadoras criavam para se manter na prática e poder competir desde 2018 com a aplicação do FIEC passível de não distribuição de verba:

todos os lados têm sacrifícios; por parte das atletas, sacrifícios por parte da comissão técnica; atleta vendendo pizza, trufa, vendendo a mãe (risos)...para conseguir jogar um campeonato, participar, principalmente no adulto que a gente vê as meninas trabalhando estudando (Carta Luana).

Além da inconstância na efetividade de distribuição da verba para fomentar a prática esportiva, havia, também, por parte dos organizadores desta política posturas que incitavam a desigualdade de gênero, tanto pela comissão que formula como pelos projetos atingidos. Segundo Benini Filho (2017), o FIEC, durante sua vigência na região de Campinas, engloba discrepâncias na forma como avalia e direciona os projetos escolhidos, “ao longo dos onze anos de existência do Fundo de Investimentos Esportivos de Campinas o cargo de secretário de esporte e lazer foi ocupado por onze homens e apenas uma mulher” (p.39). E conclui que a gestão e supervisão destes espaços que pensam o esporte no poder público campineiro são espaços destinados aos homens, cabendo às mulheres uma função de sub-representação (p.111). A equipe de futebol e futsal de meninas e mulheres do clube social foi uma das poucas beneficiadas e, ainda assim, após mais de seis anos de criação do FIEC, expondo uma lacuna entre a criação e aplicação de uma política de incentivo ao esporte para distintas meninas e mulheres.

Esta lacuna foi resgatada pelo Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) nos anos de 2013 a 2015, e que pensava uma série de ações voltada para o direito e vivência das mulheres junto ao esporte e lazer e também a promoção de diretrizes para o combate à discriminação de gênero, em conjunto com

79 Luana participou desta pesquisa através da escrita de sua experiência com o Projeto FFC através de uma carta enviada de forma online, devido às circunstâncias da COVID-19. Não atuou na base do Projeto, chegando diretamente no adulto.

a Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM e o Ministério do Esporte. Bertollo e Schwengber (2016) relatam que o PNPM pode ser uma possibilidades de combater as distintas dinâmicas sociais que engendram desigualdades de gênero, contribuindo para a democratização da pratica esportiva por mulheres, a partir de desenvolvimento de ações políticas e que abraçam tais temáticas.

O processo histórico, abastecido por políticas públicas esportivas durante quase duas décadas, entre o Projeto, clube social e o poder público da cidade foi munido por uma série de desgastes. A “gota d’água” se deu quando o clube social demonstrou sua intenção em descontinuar a oferta de prática futebolística para distintas meninas e mulheres em seu espaço. Mauro relembra o posicionamento da nova diretoria do clube, em 2019: “Oh não tenho mais condições de fazer nada, por vocês e... não dá pra continuar aqui não”, ressaltando seu posicionamento e intenção de não ofertar mais a prática futebolística a mulheres não sócias em seu espaço, havendo a cisão com o FFC.

Anteriormente ao conflito, no mesmo ano de ruptura, também “veio a proposta da Ponte Preta” (Mauro), ocorrendo brevemente uma dupla representatividade clubística do clubes social e da Ponte Preta. 2020 foi o último ano deste vínculo com o clube Pontepretano. Essa nova parceria foi em função de um novo contexto que a prática futebolística por mulheres passou a atravessar no Brasil. A FIFA, adotou a partir de 2016, medidas de governança que incluíam a temática de igualdade de gênero⁸⁰ no esporte, orientando as entidades nacionais e regionais que modificassem seu estatuto para promover o futebol praticado por mulheres (ALMEIDA, 2019). A Confederação Sul-Americana (CONMEBOL), pressionada a adaptar seu estatuto de acordo com novas exigências, implementou no território sul-americano estratégias vinculadas ao futebol praticado com homens. As mudanças estabeleceram a obrigatoriedade da construção de equipes profissionais e de base para mulheres, pelos clubes que participavam do torneio intercontinental da CONMEBOL Libertadores (praticado por homens), com vigência posterior a 2019, como condição para obter o licenciamento oficial de Clubes.

Num primeiro momento e dado o curto tempo de adaptação às novas regras, a obrigatoriedade de equipes profissionais e de base no futebol de mulheres

80 Documento oficial pode ser consultado em: <http://bit.ly/2WhlBoO>; a temática de gênero está exposta no artigo 23.

nos times profissionais, levou os clubes a estabelecerem parcerias com estruturas de futebol de mulheres já existentes, que possuíam equipes prontas. Nessa toada, a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, uma das mais antigas e tradicionais instituições futebolísticas do país, sacramentou uma parceria com o Projeto FFC vinculado ao clube Bonfim. No entanto, Barreira (2019) ressalta que, em meio as tratativas voltados ao cumprimento das exigências da CONMEBOL, houve efêmera e enganosa sensação de permanência das atletas como profissionais e da categoria de base, junto ao efeito de subordinação do futebol de mulheres ao futebol de homens.

Tivemos, então, a partir de 2019 uma nova fase de oferta de prática futebolística para distintas meninas e mulheres, representando uma nova agremiação social. Apesar da parceria com um clube social e a possibilidade de utilizar limitados espaços futebolísticos das duas entidades, o FFC seguia com vínculo junto ao poder público campineiro, que teve papel central na continuidade do FFC através do FIEC, ao fomentar a construção de um novo espaço físico e futebolístico para a prática de distintas meninas e mulheres:

25 de junho de 2020

Futebol Feminino Campinas e seu novo espaço de treinamento:

“Vai melhorar muito o nosso processo de captação de atletas meninas na cidade de Campinas! Primeiro local público destinado às meninas onde as mulheres vão poder jogar Futebol. Vamos captar atletas para treinar desde a escolinha até alcançar o nível profissional e jogar pelo time da Ponte Preta Feminino.” (trecho comunicado em grupo público criado pelo Projeto, vinculado à rede social do Facebook, a fim de divulgar informações sobre o FFC)

(Diário Campo)

As parcerias do FFC foram sendo fechadas. No final do ano de 2019, houve encerramento da parceria com o clube Bonfim. Já a parceria com a AAPP foi efêmera, sendo concluída em meados do ano de 2020, menos de um ano e meio desde sua criação. Foi uma época marcada pelo avanço da pandemia de COVID-19, o que afetou diretamente o Projeto e sua comunidade, como também a construção do novo Centro de Formação do Futebol Feminino de Campinas (CT), cuja previsão inicial era de ser inaugurado em 2021. O centro, localizado na região Sudoeste, no bairro do Parque Tropical, teria o intuito de ser não apenas espaço de treinamento, mas também de lazer, voltado para distintas meninas e mulheres da região, como afirmado em uma notícia veiculada pelas redes sociais do Projeto FFC na época de isolamento social:

25 de junho de 2020

“Criação de um novo espaço para jogos e treinamentos. Vai melhorar muito o nosso processo de captação de atletas meninas na cidade de Campinas! Primeiro local público destinado às meninas onde as mulheres vão poder jogar Futebol. Vamos captar atletas para treinar desde a escolinha alcançar o nível profissional e jogar pelo time da Ponte Preta Feminino⁸¹ (Diário de Campo)

No excerto acima, podemos observar que apesar da implementação de duas parcerias com agremiações os espaços esportivos do clube social ainda não eram pensados para as futebolísticas da base, do profissionais e as que buscavam apenas lazer usufruir das instalações novamente, o apoio governamental se faz importante para romper as barreiras para democratizar a prática esportiva por mulheres.

Posteriormente, a grave extensão da pandemia de COVID-19 em âmbito nacional gerou um inesperado cenário de incertezas gerenciais a curto e médio prazo, que somada à crise institucional e financeira da Ponte Preta, culminou no encerramento da parceria ao final de 2020. Esse fato mostra a fragilidade do futebol de mulheres, que diante das dificuldades impostas pela pandemia, foi descartado, o mesmo não ocorrendo com o futebol de homens. No entanto, o Projeto FFC e a construção do CT seguiu adiante, vinculado ao apoio governamental: “esperamos que até dia 31 de Dezembro [de 2020] tudo esteja pronto, conforme informação do Vereador Zé Carlos que está à frente dessa obra, juntamente com a Secretaria de Esportes, SANASA e Prefeitura de Campinas”⁸², a construção do CT segue na reta final para inauguração em dezembro de 2021:

Figura 17-Registro de fomento do Projeto FFC vinculado ao FIEC em novembro de 2020:

81 Comunicado retirado no canal do Projeto FFC, disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2938053366313748&id=444944008958042. Último acesso em: 17 de out. de 2021.

82 Trecho retirado na rede social do Projeto 11 de novembro de 2020, disponível em: <https://www.facebook.com/444944008958042/videos/680942672859848/>. Acessado em, 30 de out. 2021.



Fonte: Projeto FFC

Conforme demonstrado acima, o Projeto vivenciou uma rica fase de oferta de vivências esportivas vinculado ao apoio governamental, contribuindo no caminho de democratização das práticas futebolísticas. Por outro lado, o contexto de descontinuidade com instituições privadas e clubes sociais geraram problemas, mostrando o quão frágil ainda é a institucionalização do futebol de mulheres no município.

As políticas públicas esportivas são/foram imprescindíveis para que distintas futebolísticas do Projeto FFC passassem a vivenciar a prática esportiva e possibilitaram que pudessem dar continuidade na prática esportiva em um período de isolamento social e de dificuldades econômicas enfrentados pela comunidade. A luta pela sobrevivência na prática da comunidade do FFC foi permeada por descontinuidades.

Porém, neste processo muitas das jogadoras sócias e não sócias que tiveram oportunidades esportivas no Projeto FFC vinculado as parcerias emergentes, construíram uma carreira profissional, em solo nacional como também em solo internacional vinculado a bolsas universitárias. Algumas praticantes se aproximaram da prática como lazer e construíram uma ampla rede de sociabilidade neste espaço futebolístico. Outras passaram a trabalhar dentro do Projeto com sua primeira inserção profissional na área.

Apesar do grande alcance, adesão e oportunidades esportivas criadas, as parcerias clubísticas junto ao FFC se constituem de forma efêmera. Na próxima seção abordaremos a constituição de um sentimento de pertença que foi se criando

de acordo com as parcerias, e fortalecido com encerramento das mesma, contextualizando os momentos de rupturas e os elementos de pertença da comunidade do Projeto FFC e que impulsionou a consolidação da equipe na região de Campinas.

3.4 Futebol Feminino Campinas e os pertencimentos à equipe.

Olá “**Bonfas**”

Morro de saudades dos momentos que vivemos juntos, foi um período de enriquecimento profissional e pessoal, que me transformou em uma pessoa melhor, um profissional melhor e um pai melhor. (carta de Gustavo⁸³)

[...] pra aquelas meninas [o FFC] é FAMÍLIA entendeu?! É a **família** delas... e mesmo as jogadoras que não tinha uma estrutura familiar muito boa e ali acabava sendo o seu lugar, tanto que passavam mais tempo ali do que na própria casa, na escola (entrevista de Naiane) .

A comunidade do Projeto FFC foi detalhada, em épocas distintas, pela narrativa de si de Gustavo e pela perspectiva de Naiane, como: uma extensão dos laços familiares; supervalorização das relações afetivas; constituição de um pertencimento específico em uma comunidade esportiva. Sentimento de pertença vislumbrado também por Joana: “eu admiro muito, esse GRUPO, esse sentimento de pertencimento [no FFC]”, que emergiu, inicialmente, nos espaços infiltrados junto a parceria clubística do Bonfim e, com o poder público, posteriormente, passou a ocupar outro espaço clubístico, junto a breve parceria com AAPP.

Os vínculos criados e transferidos a cada nova parceria foram importantes para que muitas futebolísticas sobrevivessem às adversidades evasivas da prática e pudessem reconhecer a vivência futebolística como um espaço também para elas, como recorda a jogadora Katia: “Demorei muito para sair do time por apego emocional as meninas que sempre me motivaram a continuar”.

Vale ressaltar, antes de introduzirmos o conceito de pertencimento, quem são as pessoas envolvidas e que construíram esse convívio, isto é, a comunidade do Projeto FFC. Lá, as pessoas são caracterizadas por sua heterogeneidade geracional, composta por futebolísticas de 8, 9 anos a 55 anos. Elas possuem diferentes níveis de escolaridade, do ensino fundamental ao ensino superior, algumas são “donas de

83 Gustavo de 30 anos, foi treinador da equipe de base do Projeto. Participando em 2015 como Auxiliar do Sub20 e do Adulto, em 2016 assumiu o Sub15 e em 2017 foi treinador da Categoria Adulta de futsal. Participou desta pesquisa através do depoimento pela escrita das cartas, de forma online.

casa” (como se autodenominam) ou trabalham de forma autônoma. Algumas têm filhos e eles as acompanham nos espaços futebolísticos. Além disso, há também uma heterogeneidade entre as profissionais da área que atuam no Projeto, com mais de seis treinadoras e treinadores, fisioterapeuta e outras profissionais, que, em sua grande maioria, passaram pelo Projeto como jogadoras ou chegaram até ele através da comunidade acadêmica na cidade.

A comunidade também envolve as pessoas que organizam o Projeto FFC, respondido, institucionalmente, pela Associação de Pais e Filhos no Futebol, criada em 2009, em Campinas. As questões administrativas do Projeto são trabalhadas a partir de um organograma nos moldes do futebol profissional, composto por cargos de: presidenta/ vice-presidenta; secretária; tesoureira; diretora de esportes, conselho fiscal. No entanto, sua gestão possui apenas duas mulheres nestes cargos (CAMPINAS, 2020).

No início da década de 2010, a comunidade embrionária do Projeto FFC experienciou uma amplitude na oferta e prática futebolística a partir de políticas esportivas emergentes, como destacado anteriormente, que permitiram o ingresso aos circuitos competitivos e de jogadoras não sócias às categorias de base. O projeto, pois, transitou para um cenário de crescimento muito promissor à permanência e continuidade de espaço de prática futebolística de distintas meninas e mulheres na cidade de Campinas. Arelado ao contexto cultural efervescente da modalidade no país, no qual contribuíram para fortalecer o sentimento de pertença das praticantes como também alcançar futuras futebolísticas da região.

Primeira pertença clubística: clube social Bonfim

De imediato, houve uma pertença clubística ao clube social que abria as portas para vivenciarem oportunidades esportivas jamais experienciadas pelas participantes, como o caso de Katia: “O Bonfim com toda certeza é um marco na minha trajetória com o futebol, foi meu primeiro clube e primeira paixão, [...] Aos 11 quando entrei no Bonfim foi quase como descobrir uma nova modalidade” (carta Katia).

O discurso exposto até das interlocutoras em relação ao clube social e sua ofertando e prática esportiva vinculada ao Projeto FFC, exprimem uma ideia de pertencimento clubístico e paixão pela entidade, apontado de forma unânime por

distintas gerações que ali passaram por essa vivência. Damo (2007) aborda sobre o pertencimento clubístico, é atravessado por elementos econômicos, culturais e sociais; por valores e especificidades territoriais, regionais e nacionais. O autor destaca que tal sentimento se assemelha ao vínculo de uma ideia de “parentela consanguínea” e “familiar”.

O pertencimento clubístico, então, pode ser entendido como uma das possíveis formas de identidade social. Em uma faceta simbólica, essa identidade social construída reforça a ideia de uma coletividade associada a laços afetivos ao Projeto FFC e ao clube social, como expresso de múltiplas formas pelas participantes, elaborando elementos significativos para construção de uma identidade clubística, em torna da palavras, “união” e “sangue”, como grito de guerra, logo, uniformes, sites informativos, etc.

Contextos, comunidades, histórias

Neste caminho, a cultura das futebolísticas participantes não sócias junto às interações no clube social, estimularam iniciativas que puderam representar e conhecer sua prática, através de símbolos do clube social. A criação de um grito de guerra⁸⁴ “Bonfim, Raça, União, 3, 2, 1, Bonfim!” Usado em dias de jogos, foi um bom exemplo, como, também, a construção de uma identidade virtual da equipe. Nesse sentido, as redes sociais se constituíram como importante elemento apropriado pela comunidade do FFC para disseminar o senso de pertença na prática futebolística até hoje. Ao longo dos anos, como atestam Pisani (2014) e Nazário (2018), as redes de mensagens instantâneas, como *WhatsApp* e *Facebook*, adquiriram papel central na vivência da comunidade e como espaço de mediadora de afetos e relações entre futebolísticas.

Não obstante, as mulheres criaram canais comunicativos e identitários da equipe, como o “Bonfim Fut Feminino”⁸⁵, um canal de vídeo de produção amadora para compartilhar momentos e vivências do grupo. Ademais, também foi criado um

84 Os “gritos de guerra” carregam os símbolos que representam o lema da equipe, história e personalidade, e que possam inspirar a equipe antes de iniciar sua entrada em campo.

85 O canal está ainda aberto, porém com o rompimento com o clube social não houveram mais atualizações de vídeos. O canal pode ser acessado aqui: [youtube.com/user/0Bonfim/vídeos](https://www.youtube.com/user/0Bonfim/vídeos). Último acesso 27 de out. de 2021.

blog virtual, chamado “Sangue vinho”⁸⁶, com o objetivo de mostrar o que acontece nos treinos, jogos, passeios. Acontecimentos engraçados, fotos e vídeos!” (VINHO,2010). A palavra “sangue” passou a ser incorporado como elemento vital e nativo de identificação das relações afetivas e o vinho, representando a cor grená do clube social, adjetivando a ligação afetiva criada a partir dos símbolos do clube.

Figura 18-Desenho feito pelas jogadoras em 2010 e compartilhado no blog da equipe:



Fonte: Blog Sangue vinho

Observamos que a palavra “sangue” foi utilizada como forma de identificação das futebolísticas do Projeto, utilizada principalmente durante sua parceria junto ao clube social. Fortaleceu um símbolo, que representava os valores e ideias enquanto comunidade esportiva. Como ressaltado na carta do treinador Gustavo, ao ser perguntado: “Se pudesse enviar uma carta ao “Projeto”, o que escreveria, o profissional relata sua relação de pertencimento à equipe: “Nossos caminhos, hoje, estão distantes, mas o sangue vinho ainda corre nas veias e o coração ainda bate forte por vocês” (carta de Gustavo). O “sangue”, então, como um transmissor de qualidades físicas e morais deste espaço.

Além da criação do grito de guerra e do blog virtual, houve, também, a formulação de um mascote próprio para a equipe, importante para criar uma

⁸⁶ O blog das jogadoras ainda está no ar, e pode ser acessado aqui: <https://sanguevinho-futebolfeminino.blogspot.com/2010/10/>

identidade social e pertencente à prática futebolística, também emancipada no início da década de 2010.

O mascote, na época [2012] em que estava sendo pensado e formulado pela equipe e comissão, tinha o intuito de representar a Deusa Athenas como mascote da equipe, passando para a identificação humana e personificar as habilidades desta deusa como a sabedoria e a inteligência (Diário de campo).

O sentimento de pertença detém potencialidades que fortalecem um indivíduo, na melhora no relacionamento consigo mesmo e com a comunidade ao entorno (HIRAMA; MONTAGNER, 2012). Alana⁸⁷ relata que esse sentimento de pertença à prática futebolística: “ajudou muito a me tornar um ser humano melhor”. Este elo de pertença histórico e cultural da equipe culminou na criação da primeira identidade visual do Projeto FFC: o Campinas Futebol Feminino,⁸⁸ ainda vinculada à parceria do clube Bonfim até meados de 2019:

Figura 19-Página inicial do Campinas Futebol Feminino.



Fonte: Campinas Futebol Feminino.

Os símbolos e o meio de comunicar suas vivências, através de uma nova identidade social e futebolística, podem ser entendidos como práticas de significação na comunidade do FFC e vinculado pelo clube social. Por meio de significados mobilizados e representações que a comunidade estabeleceu historicamente, as

87 Alana participou desta pesquisa através da escrita online da carta coletada em abril de 2020. A jogadora não sócia atua no Projeto desde 2014 e atualmente é uma atleta profissional, também bolsista vinculada ao Projeto FFC.

88 O site da primeira aglomeração da comunidade do FF. Recentemente esse site parou de ser atualizada devido ao fato de se desvincular da parceria do clube social, e que posteriormente passou a criar sua própria identidade enquanto Projeto FFC. O site está disponível em: <https://www.campinasfuteolfeminino.com.br/>. Último acesso em: 27 de out de 2021.

futebolísticas deram sentido às experiências e vivências de pertença. Os sistemas simbólicos tornam possível a construção de um novo *modus vivendi* na prática futebolística e mostrarmos quem somos, sentimos e aquilo que podemos ainda *vir-a-ser*.

Sentimento de pertença relacionado a militância e visibilidade

O movimento de pertença à prática futebolística no contexto investigado está diretamente envolvido no processo de luta pelo reconhecimento do espaço futebolístico e direito à prática esportiva por mulheres no país e no mundo. Em 2016, a FIFA finalmente iniciou um plano estratégico para o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres (ALMEIDA, 2019).

No Brasil, o crescimento da modalidade está relacionado a fatores diversos, como: o desenvolvimento científico na área; a militância e seu movimento de resistência; a infiltração nos espaços midiáticos e visibilidade futebolística; a crescente inserção em espaços de memória, como museus esportivos; a inserção de mulheres em cargos de lideranças de instituições de futebol; crescente processo de associação de das mulheres nos espaço e visibilidade nos grandes eventos como Jogos Olímpicos e Copa do Mundo.

Januário e colaboradores (2018) ao analisarem a cobertura da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino de 2019⁸⁹- em sites jornalísticos esportivos do país constataram um aumento de 533% das notícias entre as Copas de 2015 e 2019 nos sites esportivos brasileiros. Essas distintas ações e visibilidade são importantes para ampliar o acesso de novas gerações à prática futebolística e romper com os silêncios históricos.

A partir de 2019, o sentimento de pertença passou por ressignificações. A identidade do Projeto FFC, historicamente articulada a do clube social, ganhou um terceiro elemento: a da Associação Atlética Ponte Preta, uma vez consumada a parceria para representar, no futebol de mulheres, a centenária equipe de futebol campineira. Foi estabelecido, desse modo, uma espécie de tripla pertença clubística, decorrente da mistura dos símbolos, mascotes e logos das entidades. O clube social

⁸⁹ Ano em que que o evento bateu o recorde de 1,12 bilhões de pessoas assistindo ao campeonato pela TV ou mídias digitais. Sendo o Brasil o maior país a acompanham a final do torneio 19,9 milhões de espectadoras e espectadores em canais de TV aberta e com assinatura (RODRIGUES, 2020)

e a AAPP passaram, ambos, a formar uma parceria com o Projeto, criando uma breve tripla pertença clubística, representada pelas futebolísticas do FFC. Ocorrendo a mistura dos símbolos, mascotes e logos das entidades participantes:

Figura 20-Divulgação da nova parceria, a partir da junção dos clubes representativos da cidade



Fonte: Acervo digital do Projeto FFC

O novo processo evidenciou que as futebolísticas do FFC, além de representarem uma tripla pertença clubística, passaram a constituir uma intersubjetividade, a partir das miscelâneas de identidades da comunidade do Projeto, como também das pessoas que organizam e representam estes espaços esportivos ocupados.

Os símbolos clubísticos escolhidos para apresentar esse aglomerado de parcerias foram o da AAPP, devido à ideia da expressiva popularidade alcançada na região em relação às práticas futebolísticas por homens e sua urgência institucional, como registrado anteriormente, para se adequar às novas exigências da CONMEBOL. Instituiu temporariamente a continuidade da categoria de base (Figura 21) criada pelo Projeto e também incorporando algumas futebolísticas do FFC na equipe Profissional.

Figura 21-Dia de treinamento com as novas parcerias e uniformes representativos no início de março de 2020.



Fonte: Acervo pesquisadora.

O sentimento de pertencimento aos clubes passava a contemplar possibilidades de se buscar finalmente a profissionalização tão aclamada pela categoria de base emergente do Projeto, mesmo com ressalvas administrativas e econômicas. As próprias futebolísticas do FFC escrevem nas cartas que esse pertencimento clubístico específico com a AAPP soou como a abertura de oportunidades em sua trajetória no Projeto: “Até chegar a oportunidade através do projeto, de fazer parte da equipe principal e profissional da Ponte Preta” (Laís⁹⁰).

Vale ressaltar, que cada espaço e parceria tinha uma abordagem de gestão e intento distintos em relação à educação informal das participantes, como: o apoio velado com a comunidade; restrição aos equipamentos e espaços esportivos das entidades; restrições econômicas. erando incômodos e desequilíbrios ao longo do breve ano de apoio e representação.

Os familiares das participantes do Projeto marcam presença frequentemente em dias de jogos (Figura 22), e também foram responsáveis em

⁹⁰ Laís de 26 anos participou desta pesquisa através da escrita da carta online, coletada em maio de 2020. A jogadora não sócia se inseriu no Projeto desde 2010 quando a parceria ainda era vinculada ao clube social, e atualmente é uma atleta profissional e formada em Educação Física com bolsa vinculada ao Projeto FFC.

moldar a participação de algumas futebolísticas junto a novas parcerias, e de produzir um desnível de pertencimento nestes espaços.

Figura 22-Dia de jogo com as novas parcerias e uniformes representativos, utilizados também pela torcida presente, em 2019/2020



Fonte: Acervo digital do FFC.

Embates: para além do pertencimento clubístico no futebol de mulheres

O sentimento clubístico foi se transformando, a partir das relações de poder e da subjetividades da comunidade do FFC e parcerias vigentes, e outras formas de expressar essa pertença eclodiram a esfera da pertença clubística.

Ao navegarmos pelas redes sociais do Projeto, uma das alunas relata dificuldades de seguir cultivando senso de pertencimento ao espaço de tripla representatividade, em função da grande identificação clubística dos familiares com o Guarani Futebol Clube, arquirrival da AAPP:

20 de julho de 2020

Aluna relatou nos espaços virtuais do projeto suas dificuldades e nuances ao tentar buscar a profissionalização na modalidade, se sentiu afastada da possibilidade de construir uma pertença a este espaço devido a instituição familiar direcionar os espaços de pertença desvinculado a representação do AAPP (diário de campo).

Mais adiante, em 2020, a parceria com o clube social e com a AAPP foram descontinuadas. A pertença criada nestes espaços ambíguos e os periódicos auxílios de políticas públicas campineiras compuseram um processo de oficialização do Projeto FFC, ganhando novos contornos. Permitiu clarificar desta subjetividade de pertença clubística criada a sua formalização:

Figura 23-Formalização da pertença do Projeto FFC⁹¹:



Fonte: Projeto FFC

No entanto, o sentimento de pertencimento a um clube na prática futebolística de mulheres é estabelecido em condições efêmeras, quando comparada à prática dos homens. Tais espaços, dificilmente permitem possibilidades de continuidade a elas, seja na esfera do lazer ou profissional, como o caso das parcerias junto ao Projeto FFC. Ainda, quando os espaços não formais constroem oportunidades esportivas para o público alvo desta pesquisa, são centralizados e de difícil acesso.

As jogadoras do Projeto FFC, criaram neste percurso incerto do pertencimento clubístico na modalidade, outros caminhos de pertença (caminhos que não se esgotam em si mesmo), para além de uma restrição clubística, e sim massificam para uma pertença ao coletivo, à equipe e comunidade em si.

Me recordo muito do Projeto porque foi uma coisa muito maravilhosa, principalmente o time, o time você pode chamar de família, porque cada um está ali independente de qualquer coisa, meninas vão estar te apoiando vão estar ali apoiando você se estiver triste, apoiando se tiver feliz, elas vão gritar junto com você, e era maravilhoso, é a união ali muito forte (depoimento Irene).

91 O site oficial pode ser consultado em: <http://futebolfemininocampinas.com.br/>. Último acesso: 2 de nov. de 2021.

O sentimento de pertença, destacado por Irene a um grupo que, se deu através do convívio diário desta equipe, pressupondo às novas participantes, que o ato de adesão aquele espaço resultaria em uma vivência específica, a partir da rotina de jogos, treinamentos atividades extracampo e valores que “podem” circular, sem parcimônia, nestes espaços de convívio futebolístico.

Ao se sentir pertencente à equipe e, conseqüentemente, à prática futebolística, como jogadora ou profissional do Projeto, as mulheres conseguem dar significado maior ao sentir, aprender e interagir. O pertencimento à equipe do FFC, então, instiga um tipo de convivência entre a comunidade, em pleno ambiente não formal, capaz de ressignificar o espaço de sociabilidade.

Dessa forma, a prática futebolística expressada por mulheres no Projeto constitui importante elemento de sociabilidade, uma vez que legitima a criação de comunidades afetivas, contribuindo para ressignificar seus lugares no mundo e, ao mesmo tempo, valoriza as diferenças das que ocupam este espaço:

Além do Futebol, o Projeto me proporcionou locais de fala, de discussão, reflexão e principalmente me apresentou pessoas incríveis e supertalentas. É isso, quem percorre o caminho com você, que te ajuda a levantar e quem acredita. Somos muitas, diferentes, mas ao mesmo tempo somos um todo...um todo em prol do Futebol Feminino. Nunca foi só o Futebol (carta de Luana).

Fica evidente, para além das relações esportivas e de comprometimento com o time, a existência de uma rede de proteção e ajuda mútua entre as futebolísticas pelo compartilhamento de projetos e o sentimento de pertença com signos do clube social: há o evocar de um sentimento de pertença, a partir do futebol, constituindo laços amorosos entre elas (PISANI, 2014).

A pertença, então, envolve “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar e constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos” (SANTOS, 2006, p. 65). Este jogo condicionante se articula a partir do contexto cultural, do convívio em comunidade, das influências históricas, em que subjetividades, que são plurais, acabavam em algum momento cedendo margem para subjetividades que “sobressaem”, em maior ou menor medida, nesses espaços de pertencimento, havendo, pela lógica, certo exercício de poder.

O poder está sendo posto aqui, perpassado pelo sentido elaborado por Michael Foucault (1979; 2006) que designa o poder intrínseco a qualquer prática social. Ou seja, o poder não parte de uma instituição de uma macro estrutura, mas compreende micro relações na sociedade. É apreendido, assim, nas e pelas relações sociais, como em espaços de educação informal e projetos esportivos: neles, tais relações estão presentes, de modo que o poder é produzido e exercido dentro desta comunidade, através de práticas discursivas (aquilo que em uma dada sociedade compreende como obrigação e comportamentos aprendidos) ou não discursivas. Para Foucault, o poder não é apenas negativo e/ou proibitivo e, sim, eficiente e produtivo. Os elementos relacionados ao poder determinam as “regras e valores” que circundam o sentimento de pertença neste espaço e seu funcionamento .

O senso de pertença não está imune às relações de poder dos organizadores e profissionais que o manejam, tampouco das categorias geracionais e de classe. Todos eles revelam manejos sociais para pertencerem a algum espaço: “entendo que, ao mesmo tempo em que havia um nível altíssimo de jogo, havia pouco desenvolvimento “profissional” no campo das relações humanas, o time era entendido como uma extensão das amizades” (Depoimento Diana). Futebolísticas não pertencentes aos vínculos de relações, citado por Diana, pareciam continuar a estar marginalizadas nestes espaços, sucumbindo à subjetividade que sobressaia.

Os vínculos foram construídos junto às questões sociais das participantes no que tece alguns rituais de interação face a face fora também dos espaços de treinamentos e jogos. Algo destacado por Carolina Almeida (2016), ao estudar a equipe de mulheres do Radar, e relatar que a camaradagem existente entre pessoas de mesma condição social ou equiparadas e, até originárias de localidades periféricas próximas. No contexto do Projeto, os relacionamentos com futebolísticas não sócias e universitárias de outras localidades e territórios do país que residiam por Campinas para estudarem, causavam, de início, certos desconfortos e sensação de estranheza ao reunir histórias de vida muito distintas:

Eu entrei, né, bem depois, já entrei no Adulto a maioria já tinha passado todo processo da categoria, então, a maioria delas já tinham um laço anterior muito mais forte. Acho que também tem uma questão de classe, classe escolaridade uma série de assimetrias ali, de relação, então, a gente até saiu com uma relação amigável, principalmente nos primeiros anos, depois fui sentindo que não me sentia tão pertencida ao grupo, tinha um pouco desse sentimento, diferente do sentimento que eu tenho no meio universitário, onde me sinto muito agregada, faço parte daquilo. Eu

sentia, mas assim, atribuo a essas duas coisas, muitas delas tiveram um laço muito forte, passaram anos antes, então, não é eu que vou entrar e ser a grande amiga delas. E tinha essa questão de classe porque, elas moravam em bairros, talvez bairros próximos, elas frequentam espaços e lugares que eu não costumava frequentar, porque eu moro num distrito aqui (...), então senti que tinha uma série de fatores que talvez dificultavam a aproximação maior, mas no geral era uma aproximação amigável (entrevista de Naiane) (Grifos da autora)

Por fim, observamos que a valorização de uma identidade e um legítimo sentimento de pertença constituída desde a fundação da equipe, e que foi cooptada pela AAPP, mas sujeita, também, às idiossincrasias, não estão imunes às questões sociais, econômicas e raciais. Na verdade, este espaço futebolístico não formal, a despeito de sua singularidade, reflete algumas de nossas feridas enquanto sociedade. Então, ao estudar o Projeto FFC, notamos que mesmo conquistando espaços e oportunidades esportivas e sua consolidação na cidade, ainda persistem, na prática futebolísticas por mulheres no país, um emaranhado de desafios, que muitas vezes são driblados para seguirem sobreviventes na prática esportiva. No próximo capítulo percorremos alguns deles.

4 PROJETO FFC: DRIBLANDO E RESISTINDO AOS DESAFIOS PARA OFERTAR A PRÁTICA DO FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES

Os capítulos anteriores evidenciaram que os 25 anos da trajetória do FFC – desde seu nascimento até sua consolidação – envolveram desafios, especificidades, elementos socioculturais, territoriais e políticos ao oferecer oportunidades esportivas para distintas meninas e mulheres de Campinas e região.

Destarte, não há democracia de oportunidades esportivas sem que distintos corpos se expressem com liberdade. No FFC, muitas futebolísticas seguem resistindo e reconstruindo seus modos de viver a prática futebolística e de se relacionar com ela.

“Se resistir é dar lugar a um novo modo de vida (...) os atos de resistência serão uma forma de dizer não a um modo de vida que ao mesmo tempo diz sim a outro modo distinto” (BUTLER, 2018, p. 218). Ao estudarmos a comunidade do FFC, percebemos que as resistências subsidiadas pelas relações coletivas e afetivas/pertencimento – com o aporte do poder público - podem ser potentes, e oferecer nova forma às possíveis condições sociais, democráticas e populares de um novo *modus vivendi*/modos de vida na prática futebolística.

Com o intuito de descrever os movimentos em prol da democratização da prática esportiva para e por distintas meninas e mulheres, este capítulo propõe levantar – e não esgotar – questões pertinentes à vivência futebolística ofertadas pelo Projeto FFC, suas oportunidades e especificidades, nestes últimos 25 anos.

Começamos, então, pelo embrião do FFC, descrevendo os desafios e o processo de inserção das mães-jogadoras e jovens sócias nos espaços futebolísticos do clube social para reivindicar seus espaços. Na seção 4.2, destacamos um paradoxo: a formação de uma categoria de base dentro do clube, vinculado às políticas públicas esportivas, que com o objetivo de fazê-lo crescer não se furtou de promover ações excludentes. Posteriormente, na seção 4.3, apontamos o ponto mais citado entre as interlocutoras: suas vivências em circuitos competitivos, destacando a competição como principal ação utilizada para fomentar a prática futebolística no FFC. Ao final, falamos sobre as diferentes formas da comunidade do FFC se relacionar com a prática esportiva, em um cenário semiprofissional; atravessando um período crítico de isolamento social.

4.1 Futebol para mulheres: uma reivindicação de mães- jogadoras

Toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro (PERROT, 2011, p.447).

Mary Wollstonecraft (2017, p.69) escreveu que: “É hora de devolver lhes [às mulheres] a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana”. Quando pensamos no direito e dignidade à prática esportiva e futebolística por distintas mulheres e suas especificidades, essa reivindicação também se faz urgente atualmente.

Ao observamos, então, no início do século XX, a criação do clube social aqui pesquisado associada à prática de futebol por homens, e (inacabáveis) 74 anos depois, a oficialização da primeira turma de futebol para mulheres na associação, verificamos a importância da reivindicação pelo espaço esportivo para a vivência legítima do futebol. Esse movimento teve início pela ação de algumas mães-sócias do clube social, em 1996, e, mais tarde, esse “embrião” se transformou no Projeto FFC. Elas foram responsáveis por legitimar o início da prática de futebol, futebol de 7 e futsal dentro da agremiação e abriram caminhos para que mais crianças, jovens, mulheres, homens trans⁹² da região campineira frequentassem o espaço, ampliando as fronteiras para além das associadas.

Neste caminho, parafraseando Michele Perrot: toda mulher-mãe-jogadora em liberdade é um perigo. Como veremos neste capítulo, elas subverteram estigmas sociais e as manobras que sofrem ao reivindicar e permanecer neste espaço futebolístico. Revelaram, em suas lutas, os desafios para a construção de uma equipe de futebol – inicialmente – de mulheres e meninas no final da década de 1990, período marcado pelo amadorismo das modalidades na região (MOURA, 2003).

4.1.1 Reivindicação do espaço futebolístico do clube

No final da década de 1980, o clube social ofertava aulas para crianças e adultos sócios em diversas modalidades, dentre elas, o futebol, mediante o pagamento de mensalidades. As turmas de futebol eram formadas exclusivamente por meninos, bem como o restante do espaço futebolístico do clube era ocupado por

92 Duas jogadoras fizeram a transição de gênero durante sua trajetória no Projeto FFC (na década de 2010), mas optaram por não se aprofundar no assunto nos depoimentos sobre o Projeto por motivos pessoais.

homens. Neles, a prática de futebol por adultos acontecia sem qualquer questionamento, enquanto suas cônjuges mulheres e filhos pequenos, majoritariamente, ficavam do lado de fora ao campo observando o jogo.

O clube social designava, até então, um espaço canônico para mulheres futebolísticas de camadas sociais alta/média, o de espectadoras, o qual foi incentivado para elas desde os primórdios da inserção da modalidade no país (GUEDES, 2020). Entretanto, neste espaço também existiram mulheres que não se contentaram com este lugar social e que lutaram cotidianamente para (re)ocupá-lo, resistindo a esse tipo de educação dos corpos.

Sueli⁹³ foi uma das mulheres que não se permitiu ser apenas espectadora e torcedora. Preferiu atuar e agir com protagonismo na transformação dos espaços futebolísticos da agremiação. Relata que, nos corredores do clube na década de 1990, adorava “brincar de bola” com seu filho de três anos. Tais espaços também são responsáveis pela construção e desconstrução de desigualdades de gênero, visto que, quando as mulheres procuravam ocupá-los, sofriam estratégias e barreiras da comunidade e de seus familiares de forma naturalizada:

O meu caçula quando me via entrar no campo para bater uma bola no intervalo do jogo do seu pai, ele me via e dizia “mãe não, papai sim”, então imagina na cabeça dele? Aquilo me marcou muito (entrevista de Sueli).

O episódio ilustra o processo educativo dos corpos e do gênero também em espaços não-formais e socioeducativos como os clubes, sendo, estes, generificados e generificantes, ou seja, que influenciam e moldam comportamentos e posicionamentos e destacam que “os homens e mulheres não são constituídos apenas sobre repressão, censura. São constituídos, além disso, por práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo [...]” (LOURO, 1997, p.41).

Nos espaços futebolísticos da agremiação, Sueli sentia uma “adrenalina muito forte” ao querer integrá-lo. Essa paixão, segundo ela, aparece em sua infância, época em que brincava com os irmãos. No entanto, fora de casa era impedida e

⁹³ Sueli de 48 anos é uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do Projeto FFC como jogadora durante dois primeiros anos da equipe do clube Bonfim e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

desestimulada: “era uma paixão, jogava só na garagem com meus irmãos e era ali uma brincadeira saudável, mas passava ali para rua, era uma brincadeira de ‘queimar’” (Sueli, Entrevista). A expressão “queimar”, evoca em seu sentido: como algo que feri, que machuca. Ou seja, fora de um espaço seguro de aprendizagem outras violências sobre as praticantes eram vivenciadas: “Mas era assustador para quem estava de fora [deste espaço de prática], me ver com um filho de 3 aninhos e jogar futebol” (Sueli, Entrevista).

Vale ressaltar, que fora do espaço ocupado para treino do clube, as interlocutoras eram confrontadas pelo pensamento hegemônico de suposta inferioridade do gênero, quando direcionada à prática do futebol e futsal sistematizado, como o caso de Sueli acima. São reflexos da interdição pelo Decreto-Lei nº 3.199, instituído pelo Conselho Nacional de Desportos (CND)⁹⁴ e que vigorou até 1979 pelo art. 54, que ressaltava: “as mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941). Imperou, desse modo, uma narrativa higienista⁹⁵ e eugenista⁹⁶ sobre os corpos, que considera “a figura feminina como ser naturalmente frágil, impotente e delicado” (CUNHA JUNIOR, 1998, p.83).

Os corpos destas praticantes, como de Sueli, passaram por uma constante vigia, da comunidade, para que se enquadrassem às normas de gênero, principalmente ao indicarem interesse pelas aulas de futebol: “Logo vocês, com filhos,

94 O CND, no período de 1941 a 1979, organizou, fiscalizou e ordenou o esporte e as atividades esportivas em cenário nacional. Os estatutos de entidades como confederações e federações passavam antes pelo CND e posteriormente pelo Ministério da Educação e Saúde. O Decreto-lei 3.199, instituído pela CND, impunha em seu art.54 : “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (FRANZINI, 2005, p. 322). Discurso que legitimava uma suposta “natureza feminina”, e conferia poder sobre os corpos das mulheres, destinando a CND a designar as práticas “coerentes” as mulheres.

95, Durante os séculos. XIX e XX, o higienismo se propagou e teve como característica um movimento da elite médica no país com a estratégia de alcançar a população e participar do poder estatal, com o intuito de “formar o cultivo de maneiras civilizadas, inculcadas por um cuidadoso processo que abrangesse não só a escolarização, mas também a orientação de outras práticas e costumes da vida social” (JUNIOR; DE CARVALHO 2012, p.432) . Reforçando os estereótipos do gênero feminino, e que atribuíam à mulher falácia responsabilidade do cuidado dos maridos/operários, do filho e do lar e da indicação de práticas esportivas e físicas que “favorecessem” este ideal.

96 O eugenismo foi um movimento político-científico do início do XX e apropriado pela elite brasileira que observava nestes ideais um caminho para fortalecer conhecimentos e práticas que visavam a melhoria de características genéticas da sociedade civil brasileira. Aliada ao higienismo, representou um movimento de regeneração racial dos brasileiros, também nas atividades esportivas que propunham uma “constituição do corpo-nação: um corpo que representasse o brasileiro liberto e moderno e que se distanciasse, sobretudo, do corpo negro (GOELLNER,2008,p.11), e direcionando praticas supostamente adequadas para cada corpo “desejável” para a nação.

porque estão jogando?" (entrevista de Sueli). Tomamos aqui, o ato de vigiar como legitimador de uma espécie de dispositivo⁹⁷ que, de forma discreta, é voltado à domesticação dos corpos que compõem os espaços de sociabilidade, neste caso, fomentando desigualdades nos espaços futebolísticos e de interação social, ocupados e pensados para que apenas os homens usufruam (FOUCAULT, 2012).

Além de Sueli, Vilma⁹⁸ comenta sobre o processo de criação da equipe, inspirada no desejo de, também, experimentar a prática. Comenta que: "as meninas que jogavam vôlei e basquete queriam jogar futebol também. Então, a maioria das meninas que participaram desta primeira turma eram meninas destas [outras] modalidades que tinham no clube" (entrevista de Vilma). O grande desejo pela prática movimentou mulheres como Sueli e Vilma a insistirem no diálogo com a diretoria, familiares e coordenação para que fosse aberta uma turma de futebol para elas:

A maioria dos nossos pais eram diretores e coordenadores, e, em algum momento, algumas meninas comentaram esse interesse. Tinha a equipe de meninos, porque não podemos também? Poxa vamos montar um feminino. E foi uma junção, a vontade de comer com a fome e acabamos saindo com esse time (entrevista de Vilma).

O movimento alimentou o embrião do Projeto FFC, e, posteriormente, a diretoria incorporou – por meio deste processo de reivindicação e não concessão – no painel de atividades do clube a *possível* abertura de uma turma, não garantindo sua permanência na grade de atividades da instituição.

Sueli, ao ver, enfim, o painel com a abertura de uma turma de "futebol feminino", correu para se inscrever. Porém, para que a turma tivesse *validação* do espaço esportivo do clube, era necessária a participação de, ao menos, 10 mulheres inscritas para que o horário da aula fosse separado. E explica:

O painel era uma forma de mostrar as aulas de sábado para poder se inscrever e se tiver um número x de meninas podiam rolar as aulas e colocar

97 Segundo Foucault os dispositivos são: "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos" (Foucault, 2000, p. 244).

98 Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do Projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

a turma na grade, mas não dava para colocar 3 alunas e manter esse horário, tinha que ter de 10 pra cima. (entrevista de Sueli)

A motivação com o início das aulas futebolísticas partia do oferecimento do futebol destinado exclusivamente para elas. Atribuindo complementos que ajudaram nessa oferta como: o local, a segurança, a privacidade, o horário, a orientação profissional e a vivência do esporte enquanto lazer. Tais elementos também foram observados na pesquisa de Milelo (2000) com mulheres de classe média/alta, na agremiação Nova Iguaçu Country, que propunha oportunidades esportivas no clube social do Rio de Janeiro. O fator socioeconômico era determinante para usufruírem destes espaços.

No entanto, as adesões iniciais pelas sócias eram inconstantes, dificultando esse processo de manter a turma na grade horário do clube social. Sueli relembra que ela e suas colegas chegaram a convidar amigas associadas para participarem e conseguirem estabilização na luta por um espaço na grade horária do clube: “[...] eu convidava as outras mães e não iam não. Elas não iam por tudo, desde preconceito até medo” (entrevista Sueli). E diziam que não concordavam com uma prática que exaltasse uma agressividade.

As associadas que tinham medo do futebol à época eram majoritariamente brancas e jovens de classe média/alta e que, como destacado pelas próprias interlocutoras, passaram “precocemente”⁹⁹ pelo rito do casamento e de ter um filho, consolidando a maternidade como destino. Muitas destas mulheres que frequentavam o clube, denominadas por Sueli como “donas de casa” e autônomas, estranharam o futebol sendo jogado por mulheres. Angela Davis (2016, p.160) debate a construção das “donas de casa” associadas à figura das mulheres brancas de classe média, no qual “o trabalho da mulher esteve sempre atrelado ao domicílio”. Tal ponto beneficia uma branquitude desvinculada de outros valores para o corpo na época, como o da prática futebolística.

Outro fator para a construção deste medo está associado ao conceito de progresso social desenvolvido no país e intensificado durante o eugenismo do Estado Novo (1937-1946). Neste período, Silvana Goellner (1999) aponta, em estudo sobre a revista Educação Physica, que circulou no Brasil entre os anos de 1932 e 1945, a

⁹⁹ Palavra nativa que as interlocutoras utilizaram em entrevista, como o caso de Sueli ao retratar que foi “mãe precoce em 1995, como outras associadas” (entrevista Sueli).

valorização de uma educação corporal que aperfeiçoava o corpo da mulher branca¹⁰⁰ para serem mulheres-mães, que simbolizavam o fortalecimento da raça, do vigor físico e do fortalecimento das futuras gerações do país.

Casamento, maternidade, procriação e refinamento de espécie são funções e papéis sociais designados à mulher branca, jovem e de classe média alta, cujo corpo é observado como um lugar a abrigar, fecundar e nutrir uma prole sadia, bela e hígida, fruto de uma união estável com um homem também branco, também jovem e também de classe média alta. Afirma-se, assim, o mito da superioridade racial branca mesmo neste país cuja conformação étnica passa ao longe da branquitude. (GOELLNER,1999, p.106)

O medo está vinculado à subversão dos valores corporais de feminilidade, construídos socialmente para as mulheres. Henrietta Moore (1994) discorre que é no âmbito cultural que tais discursos sobre o comportamento social, concretizam normas que diferenciavam ser mulher e ser homem na vida social, difundindo padrões de masculinidade e feminilidade:

Um exemplo muito óbvio na cultura ocidental é a forma com que a sexualidade masculina e os homens são retratados como ativos, agressivos, confiantes e poderosos, enquanto a feminilidade e as mulheres são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas (MOORE, 1994, p.138).

Evidenciamos, a partir de Goellner (1999), o quanto a educação corporal da época estava mergulhada em um universo burguês, cuja branquitude galgaria um progresso social. Esse processo influenciou a construção hegemônica de mulheres brancas e de classes sociais mais abastadas dentro de espaços esportivos, invisibilizando outras de diferentes classes, raças e sexualidades, como veremos mais adiante também dentro do Projeto.

A inserção de mulheres nos espaços futebolísticos do clube social representou certa desordem às normas construídas socialmente e que foram levadas a cabo durante todo o Século XX. Para as mães, o rompimento dos estigmas só foi possível pela disposição, persistência em tomar, como força-motriz contra o preconceito, os próprios anseios em ocuparem um espaço privado da instituição.

100 Claudia Kessler e Fernanda Alves (2019), destacam ainda que nesta revista apenas a edição de 1937 esteve representada negra em toda a sua história.

4.1.2 Mães- Jogadoras

À figura da mulher, os atributos de feminilidade e maternidade foram embutidos e reforçados nos espaços sociais do clube. Sueli relembra que na época [1993], ao demonstrar interesse pela prática futebolística, ainda não tinha experiência com outras práticas esportivas de contato e força, e o nascimento de seu filho impôs novas limitações: “Eu casei muito cedo e algumas pessoas de lá [do clube] não gostavam de ver uma mãe jogando” (Sueli, Entrevista). A associação entre ser mãe e jogadora era inexistente para a comunidade local, causando estranhamento.

Sueli relembra ainda que a comunidade do clube, ao observar a equipe e muitas mães reivindicando e ocupando os espaços futebolísticos pela primeira vez na agremiação, questionava: “Vocês jogam futebol?” Era assim. ‘Nossa, você?’ Como se fosse estranhar, levava para o lado pessoal” (entrevista de Sueli). Esses questionamentos, o levantamento da dúvida quanto a viabilidade entre ser mãe e jogadora podem ser vistas como violências cotidianas enfrentadas por aquelas mulheres.

O estranhamento da comunidade do clube social em torno das vivências das mãe-jogadoras com o futebol carrega em seus discursos atributos culturais que as deslegitimam. A conformação dos corpos de mulheres ao seu papel reprodutivo e a sua capacidade de gestar filhos saudáveis, contribuindo assim com o desenvolvimento da nação, faz parte da história brasileira, como demarcado pela medicina higienista no país no século XIX: “A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres, no desempenho das funções do lar, da família, da escola”. (PENNA, s.d.). Já Silvana Goellner (2001, p.10) destaca que “no Brasil dos anos 30 as imagens de feminilidade estão relacionadas com a construção da representação da mulher-mãe. Ou seja, aquela que tem na maternidade a sua mais nobre missão”. A figura de uma mãe-jogadora vai na contramão desse imaginário social.

Nesse sentido, Giovana Capucim e Silva (2017) aponta que a prática esportiva era incentivada pelo Estado para mães desde que não “prejudicasse” o caminho da maternidade. No caso, o futebol foi uma das modalidades que o Estado e a medicina higienista brasileira buscaram “afastar” das mulheres, sobre o argumento que a modalidade traria riscos as mulheres devido seu caminho para maternidade”: Isto é, “a associação da mulher à maternidade era o principal fator impulsionador das

intervenções do Estado sobre o corpo feminino (SILVA, 2017, p.26). Negando e deslegitimando – oficialmente por 18 anos – o direito em vivenciar a prática do futebol e de outros esportes, reduzindo-as ao papel de maternidade.

Esses discursos, normas e conceitos culturais em torno dos corpos das mulheres e mães no esporte e futebol brasileiro, não ficaram totalmente obsoletos com o passar dos anos, deixando rastros nos tempos atuais, como enfrentado pelas mães jogadoras do embrião do Projeto.

No entanto, como ressalta Judith Butler, “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (2001, p. 154). Ao praticarem futebol, as mães-jogadoras resistiram às normas de gênero associadas à modalidade e a maternidade. Negociando este espaço futebolístico, borraram a premissa da feminilidade e maternidade como inata e criando outras estratégias para seguir ocupando este espaço.

Sueli relembra de como foi essa transição como mãe-jogadora:

eu me lembro bem, quando comecei a jogar eu tinha uns 23 anos e já com filho de 3 aninhos na época, foi uma alegria começar a jogar e foi o que me motivou a continuar, porque eu casei muito cedo e desde o ginásio não tive a oportunidade de conhecer mais e praticar o futebol feminino

Além disso, evidencia-se que as oportunidades esportivas foram desiguais para muitas meninas e mulheres da região na época, e que sua iniciação na idade adulta só foi possível devido à construção de um ambiente contínuo de oportunidades, aprendizagem e pertença esportiva desenvolvido pelas praticantes:

só não desisti porque sentia uma paixão muito forte pelo esporte, a gente foi formando um grupo de mulheres lá no clube e ficávamos conversando depois dos treinos, além do treinador Mauro nos ajudar também, e isso atraía mais pessoas

As mães-jogadoras desenvolveram, a partir desse movimento transgressor, o embrião do Projeto FFC, construindo ao longo dos anos um espaço de aprendizagem e pertença na prática futebolística, também apontado por Vilma:

Muito do que eu vivi, lá traz no futebol, formou o que sou hoje: entender o outro a dor do outro. O esporte me fez (...) trabalhar em equipe e enxergar que em equipe/coletivo conseguimos ir lá longe. Pertencer ao time(...) faz a diferença. A gente se apoia uma na outra, isso faz a gente crescer (entrevista de Vilma).

Tais oportunidades esportivas, vivenciadas pelas mães-jogadoras, lhes atravessaram a tal ponto de passar adiante também para seus filhos e filhas esse sentimento de pertença ao esporte. Sueli recorda que, em 2009, voltou a praticar futebol no clube social, incentivando também seus filhos, praticando as aulas juntos: “quando tive o segundo filho quis voltar e já foi outro professor. Aí foi legal, a mãe jogando na linha, o caçula no outro tipo e a mais velha no gol (entrevista de Sueli)”. Assim, jogar dentro de um clube também propiciou conciliar os treinos com a maternidade, podendo partilhar práticas ou tendo espaço seguro no qual deixar os filhos enquanto jogavam.

Silvana Goellner (2010, p.82) reforça a importância deste incentivo dos familiares durante a iniciação esportiva, através da valorização em torno da prática esportiva, mediando estratégias para que elas não evadam e sigam aproveitando tais oportunidades esportivas para se desenvolver junto ao esporte.

4.1.3 Desafios da iniciação futebolística de mães-jogadoras

Com o pontapé inicial reivindicado e executado, as aulas de futebol no clube passaram a ocorrer mesmo sem atingir o número mínimo de mulheres. Muitas meninas e crianças, que eram estimuladas à prática de algumas outras modalidades esportivas, acabaram fazendo a transferência, o *transfer*, de competências e habilidades técnico-táticas para se inserirem no futebol, dada a lógica funcional em comum que os Jogos Esportivos Coletivos (JECs) possuem em suas regras de ação (BAYER, 1994).

O coordenador do clube social, e que, à época, tinha a função de treinador, não estava confortável em aplicar o treinamento para mulheres, imersas na chamada iniciação esportiva tardia. Essa noção afirma que ainda que tenham potenciais habilidades corporais e cognitivas e a capacidade de assimilar informações decorrentes do jogo, nessa etapa, o processo de aprendizagem de praticantes com pouco contato prévio com o futebol tende a ocorrer mais vagarosamente em relação à infância (PIMENTEL, CALATTI, PAES, 2010). Aquelas mulheres pagaram o preço de terem limitados os espaços de vivência e experimentação da prática futebolística.

Apesar de existirem dificuldades para a adesão das mães sócias, o sentimento de liberdade era recompensador, relata Sueli ao lembrar seus sentimentos ao entrar e pisar dentro do gramado: “Sensação de liberdade. Você não só corre, você tem

liberdade aquela sensação de grupo de poder sair do cotidiano” (Sueli). Ao desestabilizar as normas de gênero, elas construíram possibilidades que iam além do universo doméstico (do qual comentam que estavam restritas), ampliando suas vivências corporais e favorecendo o *experienciar* os espaços futebolísticos. Jorge Larossa Bondía (2002, p.21), relata que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece)”. Na fala das futebolísticas, como a de Sueli, notamos que os espaços desbravados de educação esportiva, podem afetá-las e arrebatá-las profundamente.

Os treinos inicialmente começaram aos domingos e foram migrando para o sábado, “porque a coisa começou a dar melhor recepção” no clube, garantiu Sueli. Ela relembrou que, logo que as aulas iniciaram, “foi bem difícil era pouca gente, não tinham reservas”, e se juntavam muitas vezes com a turma de meninos para conseguir fazer um coletivo. E complementa: “antes de mim deve ter sido pior. Lá atrás, deve ter sido pior, tanto no clube como na cidade. Lembro que na minha época tinha a Pretinha, ouvíamos falar pelas Olimpíadas [de Atlanta em 1996].

Ao evocar o nome da futebolística Delma Gonçalves¹⁰¹, conhecida como Pretinha, Sueli expõe a importância de conhecermos as atletas que abriram o caminho para que ela própria e outras futebolísticas vivenciassem a modalidade pela cidade e no país, mesmo que de forma amadora nas quatro linhas.

A geração de Pretinha e Sueli enfrentou o amadorismo extremo da modalidade e, ao não evadirem, resistiram ao contexto histórico que desenhou e associou a prática futebolística como *fenômeno poluído* para as mulheres, que teve impacto deletério no crescimento e desenvolvimento físico, tático, técnico, organizacional e simbólico do futebol de mulheres no Brasil (GUEDES, 2020).

Além das mães na faixa etária entre 20 a 30 anos, mulheres mais jovens e adolescentes chegaram ao FFC, como ressalta as interlocutoras, por meio do “boca a boca”, pois ainda não havia a forte massificação das redes sociais à época. Assim, era comum que diversas faixas etárias se aglomerassem nos treinamentos e, por

101 Nascida em 19/05/1975, no Rio de Janeiro/RJ, atacante e meio-campista, é a terceira maior artilheira da história da Seleção Brasileira, tendo, por ela, marcando 44 gols em 23 anos e disputado quatro edições de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo FIFA de Mulheres. É, também, a maior artilheira da história do Club de Regatas Vasco da Gama, com 62 gols. Sendo umas das atletas com maior longevidade na Seleção Brasileira - vestiu a ‘amarelinha entre 1991 e 2014

consequência, também de trajetórias esportivas e corporais em um mesmo ambiente de aprendizagem, como vemos na imagem abaixo:

Figura 24-Dia de treino excepcionalmente no gramado principal do clube em 1997¹⁰².



Fonte: Arquivo pessoal da Vilma.

Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior (2016), ao analisarem a trajetória do futebol feminino em Curitiba/PR, a partir da agremiação do Novo Mundo Futebol Clube, descrevem que a equipe agregava um *misturadão* de pessoas: a maioria das participantes tinham, em média, 30 anos e que, com o passar do tempo, a faixa etária foi diminuindo. Processo semelhante à trajetória do FFC e que nos “leva a crer que o futebol feminino foi aos poucos se popularizando, atingindo públicos mais jovens” (p.159).

O treinamento ocorria, majoritariamente, com equipes de meninos no clube. Vilma recorda que o processo de inserção de meninas mais novas se deu paulatinamente: “Nesse primeiro momento, treinávamos com meninos, porque não

102 Um fator a ser destacado aqui é a dificuldade de as interlocutoras descreverem o ano exato dos acontecimentos registrados pelas fotos, devido à distância do tempo. Por isso, em alguns casos as interlocutoras acabam “chutando” um período aproximado ou uma data que se acredita ser o evento registrado.

tínhamos 22 meninas para treinarmos rsrs. Então, nós com 16 anos e eles com 10, nós batíamos¹⁰³ nos meninos” (entrevista de Vilma). Não haviam também treinamento para goleiras, como ressaltou Sueli: “não tinha instrução e colocavam a gente lá e pronto”, invisibilizando as distintas meninas que estavam interessadas nesta posição específica da modalidade.

Também foi relatado que na maior parte das vezes, as mulheres que participavam das aulas sofriam violências simbólicas da comunidade, que zombava, ridicularizava e diminuía o fato de estarem ocupando e reivindicando um espaço, consolidado no clube como legítimo e, até então, exclusivo para a prática de homens. Enny Vieira Moraes (2014), ao pesquisar sobre jogadoras de futebol baianas nas décadas de 1980 e 1990, discorre que a modalidade é marcada por diferentes tipos de violências: a *simbólica*, que compreende os silenciamentos “oficiais” de proibição em 1941 até a regulamentação oficial da modalidade em 1983; a *econômica*, ligada à falta de capital financeiro em torno da sua prática; e a *moral*, atrelada à exigência de desempenho, mesmo com as defasagens estruturais da modalidade.

Além disso, as mulheres do embrião do FFC disputavam, além do espaço físico futebolístico, materiais e acessórios básicos para praticar a modalidade:

Pesquisadora: O clube compartilhava algum equipamento nas aulas?

Sueli: As bolas sim, faltavam coletes, mas para os meninos não. A gente saía pra comprar chuteira, não tinha uma coisa focada para mulher, as vendedoras achavam estranho; Hoje em dia já é diferente. Na época, éramos olhadas com aberração, era difícil achar não tinha muita coisa, nossa caneleira era grande, na como pequenas como hoje. Meião não achávamos meião, foi bem difícil.

Evidenciamos, desse modo, que os corpos continuam a ser educados, também, nos espaços cotidianos e urbanos. E quando subvertem a norma de gênero, como no caso relatado acima, sofrem com interdições e violência - mesmo em situações banais como a compra de materiais esportivos. Helena Altmann (2015), aponta que, no esporte, a educação do corpo começa desde a infância e de múltiplas formas para meninos e meninas. A não acessibilidade da vestimenta e equipamentos futebolísticos para mulheres e mães jogadoras nos espaços cotidianos e o enfrentamento do constrangimento ao adquiri-lo constituem uma “pedagogia bastante sutil e, por vezes, imperceptível do corpo e gênero” (p.31).

103 Na prática futebolística esse termo remete a uma forma intensa de expressar movimentos corporais defensivos exigidos na modalidade.

Enfim, com a reivindicação dos espaços futebolísticos pelas mulheres do clube, houve grande infiltração delas no clube social, advindas de redes afetivas, migrações entre modalidades da agremiação e já vinculadas a um interesse que já estava presente nestas futebolísticas das mais diferentes gerações:

Figura 25-Equipe reunida no campo de areião do clube Bonfim em 1996



Fonte: arquivo pessoal Vilma.

4.1.4 Um aliado das mães-jogadoras: o treinador Mauro

Após alguns meses com a turma de mulheres, o coordenador do clube repassou o comando técnico para Mauro, sob o argumento de que estava despreparado para continuar lecionando as aulas e aplicar conceitos para mulheres. Mauro, de 55 anos, foi um dos entrevistados para essa pesquisa. Atua no Projeto FFC como treinador desde a criação da primeira equipe do Projeto. A entrevista foi realizada no dia 20 de maio de 2020, com aproximadamente duas horas de duração. Caracterizado como um dos aliados presentes neste espaço do clube social.

Mauro foi citado com unanimidade entre as interlocutoras como um dos principais agentes impulsionadores da sua permanência na prática futebolística. No início de sua carreira, em 1989, atuava como professor de futebol e futsal na iniciação esportiva mista, enquanto cursava o terceiro ano do curso da Faculdade de Educação Física (FEF) da UNICAMP. A atuação de forma remunerada com projetos de extensão oportunizava a utilização de conhecimentos e conceitos aprendidos na universidade,

em aulas e nos dentro dos quais participava. Posteriormente, Mauro, começou a trabalhar na agremiação do clube Bonfim Recreativo e Social, em Campinas, com as turmas de futebol para os meninos sócios do clube.

Em entrevista, Mauro relata como foi o convite e sua primeira inserção com a turma de mulheres. Seu aceite para liderar a equipe partiu, inicialmente, de questões financeiras:

[...] no Bonfim foi onde começou, e o coordenador desesperado falou comigo: “Não aguento mais aquela mulherada, não quero mais saber de dar aula pra elas não...são muito ruins de bola e não consigo dar aula pra elas, vai você!”. Na hora eu falei não, porque...ah, já tinha os 4 empregos, ia aumentar minha carga de horários, não ia resolver meu problema, e tinha que dar aula de domingo...para essas mães durante 4 horas... Com elas, num domingo, para dar aulas, “4 AULAS, 20 mulheres! Como vou fazer?!”, “Não quero, não estou interessado”. Aííí...mas assim né...nessa conversa passou mais duas, três horas... “Ó, vai domingo e eu pago pra você, o dobro né... e considero como hora extra...”.Aí né...“Beleza” (gargalhadas). Eu precisava de dinheiro: hora extra e “pago o dobro”... “então está bom!”... Na verdade, eu estava ganhando por hora extra 30% a mais e o dobro, então o dobro da hora valia a pena para mim financeiramente, esse acréscimo de horas...aí começou meu primeiro contato de futebol feminino, forçado pela grana.(Mauro)

Mesmo com adversidades, o Projeto FFC começou a tomar forma. Mauro relembra o cenário quando estava prestes a comandar a equipe:

[...] conhecia muitas das mulheres que participaram da turma porque eram mães dos meus alunos. Eram mães “teoricamente” mais jovens, deixa eu ver, entre 25 e 30 anos... as mães... E tinha, o que? Umas 10 mães que eram mães dos meus alunos [e] foram fazer aula lá. (entrevista de Mauro)

Em sua narrativa, conta também como foi seu primeiro contato com as mulheres e sua intervenção didática nos treinos. Em um ano e com o engajamento das jogadoras e sua visibilidade no espaço da agremiação, que foram impulsionadas pelas mães-jogadoras, mais mulheres foram estimuladas e encorajadas a visitar e participar dos treinos, alcançando aproximadamente 50 jogadoras¹⁰⁴, de diferentes faixas etárias neste processo. Mauro ressalta o processo de adesão da juventude: “começou a vir mais meninas jovens... de 14, 15, 16, 17, anos, pelo conhecimento no clube. 20 passou para 30, de 30 passou para 50..., então em 1997/1998, 50 meninas fazendo aulas”.

Mauro aplicou seus conhecimentos respeitando a trajetória e as habilidades corporais em desenvolvimento de suas jogadoras, criando um ambiente

104 O número de alunas é um valor aproximado segundo depoimento das interlocutoras.

interacionista¹⁰⁵ e iniciando um espaço de ensino de futebol para mulheres. Entretanto, as interlocutoras destacavam, à época, a ausência de treinamento e oportunidades para goleiras, deslegitimando a posição da modalidade. Sueli relembra que as goleiras “não tinham instrução, colocavam a gente lá e pronto”. Diferentemente do que acontecia com as diversas turmas para meninos, tais relatos apontam, ainda, para um amadorismo que muitas crianças e mulheres enfrentavam para aprender e vivenciar uma prática futebolística na época.

Os discursos de Mauro e das jogadoras denotam que pairava grandes dúvidas, por parte do coordenador, sobre a capacidade das mulheres de aprender a prática futebolística ao constantemente desqualificar a prática das jogadoras pela suposta baixa performance, justificada por argumentos fisiológicos e, epistemologicamente, aprioristas.

O apriorismo ou inatismo no esporte se caracteriza, segundo Silva *et al.* (2021), como uma epistemologia, e que se manifesta na prática das treinadoras e treinadores. O inatismo, então, é disseminado por exemplo: quando no momento em que as participantes com talento nato, seja por uma questão genética ou a concessão divina de um dom, fossem priorizadas nas sessões de treinos/aulas e jogos em detrimento das demais, que, sem talento nato, mesmo com muito esforço, jamais se desenvolverão e aprenderiam a prática proposta. Era o retrato de um espaço de vivência futebolística desencorajador para essas mulheres.

Consideramos, então, aliados os agentes sociais que criaram alianças com as praticantes e desempenham um papel comunitário e de luta pelos direitos e oportunidades esportivas para distintas meninas e mulheres. As alianças podem contribuir para diminuir a invisibilidade de vivenciar certas experiências, como no contexto esportivo diferenciado aqui estudado.

Ao estudar a comunidade que abriu as portas para que o Projeto FFC emergisse, percebemos que as resistências, subsidiadas pelas relações coletivas e afetivas/pertencimento, podem ser potentes e dar forma às possíveis condições sociais, democráticas e populares de um novo *modus vivendi* à prática futebolística e sua relação com ela.

105 O interacionismo, enquanto epistemologia da prática pedagógica aplicada ao contexto esportivo, pressupõe ruptura com didáticas e metodologias racionalistas, vinculadas ao paradigma analítico-sintético e ao pensamento newton-cartesiano, a partir da descentralização do processo de ensino-aprendizagem, cuja construção é dependente da interação entre docentes e discentes e sujeito-objeto.

4.2 Formação da base: inserção e evasão de jogadoras

Aos 11 anos, quando entrei no Bonfim, foi quase como descobrir uma nova modalidade, foi como um choque descobrir que meninas jogam bola sim, que eu não era um ET no mundo (carta de Katia).

A escrita de Kátia¹⁰⁶ acima revela o deslumbre em encontrar outras mulheres como ela que também jogavam futebol, desfazendo a percepção de isolamento social até então vivida por ser mulher e jogar bola. Não conseguiam imaginar que a inserção à prática era viável nesta modalidade, principalmente junto a mais meninas e mulheres, e que existiam possíveis espaços de acolhimento e desenvolvimento da modalidade na iniciação esportiva.

Ao investigar esse processo de adesão e formação das distintas gerações de jogadoras do Projeto FFC, pontuamos que a iniciação esportiva e a formação humana não estão desvinculadas entre si durante a prática. Neste processo formativo, as jogadoras do Projeto tiveram a possibilidade - até então inédita - de traçar perspectivas futuras na modalidade, seja visando a profissionalização ou participação amadora, partilhando também um sentimento de pertença ao esporte e para além dele.

4.2.1 Adesão de jogadoras no FFC

De forma geral, as oportunidades esportivas que alcançaram as interlocutoras e participantes do Projeto nesta época, deram-se através da propagação da prática no entorno da comunidade campineira e, em alguns casos, de prospecção em espaços escolares. A adesão de crianças e jovens talentos na prática futebolística foi realizada por meio de convite para participação e observação do seu capital esportivo.

Esse processo foi responsável por acolher um grande número de jogadoras não-sócias (nascidas em torno de 1987 e 1994), com abertura do espaço privado. Além disso, havia, também, progressiva inserção de sócias a partir de 10 anos até mulheres acima dos 18 anos, que chegavam no final da década de 2000. Junto com a primeira equipe de mães, formaram a base do Projeto FFC.

¹⁰⁶ Katia participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em maio de 2020. A ex jogadora do Projeto FFC se inseriu em 2009, quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim permanecendo durante quatro anos, e atualmente segue estudando a temática relacionada aos mulheres e o futebol na graduação.

Os convites às jogadoras não-sócias eram realizados pelo “*boca a boca*”, percorrendo espaços formais e não-formais de ensino, como escolas estaduais e projetos sócio esportivos populares de bairros, entre outros espaços públicos. Alana¹⁰⁷ relata: “minha história com o Bonfim começou quando conheci o Prof. Mauro em um projeto social do meu bairro. Ele me convidou para ir no clube fazer um treino com ele, e desde então, permaneci por lá”.

Essas jogadoras foram recrutadas por seu capital simbólico/futebolístico, destoando de um caráter participativo/democrático, e aproximando de uma abordagem de seleção de oportunidades esportivas de acordo com o capital esportivo das jogadoras, processo que não difere do cenário futebolístico de homens.

A comissão técnica buscou ativamente atletas visitando espaços públicos de ensino, como escolas municipais. No final dos anos 1990, aproximadamente 80 escolas estaduais e distintas competições escolares da cidade foram visitadas, observando possíveis jogadoras que pudessem representar os ideias do Projeto na época.

Ao participar dos Jogos Escolares Municipais (JEM) de 2011, Lana¹⁰⁸ então no 7º ano do Ensino Fundamental, foi chamada para integrar o Projeto FFC, conseguindo uma oportunidade esportiva na modalidade. Ela descreve, em depoimento *online*, que: “Nesses jogos, os professores do clube Bonfim estavam olhando as meninas e chamando para fazer alguns treinos teste e, a partir daí, comecei a treinar”. Esse treino teste tinha o intuito de agregá-las a equipe base do clube, processo semelhante a uma peneira¹⁰⁹. Martins (2020) aponta que o processo de identificação de jovens por peneiras no futebol e futsal de mulheres merece cuidado e atenção. Para que não ocorra a partir da seleção, uma escolha das participantes pela dicotomia do que é desejável e indesejável para aquele espaço de acordo com

107 Alana participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em abril de 2020. A jogadora não sócia atua no Projeto desde 2014 e atualmente é uma atleta profissional, também bolsista vinculada ao Projeto FFC.

108 Lana participou desta pesquisa através de depoimento online sobre sua vivência junto a equipe, que se estendeu de 2012 a 2016.

109 Ao pé da letra a palavra *peneira* significa um instrumento circular de madeira com o fundo em trama de metal, por onde passa uma substância moída que visa ser separada de outra. Na linguagem futebolística se utilizou desta analogia para que clubes e equipes selecionem jovens talentos, separando daqueles que não são desejáveis para aquele espaço, havendo um alto índice de descontinuidade na prática futebolística (MONTAGNER; SILVA, 2003).

seu capital esportivo. A inserção destas jovens precisa ser investida com foco na sua formação e vivência com a modalidade.

Diferentemente das mães-jogadoras que começaram a jogar futebol dentro do clube, essa nova geração teve sua iniciação na escola. O espaço escolar foi um dos espaços mais destacados pelas jogadoras e participantes do Projeto FFC como o lugar da primeira experiência com a prática futebolística, possibilitando a posterior inserção no Projeto.

A chegada de mais jogadoras à equipe vinculada ao Bonfim também esteve relacionada com as redes de afetos entre as jogadoras de outras equipes existentes, como o Guarani FC, bem como com a comunidade da escola e dos bairros. Como o caso de Carol¹¹⁰ que escreve: “eu fui para o Bonfim porque as amigas da minha escola jogavam lá (...). Aí fui para o Bonfim em 2010, fiquei lá até agora.” Segundo ela, encontraram, na equipe, um espaço futebolístico que pudessem acessível e favorável às intenções de percorrerem uma trajetória esportiva perene.

O clube tinha o intuito de aumentar o capital esportivo da equipe a partir de praticantes ‘prontas’, mesmo que não sócias, e assim promover a modalidade e sua permanência na grade horário do clube social. Buscavam, portanto, jogadoras com um capital esportivo já desenvolvido.

O termo, capital esportivo, está entrelaçado à perspectiva analítica de Pierre Bourdieu, que compreende o esporte como um campo social, um microcosmo com ideias e leis próprias, inserido em um macrocosmo com leis gerais. O campo esportivo está em constante movimento e relação com distintos espaços sociais, sendo atravessado também por desigualdades no acesso e posse a bens, como os capitais (BOURDIEU, 1983).

Os espaços e territórios da cidade, onde segundo a comissão técnica, “encontrariam” e identificariam os talentos com o capital esportivo desejado, eram os espaços periféricos:

Buscamos as jogadoras lá na "Favela"¹¹¹. Pra ser campeão, né?!... lá no "bairro" lá na “periferia”...Aí, ele [o diretor] olhou pra minha cara... “eu libero

110 Carol de 24 anos é uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma online através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do Projeto durante 10 anos. e treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao Projeto.

111 No livro “A invenção da favela” (2005), a socióloga brasileira Licia Valladares apresentou seu trabalho extenso sobre a favela brasileira como uma categoria “inventada”, marcando uma associação

pra você"...“você vai ser campeão?”. Falei: “vou ser campeão”. “Então tá, boa!”. Então, fui lá, fiz uma caça nessa cidade, impressionante... Acho que aí conseguimos juntar umas 50 meninas de qualidade mesmo...pra jogar bola (carta do Mauro).

Trabalhos recentes no futebol praticado por mulheres, com destaque aos de Pisani (2014), Moraes (2014), Kessler (2010; 2015;), Silva (2020) e Martins *et al.* (2020; 2021), evocam que a grande maioria das jogadoras praticantes da modalidade são negras, de classes sociais economicamente menos favorecidas, residentes em regiões periféricas cujas oportunidades esportivas são consideravelmente restritas.

Mariana Pisani (2014), ao estudar as futebolísticas das periferias paulistanas, relata que o processo de adesão ao esporte supõe a superação dos elementos nocivos e evasivos, como o preconceito de gênero, situações de risco e vulnerabilidade para seguir na modalidade. Silva (2020) aponta que, desde 2003, a prática do futebol feminino nas “favelas”, em especial na Zona Norte do Rio de Janeiro, no Conjunto Habitacional Nelson Mandela, foi capaz de transformar e potencializar o espaço de formação esportivo, alavancando a responsabilidade social das participantes junto à comunidade.

Silva (2019) destaca que a prática futebolística é: “vista pelos moradores desses locais favelizados, [...] como oportunidade para auxiliar na extinção de situações nocivas que assolam a região, como ocupações irregulares, ausência de políticas públicas” (p.5), gravidez precoce das jovens e evasão escolar.

Se sua inserção no Brasil esteve ligada às elite, o futebol modificou os sentidos da prática esportiva e tornou-se um fenômeno social (MELO, 2010). Popularizou-se, e em cada território esta prática futebolística foi resignificada. a “periferia” apresenta-se como *locus* importante deste espaço,- mesmo com desigualdades socioeconômicas - se apresenta como um espaço cultural rico, em

quase que exclusiva entre a favela e a pobreza, continuamente tratada como o eterno problema, de resolução difícil ou até mesmo impossível e, o mais importante, encerrada nela mesma. Neste caminho as palavras “periferia” e “favela” são permeadas por uma rede complexa de elementos histórico-culturais e sociais: Índices preocupantes de miséria, analfabetismo, moradia, trabalho, mortalidade juvenil, visibilidade, diferença social, entre outros se cruzam nestes espaços enunciados. Por esses temas, a negritude continua como a menos favorecida ou no topo das ocorrências, como em casos de genocídio e feminicídio da população jovem, conforme dados verificáveis pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Vale ressaltar, a importância de apontar as estatísticas não como um fim em si mesma, mas como urgências para a transformação e justiça social. E como rimam os musicistas do grupo Racionais MCs, um espaço de “sangue, sirenes, choros e velas”. Espaços que carregam estigmas pejorativos e, muitas vezes, interpretações equivocadas e únicas. Valladares (2011, p. 20) debate a invenção de um imaginário da favela apenas como "território da violência, como lugar de todas as ilegalidades, como bolsão da pobreza e da exclusão social", denotando este espaço geográfico como um fenômeno complexo e multifacetado.

vivências, afetividade, criatividade etc., compondo um ambiente informal de aprendizagem.

A inserção das jogadoras não sócias no clube, torna o ambiente mais diversos, com mulheres não apenas de faixas etárias distintas, mas de origens sociais e culturais, orientações sexuais, renda etc. plurais.

diversidade de mulheres de todos os lugares da cidade, de todos os corpos, cores, culturas e classe social; desde a garota rica da cidade que era levada de carro pela mãe para treinar, até a garota que pedia carona nos ônibus para conseguir chegar (carta de Katia).

Priscila Dornelles (2004), ao estudar o futebol de várzea em Porto Alegre, relata que, além do processo de identificação, ocupação e construção de um espaço de vivência único, as praticantes não constituem um bloco homogêneo de futebolísticas e sim, uma multiplicidade de expressões, estilos, corpos, jeitos, opção sexual, geração e classes sociais. A autora salienta tais multiplicidades: “desde as ‘patricinhas’ e ‘profissionais’, ‘caminhoneiras’ e “festeiras”, até as “bairristas” e as “boleiras”, cada um com suas características, contribuindo para problematizar uma representação una e homogênea” (DORNELLES, 2004, p.30).

Cada vez mais meninas e mulheres da periferia campineira, na faixa etária entre 11 a 17 anos, com possibilidade de transição geracional entre as categorias, participam de mais treinamentos, de uma prática futebolística sistematizada e competitiva em um espaço privilegiado. Nota-se, de forma geral, que havia um grande interesse de crianças e jovens futebolísticas campineiras em vivenciar o esporte e, com opções restritas ou inexistentes em outros locais da cidade, os espaços futebolísticos do clube social foram gradativamente sendo ocupados por elas e a formação da base sendo desenhada.

Na **figura 26** abaixo, observamos parte do elenco que integrou a formação de jogadoras da base do FFC, nas instalações do clube social, com crianças desde os 7 e 8 anos até adolescentes de 17 anos e mulheres acima de 18 anos.

Figura 26-Jogadoras de base da equipe do clube social no final da década de 2000:



Fonte: acervo do Projeto FFC.

O processo de inserção das jogadoras, oriundas de diferentes localidades da cidade, tencionou um espaço reservado à classe média/alta e alavancou o capital esportivo da equipe que passou, em dez anos, a ser a grande referência esportiva da região. Culminou, também, em maior intensidade e sistematização do treinamento, de exigência aos novos profissionais, novos horários, aumento da grade horária do clube e foi feito um movimento inicial de segmentação do treinamento por faixas etárias: até 12 anos, entre 13 e 15 anos, 16 a 18 anos e categoria adulto, acima de 18 anos . A visibilidade das equipes em formação do clube social passou a aumentar na cidade e, após quatro anos da abertura do acesso ao espaço futebolístico e de políticas de incentivo, o número de meninas participantes do projeto chegava a cerca de 60.

Figura 27-Equipe representante do clube Bonfim e da Prefeitura em 2012.



Fonte: Projeto FFC

4.2.1.1 Sentimento de pertença

Esse novo cenário demandou uma nova rotina futebolística no clube, com aumento da carga horária de treinos e frequência de jogos. As atletas passavam um longo período nas instalações do clube social e tinham a oportunidade de fortalecer suas redes de socialização e afeto, de forma a construir um sentimento de pertença aquele espaço:

“Tem união, tem conexão, não é simplesmente um time de futebol, mas ser uma família unida” (depoimento de Irene).

“Minhas melhores amigas de hoje foram jogadoras comigo na época e minha profissão hoje e como eu encaro a importância dela tem ligação direta com essa época (carta de Carol)

“o convívio com a equipe é o que mais fica pra mim.” (Carta de Luana).

Sentimentos que alimentam a construção de uma conexão para além da prática esportiva. Outras falas indicam uma preocupação com a luta política e de gênero pela modalidade: “Somos muitas, diferentes, mas ao mesmo tempo somos um todo...um todo em prol do Futebol Feminino”. (Carta de Luana).

Notamos, então, que os sentimentos de conexão, união, vínculos afetivos, tecidos pelas integrantes a partir da prática futebolística não são dados a priori, mas foram sendo desenvolvidos socialmente ao longo dos anos de oferta de prática pelo FFC. Contribuíram para fomentar a sensação de pertencimento, tanto pela modalidade, como a uma comunidade que extrapola a prática esportiva.

4.2.2 Evasões na formação de jogadoras na base

Observamos que, apesar da grande adesão de distintas gerações e do crescimento de um sentimento de pertença à equipe, a formação de jogadoras foi atravessada por relações de poder, classe e descontinuidades, caracterizando um processo evasivo e paradoxal. Joan Scott destaca o paradoxo como: “uma proposição que não pode ser resolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo (2005, p.14).

Muitas meninas se apropriaram do espaço futebolístico do clube, a partir de benéficos gratuitos oferecidos pelo clube, como alimentação, acompanhamento psicológico e aulas de inglês. Essas ações foram capazes de nutrir um projeto de vida possível em torno de uma carreira esportiva.

No entanto, a partir de certo momento, com a mudanças de dirigentes e o elevado número de jogadoras, o clube passou a cobrar mensalidade. Para honrar os compromissos salariais e horas extras da comissão técnica, o clube tentou conciliar a visibilidade alcançada pela equipe no cenário municipal e o elevado número de participantes não-sócias nos espaços futebolísticos da agremiação com um retorno financeiro. Mauro assim explica os motivos que velaram a diretoria a cobrar mensalidade das jogadoras:

Então...aí eu comecei a ganhar muito e a jogar muito... e isso gerou muitas participantes. E, no mais, o clube chegou e falou... 'Ó as meninas aqui não podem mais treinar não! Porque elas têm que pagar a mensalidade, porque a gente tem que pagar "você" (entrevista de Mauro).

Na visão dos interlocutores da pesquisa, o retorno à cobrança de mensalidade foi uma resposta ao processo de deslocamento dos associados, em grande parte de classe média-alta, que passaram a deixar os clubes recreativos de Campinas rumo aos crescentes condomínios nas zonas urbanas da cidade, que dispunha de espaços privados de lazer supostamente mais interessantes. Ademais, a popularização das academias de ginástica e dos serviços de *personal trainer*,

prometendo uma prática de atividade física mais individualizada e cômoda, também foi citado pelas entrevistadas.

Assim, apenas aproximadamente 15% das futebolísticas, conseguiam desembolsar o valor solicitado para continuar treinando. As jogadoras que não conseguiam contribuir de alguma forma com o valor, foram dispensadas:

eram 50, 60 meninas que eu tinha, só sobrou 5, porque só 5 ou 6, acho que 10, pagavam mensalidade naquela época...As outras não pagavam. O que aconteceu só mandaram embora (entrevista de Mauro).

De acordo com o estagiário Camilo¹¹², dado a local e às condições de vida, a participação naquela estrutura de formação e treinos, por si só já exigia muito das jogadoras. Para a maioria, pagar por isso, era inviável.

Como tantas delas enfrentavam a cada dia de treinamento horas de ônibus para estarem ali? Como voltavam para casa tarde da noite, até mesmo sozinhas, muitas vezes para regiões mais periféricas e perigosas? Como se dividiam entre empregos, estudos e tudo mais para estarem ali, mesmo sem ganhar um tostão para isso? E agora com a mensalidade retornando? (carta de Camilo).

A questão financeira, portanto, se sobrepôs a outros desafios enfrentados por mulheres na prática do futebol.

[...] infelizmente, o futebol feminino até hoje sofre muito preconceito, então sempre tinha amigos, gente da família que ia contra a prática do esporte, falava que não era coisa de menina, que o “clima” da modalidade não é interessante, principalmente para alguém cristão. Mas isso não me fez parar, porque era algo que me fazia (faz) muito bem (depoimento de Laura).

Assim, muitas participantes evadiram por não conseguir custear o custo da mensalidade e dos deslocamentos até os locais de treino e jogos, gerando impactos na sua formação dentro da modalidade. Beneli e Montagner (2005) destacam que o processo de evasão no esporte em categorias de base pode levar os adolescentes a abandonarem a prática sistemática em categorias posteriores, prejudicando sua formação educacional.

Além disso, cabe considerar que a evasão tem sido desigual numa perspectiva de gênero. De acordo com dados do porta da ONU Mulheres (2017), a

¹¹² Camilo participou como estagiário na base da equipe do clube Bonfim, atuando como auxiliar e treinador no período de novembro 2011 a março 2016, participando de um período de ampliação e estruturação da equipe e futura constituição do Projeto FFC.

taxa de abandono de meninas é seis vezes maior do que a de meninos, sendo que 49% das adolescentes abandonam a prática de esportes.

O desencorajamento e o processo forçado de evasão dos espaços futebolísticos ocorrem também em clube profissionais. Osmar Júnior e Heloisa dos Reis (2016) investigaram um clube paulista, pioneiro na formação de jogadoras e na oferta de oportunidades esportivas profissionais para mulheres. Ressaltam os impactos do encerramento abrupto da oferta de futebol para mulheres com a extinção do departamento de futebol feminino do clube. Pouco tempo antes do encerramento, o clube dispunha de uma das melhores instalações no país para mulheres seguirem (ou tentarem) uma carreira futebolística e o primeiro a assinar carteira para as atletas.

4.2.3 Novas parcerias para manter o projeto vivo

A expressiva evasão de jogadoras levou a uma renegociação com o clube e buscas de outros espaços. Inicialmente, o treinador abriu mão de sua remuneração para dar continuidade à equipe. “Ó, deixa as meninas treinarem comigo de graça e eu não cobro nada delas e eu também não cobro nada do clube” (entrevista de Mauro)

Posteriormente, por volta do início da década de 2012, buscaram-se alternativas para manterem seus trabalhos vivos com novas parcerias, principalmente vinculado ao poder público. Ao recorrer a Prefeitura da cidade de Campinas, foi conhecida a possibilidade de vínculo do Projeto ao Fundo de Investimentos Esportivos de Campinas (FIEC). O FIEC é associado à Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer da cidade, desde 2005. Com a nova parceria, o trabalho do treinador voltou a ser remunerado, mesmo que com valores baixos.

[em] 2011, a Prefeitura começou a me bancar... meu "enorme salário" de 76 centavos por hora aula... 76 centavos! (RISOS).76 a hora...puxa perfeito...(risos), dá pra comprar uma coxinha com coca-cola.

Nesse novo acordo entre o clube social e a prefeitura de Campinas, o Projeto voltou a ampliar o número de jogadoras, contando com mais de 100 atletas de distintas localidades e gerações, ampliando as possibilidades e oportunidades esportiva para meninas e mulheres da região não evadirem da modalidade.

Neste caminho em busca de estratégias para sobrevivência de oportunidades esportivas e oferta de prática futebolísticas é que a formação da base do Projeto FFC se fortaleceu:

Figura 28-A base do Projeto FFC (2018):



Fonte: Projeto FFC

Em 2019, com adesão e permanência crescentes de jogadoras o processo formativo de suas jogadoras em quatro categorias geracionais foi oficializado: Sub-13, Sub-15, adulto e veterano; e em dois segmentos: iniciação esportiva e lazer; carreira profissional esportiva, o qual podia ser escolhido pelas participantes.

A fim de melhor representar as divisões geracionais e formativa do FFC, os responsáveis pelo Projeto nomearam as categorias, por meio de analogias que se relacionam com o processo e a trajetória das participantes, como exposto no quadro abaixo:

Quadro 5- Categorias de formação do Projeto FFC

CATEGORIA FORMATIVA	IDADE	DESCRIÇÃO¹⁸
<i>Verdadeira categoria</i>	8 aos 13 anos	As integrantes têm o brilho nos olhos e sonham com seus primeiros jogos e campeonatos.
<i>Começando a luta pelo futebol feminino</i>	13 aos 15 anos	Fase de construir uma união estruturada no compromisso com o time, e compreendendo que, juntas, as integrantes podem chegar em lugares que ainda não conseguem imaginar, desenvolvendo o espírito coletivo para que trilhem seus caminhos e valorizem a modalidade.
<i>A decisão</i>	Acima de 16 anos	Realizam suas escolhas e qual caminho querem seguir, permanecendo na prática ou não, projetando sua vida.

<i>Guerreiras demais</i>	Até os 55 anos	São jovens e mulheres que continuam a praticar a modalidade, seja como lazer ou seguindo o processo de profissionalização – é destacada como categoria de detentoras do poder de escolha sobre si.
--------------------------	----------------	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das informações organizadas no site¹¹³ do Projeto FFC.

A formação geracional é pouco vista em projetos esportivos estudados na literatura. Alguns autoras e autores (PISANI, 2014; ANJOS *et al.* 2018; COSTA, 2016; SILVA e NAZÁRIO, 2018) relatam dificuldades para se construir e manter um espaço de formação intergeracional em prol da prática futebolística, como por exemplo: infraestrutura, equipamentos esportivos, espaço seguro, descontinuidade, mobilidade para competições e treinamentos, patrocínios, apoio do poder público, condições trabalhistas para categoria adulta e profissionais envolvidos etc. O projeto estudado por Mariane da Silva Pisani (2014), chamado “Guerreiras Futebol Clube”, por exemplo, emergiu no espaço periférico da cidade de São Paulo e enfrentou todas essas dificuldades para construir um espaço de vivências para adolescentes de 15 anos e mulheres adultas, agrupadas em uma única categoria, o que também gerou tensões.

Além disso, há projetos estudados na literatura que partem exclusivamente da formação de crianças e adolescentes, porém sem continuidade, como o caso do “Boleiras Futebol Clube”, projeto social de iniciativa privada em SP, que abrange meninas de 13 e 15 anos. As jogadoras participantes integram o projeto durante um ano, recebem auxílio-transporte, alimentação e equipamentos para a prática (PISANI, 2014). Entretanto, não é oferecida oportunidade para que prossigam na prática.

A formalização da base do FFC foi se constituindo, em meio a estes desafios, como um espaço de sociabilidade, de vivência, adesão e afirmação do espaço privado e público para distintas meninas e mulheres. No qual as novas gerações podiam se espelhar nas jogadoras mais experientes, como um fator representativo:

ver meus sonhos de jogar profissionalmente [sendo realizado] pelas minhas companheiras é muito gratificante. Vê-las crescer, acreditar e alcançar seus sonhos. Em outras épocas isso era raridade...quantas martas, cristianes, formigas ficaram pelo caminho?

então você se espelha em outras meninas próximas, não tão distantes, claro que a gente se espelha em pessoas em atletas da seleção brasileira entre

¹¹³ O site está disponível em: <https://futebofemininocampinas.com.br/>. Último acesso: 16 de fev. de 2022.

outras, mas ter essas pessoas próximas também agregam muito. Por que mostra possibilidade de chegar lá (carta de Luana).

Verifica-se, portanto, a relevância de projetos esportivos relacionados à participação e vivência de meninas e mulheres de diferentes gerações na prática do futsal e futebol, como o Projeto FFC, no que tange oportunidades esportivas para esse público, apesar dos percalços e descontinuidades.

4.3 Circuitos competitivos

A participação em competições foi uma das memórias mais citadas pelas interlocutoras da pesquisa, enfatizando sensações e emoções que enriqueceram a prática esportiva e favoreceram a adesão aos treinos.

nos Jogos Regionais, ficamos em 2º lugar, ganhamos de Limeira, na semifinal, nos pênaltis, mas perdemos a final para Valinhos. Tanto Limeira quanto Valinhos disputavam o Campeonato Paulista naquela época, por isso foi um excelente resultado termos chegado na final e conseguido uma vaga nos Abertos (carta do treinador Fagner).

os Jogos Regionais foram muito difíceis, foi um dos campeonatos que me exigiu muita força, positividade sabe? Porque foi uma coisa muito grandiosa. [...] E ali a gente unida, todo mundo junta, conseguiu passar todas as fases. A gente foi nos pênaltis na semana final que eu me lembro e a gente conseguiu passar. Aquela vitória foi gratificante, acho que foi inescapável, foi a melhor partida minha que eu joguei, na minha vida. Eu acho que cada pessoa que estava ali, cada pessoa que colaborou para aquilo ali acontecesse, foi algo muito inexplicável (depoimento de Irene).

Em pesquisas sobre gênero e o esporte com crianças/adolescentes deixa exposto que meninos e meninas são socializados nos espaços esportivos e não-formais, de maneira distintas e que sua socialização impacta em como eles veem a competição, e a centralidade dela em sua experiência esportiva (Dixon, Warner & Bruening 2008). Homens e mulheres tendem não apenas a ver a competição de forma diferente, mas também, de ter diferentes reações fisiológicas, psicológicas e sociais (DIXON, 2013).

Ao trabalhar com a ideia de circuitos competitivos, trazemos à tona tais questões elucidadas pela comunidade do FFC em relação às competições esportivas, como os relatos trazidos acima, subsidiadas pelos olhares em relação às questões de gênero. O Circuito seria, então, “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado

período de tempo” (MAGNANI, 2014, p.9). Com uma composição de diferentes atores e atrizes mobilizando ações em distintos espaços esportivos.

Então, o circuito envolve, além da própria competição em si, o envolvimento da comunidade que participa e a oferta, a comissão técnica envolvida, os familiares das participantes, o território para o jogo, a mobilidade para os espaços, as equipes formadas, a arbitragem, a vestimenta, a organização e capital econômico dos eventos, o torcer, ambos ligados a uma cultura e territorialidade local e que reconstituem as identidades de quem se envolvem e, também, dos espaços não formais esportivo.

Quando as mães reivindicaram a oportunidade de prática do futebol, os circuitos competitivos para mulheres ainda eram muito restritos. De forma geral, na década de 1990, nota-se, um circuito competitivo brasileiro e internacional, que começava a ser vagarosamente organizado e vinculado a confederações e federações, como a responsabilidade da *International Football Association (FIFA)* neste alargamento. Mas em 1988, a entidade passou a realizar sua primeira competição Internacional, o *International Women's Football Tournament*, no qual o Brasil conquistou o 3º lugar geral. Campeonato que serviu de base para a realização primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino na China, mas em 1991 (GOELLNER,2021).

Mesmo com o início das competições internacionais, no Brasil, este circuito enfrentava defasagem de oportunidades esportivas para distintas meninas e mulheres vivenciá-lo. Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior (2013) relatam que nesta época (1991 a 1994) havia apenas o campeonato nacional da Taça Brasil¹¹⁴ realizado totalmente amadora para a prática da modalidade por mulheres. E o campeonato Brasileiro, que foi organizado no ano de 1988 retornando somente em 1994.

Notamos, então, que, ao longo dos anos, a organização de campeonatos, a estrutura física e financeira de agremiações e clubes sociais que ofertavam o futebol para meninas e mulheres no Brasil enfrentavam condições de precariedade (SALVINI; FERREIRA; JUNIOR, 2014). No entanto, este fato não impediu que equipes/agremiações/clubes sociais se organizassem entre elas para continuarem suas atividades, como a organização de campeonatos internos entre agremiações e associações de bairro no interior de SP.

114 Torneio realizado oficialmente até 2007. Em 2003 contavam com apenas quatro equipes

A estratégia de propor oportunidades competitivas entre as agremiações foi elaborada por equipes campineiras nos anos 1990. Nota-se, aqui o circuito também como um representante de uma dimensão temporal¹¹⁵ e com suas especificidade.

O primeiro campeonato que a equipe participou foi a Taça Independência (Figura 29) por volta de 1996¹¹⁶: “era um campeonato de gigante que tinha na região de Campinas naquela época. Envolvia todos os clubes da Cidade, todo mundo queria participar”, relata Mauro. Uma das poucas da região a possibilitar a participação de meninas e mulheres de diferentes idades e agremiações e divididas por categorias para a prática do futebol de campo.

Figura 29-Jogadoras representando o clube Bonfim na Taça Independência em Campinas:(1996/1997)



Fonte: Projeto FFC

Os primeiros circuitos competitivos que o Projeto passou a adentrar, então, eram realizados, majoritariamente, junto ao espaço físico de clubes sociais, como “SAAD, 3M, Guarani FC, Clube Cultura, Guarani, Bonfim, Regatas, Andorinhas,

115 Ou seja, “um conjunto de pontos localizados espacialmente ao longo dos quais determinadas pessoas, objetos, mensagens se movimentam durante certo período de tempo” (MAGNANI, 2014, p.9).
 116 A data da competição foi estimada pelas interlocutoras, sem haver confirmação previsão da data do evento

clubes fortíssimos e que participavam de torneios organizados pelas próprias entidades” (Entrevista, Mauro). Também participaram de competições organizadas por associações de bairros e de entidades representativas, como a Associação Presidentes Entidade Social Esportiva Campinas APESEC (figura 30).

Figura 30- Campeonato da APESEC no clube Cultura em Campinas:(2000-2001):



Fonte: Projeto FFC

Os torneios ocorriam em apenas um dia com equipes amadoras da região, como relembra Valeria: “juntavam 3 e 4 times nos espaços e íamos jogar campeonatos internos”. As faixas etárias e níveis técnicos/tático variavam bastante. Competiam nas modalidades de futebol de campo/Society, na qual treinavam, e de futsal, como estratégia de sobreviver na prática esportiva e vivenciar competições, procurando alargar seu circuito, que era escasso para diversas gerações.

Amanda¹¹⁷ uma das primeiras ingressantes da turma compartilha que, nesta fase, “[...] você jogava uma vez por mês... e se tivesse campeonato uma

117 Amanda de 34 anos participou desta pesquisa através de depoimento online coletada em maio de 2020. Se inseriu no Projeto FFC nos anos de 2001 a 2002 quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim, posteriormente representou a equipe do Guarani FC e migrou para estudar e jogar nos EUA. Atualmente é uma atleta profissional em solo brasileiro.

coisinha assim, só jogava daqui um mês e meio...porque não tinha times” (Amanda, depoimento).

Nestes limitados circuitos competitivos, ao longo do tempo, a equipe do clube Bonfim passou a ocupá-los e construir uma rivalidade com outras equipes e clubes. Entre elas a agremiação do Guarani FC, que advém, principalmente, pelas condições melhores de prática e capital esportivo na oferta de prática com longevidade, comparada com as outras equipes. Além disso, o Guarani FC, chamava a atenção na cidade pelo número maior de torcedores, inclusive homens, que partiam para atitudes hostis.

Alguns torcedores da equipe masculina de futebol passam a torcer também pela equipe feminina, levando para o campo elementos identitários de uma torcida organizada. Diferentemente de outras equipes, nos jogos contra o Guarani FC, a torcida vestia camisetas do time, portava bandeiras, gritos de guerra etc. Eram formas de intimidar as adversárias, muitas vezes torcendo de forma hostil. Xingamentos sexistas e homofônicos eram exacerbados, como uma forma de desequilibrar as praticantes, partindo majoritariamente de homens. Sueli comenta que “era como se a torcida estivesse dentro do estádio gritando e xingando pro campo” (Sueli).:

você via gritando no alambrado era só homens não tinha meninas nem mulheres gritando. Eram ofensivos, me deu um pouco de medo, mas não me intimidou não. A guarda policial chegava lá no amador ficam lá parados e atentos para trabalhar (entrevista de Sueli).

A agressividade e hostilidade neste *modus operandi* de torcer visava desestabilizar as mulheres, utilizando xingamentos sexistas.

Neste sentido, o ato de torcer se configura como uma das formas de jogar, que expressa características de uma sociedade (FREIRE; SCAGLIA, 2003). Os discursos hostis expressam uma cultura de virilidade masculina (MARTINS *et. al*, 2020, p.118). Esses processos são também uma forma de educar os corpos, afetando também as subjetividades das jogadoras que o vivenciam.

As distintas estratégias de adesão e criação de circuitos competitivos, seja no contexto de espaços privados de agremiação e associação ou advindas de organização comunitária e pública de bairro e projetos sociais promoveram movimentação e crescimento – mesmo que ainda modesto- de oportunidades esportivas para distintas categorias na região.

Outro movimento importante – ressaltado pela comunidade do FFC - e que contribuiu para alargar o circuito competitivo vivenciado pelo Projeto ao longo do tempo, foi a filiação junto à Federação Paulista de Futebol (FPF) em 2016, passando a ingressar nas principais competições da formação de base no estado. A importância desta ação afirmativa foi ressaltada em matéria oficial da equipe na época¹¹⁸:

O Clube Bonfim não tem condições no momento de se filiar a Federação, mas em contra partida a Federação entende a importância do time como referência na modalidade, ofereceu um vínculo e que tal ação facilitaria a participação do time nos campeonatos oficiais (CAMPINAS, 2016,s.p).

O circuito competitivo regional ao longo do tempo, foi então, sendo cada vez mais alargado e dinamizado, com a organização de eventos também para categorias de base.

Vale ressaltar que neste mesmo ano de 2016, pela primeira vez uma mulher assumiu a direção do departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol (FPF), o qual passou a ser ocupado pela ex-jogadora Aline Pellegrino.

Trata-se também de um marco representativo da ocupação de mulheres em cargos profissionais e de liderança, o que tem sido valorizado por mulheres jogadoras, conforme expresso na fala de Naiane:

lá em cima, nos cargos altos, a gente não resolveu um problema estrutural, a gente precisa resolver esse problema que é ter mulheres ocupando cargos lá em cima, isso vai significar que a gente está atingindo um nível de democracia ideal assim, e acho que tem um poder de representatividade, essas mulheres, estando lá em cima, as mulheres que estão lá em baixo vão olhar e pó " é possível! (Entrevista de Naiane)

Ao analisarmos relatos e partilhas das interlocutoras do Projeto FFC, percebemos que competições futebolísticas são vivenciadas e ofertadas de formas distintas por e para meninas e mulheres. Ao refletirmos sobre as competições para elas, fica evidente, nas falas das interlocutoras um elemento de desigualdade de oportunidades e engajamento para a mesmas neste espaço competitivo local. Como comenta Isadora, ao lembrar de um campeonato que marcou suas oportunidades esportivas no Projeto FFC, em 2013, relata como foi vivenciá-lo:

118 Matéria completa disponível em: <https://www.campinasfutebofeminino.com.br/primeiro-campeonato-na-federacao-paulista/>. Última data de acesso 15 de set. 2021

nos preparamos, nos classificamos e no dia de pegar o ônibus pra ir pro nosso alojamento do campeonato, todas estavam na porta do clube com as malas feitas e então chega a notícia que o campeonato tinha sido cancelado por falta de verba. Não tivemos nenhum aviso prévio e senti que todo nosso esforço não serviu pra nada (depoimento de Isadora).

As competições vão além de olhares dicotômicos: ganhar/vencer; causa/efeito; oferta/demanda; patrocínio/ausência de verba. Isto é, Cada participante é afetada e afeta-o de forma distintas, com múltiplos significados. Além disso, os campeonatos estão permeados por um circuito repleto também de desigualdades de gênero, potencialidades, especificidades territoriais e desafios emergentes. Como pensar na construção de um circuito que procure diminuir essas desigualdades?

De forma geral, notamos, que os circuitos competitivos da trajetória do FFC, estiveram atrelados a desafios como: criação; organização e apoio financeiro; estrutura e vestimenta para competições; cultura de um torcer hostil, congruentes a uma concepção de dominação masculina das modalidades futebolísticas e dos circuitos no quais elas passam a conquistar e questionar essa dominação. Tal dominação acontece, não no sentido direto de ação em detrimento sobre os outros (dominantes "versus" dominados), mas pelo efeito indireto de uma conjuntura complexa de ações e violências que forma uma estrutura privilegiada – no caso dos espaços futebolísticos, os homens- e que por meio desta estrutura exercem a dominação frente aos demais (BOURDIEU, 1996).

A dominação, portanto, não é apenas de classe ou de grupos é também uma de espaço. bell hooks (2015, p.5) salienta que “O sexismo como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade.” Tais desafios foram enfrentados e driblados pelas participantes e comunidade do Projeto FFC, que em meio aos desafios movimentaram este circuito e ajudaram em sua época a ganhar cada vez mais abrangência.

4.3.1 Vestimenta

Os circuitos competitivos exigem a utilização de vestuário específico. O clube Bonfim cedia a vestimenta, reutilizando uniformes anteriormente utilizados pelas equipe de meninos.

Figura 31- Campeonato Interno Clube Bonfim (1996):



Fonte: Projeto FFC

A **figura (31)** mostra a vestimenta utilizada pela equipe do Bonfim, improvisada a partir das camisas das equipes masculinas, desproporcionais aos corpos das jogadoras, como também desconfortável para a realização da prática do futebol. Os shorts eram variados de acordo com o que cada uma possuía para prática. Este episódio ocorreu também a nível profissional, entre os anos de 1988 a 2011 na trajetória da seleção brasileira de mulheres que utilizava os uniformes¹¹⁹ do futebol de homens, com pontuais ajustes.

Especificamente na II Copa do Mundo FIFA, de 1995, a seleção de mulheres utilizou o uniforme da seleção masculina de 1994, sendo totalmente desapropriado para os diferentes corpos das jogadoras, como destacado na reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*: “O uniforme, originalmente modelado para homens, fica muito largo para as brasileiras – a seleção tem uma média de 1,63 m de

119 Apenas em 2015, como ressalta Claudia Kessler (2019) passou a utilizar uma camisa oficial para elas, no entanto, o uniforme azul referente a Copa do Mundo do Canadá no mesmo ano não houve comercialização. Na edição posterior da Copa do Mundo realizada na França, o uniforme foi comercializado e somente em 2020, depois de muitos protestos das jogadoras, foram retiradas as estrelas referentes às conquistas de copas do mundo pela seleção masculina.

altura. As demais seleções também utilizam a roupa das equipes masculinas” (TOP,1995, s.p)¹²⁰.

O apoio da prefeitura e de patrocinadores possibilitaram disponibilizar uniformes próprios para a equipe. Abaixo uma foto da exibição do novo uniforme vinculado a identidade do clube, e o patrocínio vigente da FIEC:

Figura 32-Uniforme novos da equipe em 2011:



Fonte: Projeto FFC

4.3.1.1 Transporte

Outro fator emergente que aparece neste circuito competitivo estudado, é o transporte para o acesso aos espaços competitivos, e que tange alguns desafios para oportunizar a vivência esportiva no Projeto FFC. A chegada aos espaços competitivos de distintas meninas e mulheres era financiada, na época pelos “pais que ajudavam com o transporte, como também haviam vans que saiam do clube porque a categoria do masculina também participam desses campeonatos e nos reuníamos para viajar juntos” (Entrevista de Vilma).

Sueli também relembra sobre o transporte para as competições:

a passagem, não era o clube que bancava. Algumas vezes, o Mauro alugava a perua e iam todas que podiam ir na perua. Naquela época, quantas

120 Noticia completa em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/09/esporte/19.html>. Último acesso 20 de dez. de 2021

coubesse na Kombi, a gente ia. risos. Aí ia de carro, era a parte, no começou dificultou muito, a localização principalmente (Entrevista de Sueli)

E complementa em relação as estratégias para diminuir as desigualdades de mobilidade para os espaços competitivos: “Outras moravam muito longe não tinham condição de ficar indo e voltando, quando a gente ia jogar fora pegava o carro de cada uma e se dívida” (entrevista de Sueli).

Além do deslocamento para os jogos também havia uma dificuldade da mobilidade em reação a rotina semanal de treinos, inscrita neste circuito competitivo. Principalmente após a inserção de futebolísticas advindas de outras regiões campineira distantes do clube social. Como relata Laís “A jornada até os treinos era bem desgastante e eram durante a noite (perigoso) e minha mãe não tinha tempo para me levar, sempre fui sozinha”.

4.3.2 Oportunidades competitivas ofertadas pelo poder público

Os eventos competitivos para mulheres organizados pelo estado de São Paulo eram realizados em uma única categoria livre/amadora, na qual participam jogadoras de todas idades, podendo variar de 14 a 40 anos, por exemplo.

O incentivo público, então, viabilizou a participação do clube em competições regionais como a Taça Cidade de SP, Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior e Jogos da Juventude, que passaram a abarcar jogadoras mais jovens e contribuindo suas primeiras experiências competitivas e vivências esportivas Os Jogos Regionais e Abertos foram o principal evento citado pela comunidade do FFC.

A seguir, compartilhamos um pouco sobre alguns campeonatos futebolísticos intergeracionais destacados pelas interlocutoras, que oportunizaram a oferta de prática do FFC.

Taça SP

Em registro online no diário de campo, descrevemos uma sequência de relatos escritos online pelas jogadoras do Projeto sobre suas vivências na Taça SP em 2011:

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

o dia 10/09 Tivemos jogo pelo campeonato da Taça São Paulo, categoria sub-15 .O jogo foi contra a equipe de São Paulo, o time delas era mais forte fisicamente, corriam muito e eram muito altas . No primeiro tempo elas fizeram 2 x 0 na gente, defendemos praticamente o tempo inteiro e a única chance CLARA de gol, perdemos... No segundo tempo logo no início elas fizeram o terceiro gol. Mesmo assim, corremos atrás do jogo, e o juiz deu um pênalti pra gente, e a nossa jogadora Anita marcou. Depois disso só deu Bonfim no jogo, e a Aline fez o segundo e faltando uns 10 minutos pra acabar

nós empatamos a partida e fomos para os pênaltis. Na cobrança de pênaltis a nossa goleira Giulia QUASE defendeu algumas cobranças... Acertamos todos os pênaltis e o outro time chutou um pra fora, e acabou assim, 3 x 3 no tempo normal e 5 x 4 nos pênaltis. “Foi uma virada típica de Bonfim” Parabéns meninas! .¹²¹

Figura 33-Equipe sub 15 Projeto FFC, vinculado ao clube Bonfim e prefeitura de Campina, presente na Taça Cidade de SP em 2011



Fonte: Projeto FFC

A Taça Cidade de São Paulo de Futebol Feminino foi um dos principais eventos competitivos paulistas para distintas meninas e mulheres. Organizado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da cidade de São Paulo, através da Coordenadoria da Gestão das Políticas e Programas de Esporte e Lazer (CGPE). Como objetivo, o torneio visou incentivar e revelar novos nomes do futebol de meninas e mulheres, e principalmente divulgar a modalidade, não só com a finalidade de identificar talentos esportivos, mas, também de incentivar sua prática esportiva, como forma de inclusão social e bem estar coletivo, direcionando o esporte a um processo formativo e de inclusão social.

¹²¹ Relato online disponível em: <https://sanguevinho-futebolfeminino.blogspot.com/2011/06/>. Último acesso 11 de fev. 2021.

O circuito competitivo representa, então, uma espécie de saída do território habitual, que para muitas futebolísticas do Projeto FFC era algo ainda não experienciado, possibilitando oportunidades de mobilidade social e vivência de novos espaços futebolísticos pelo estado. Naiane relembra essa relação da viagem com construção de vínculos afetivos nos campeonatos fora da região campineira:

viajar junto, acho que esse era um momento muito MASSA, os regionais, que a gente ficava numa escola e sempre pra mim que era o momento que eu conseguia chegar mais perto delas, um contato mais próximo de amizade, porque a gente ficava uma semana trancada num quarto só pensando em futsal só falando de futebol, se alimentando bem, sempre era um momento muito legal, e que estreitava muito nossos laços acho (entrevista de Naiane).

Jogos Regionais e Abertos do Interior SP

Além disso, a estratégia de parceria com o poder público para oferta de eventos competitivos possibilitou duplicar as oportunidades de inserção em distintos eventos pela comunidade do Projeto FFC, tanto na região de Campinas como no Estado de São Paulo. Como por exemplo, os Jogos Regionais¹²² e Abertos¹²³ e os Jogos da Juventude de SP¹²⁴, amplamente resgatado pelas interlocutoras principalmente por ser um campeonato de destaque na região e relatam uma mudança em relação a sua vivência com a modalidade, relacionadas a força, resistência e vínculo afetivo:

O momento mais marcante pra mim foi participar dos estaduais e sermos campeãs invictas, foi uma experiência maravilhosa estar em outra cidade com uma rotina diferente disputando esse título em nome do time Bonfim representando a cidade de Campinas. Inclusive foi aí que tive o jogo mais marcante e especial pra mim. Estávamos em um jogo bem serrado, ninguém havia marcado no primeiro tempo, e quase na metade do segundo tempo, quando em um contra-ataque adversário, eu acabei me machucando, levei um chute no rosto, o time adversário marcou, e o juiz não deu falta nem nada. Me retirei por alguns minutos com o nariz sangrando do campo, nesse momento eu olhei pro banco do time e todo mundo se reuniu para uma conversa, acharam que eu iria ter que sair e colocar uma da linha para ir no gol, já que estávamos sem reserva. Mas não era nada de mais, só lotaram meu nariz de algodão e voltei pro jogo, viramos o jogo, e fizemos uma goleada

122 Os Jogos Regionais são disputados pelos municípios do estado de São Paulo e realizados anualmente pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer, junto com os municípios-sede. Dividindo o estado SP em oito regiões, na qual cada região possui uma sede e organização. Campinas participa da 4ª Região Esportiva.

123 Os Jogos Abertos do Interior de São Paulo são realizados também anualmente pela Secretaria de Estado de Esportes, e disputados pelos municípios, classificados nos Jogos Regionais em cada categoria e modalidade.

124 Os jogos da Juventude foram iniciados em 1983 com a intenção de oportunizar o esporte para jovens entre 15 a 18 anos a fim de desenvolver seu potencial esportivo, propagando a prática de distintas modalidades esportivas.

ainda, terminando com 4 a 1, um jogo muito emocionante e especial.(Depoimento de Viviane)¹²⁵

Figura 34-Desfile de abertura dos jogos regionais com a equipe do Clube Bonfim/Prefeitura de Campinas:



Fonte: Projeto FFC

Em 2016, Irani também compartilhava que os Jogos regionais/Abertos foi um campeonato especial para a maior oferta de prática futebolística para meninas participarem: “eu acho que esse campeonato (Jogos abertos) é uma das coisa mais marcante, você treina o ano inteiro, pra você chegar naquele campeonato, ainda mais o futebol feminino, que não tem muito campeonato”(depoimento, Irani).

Além disso, as oportunidades competitivas do setor público também aceleraram um processo de múltiplas atividades vivenciadas pela comunidade do Projeto. Como a apropriação e transferência de modalidades esportiva, apontada por Isabela, jogadora do Projeto FFC, como prática necessária para seguir atuante do mesmo. Ela recorda que a comunidade FFC ressaltava a ideia de que: "aqui ou você joga tudo, ou seja, salão, campo e soçaite¹²⁶ ou não joga". Ou seja, esse movimento de transferência de modalidades era dirigido para todas as categorias formativas, principalmente para as primeiras gerações, devido as ausências do circuito

¹²⁵ Viviane de 21 anos, atuou como goleira do Projeto de 2011 a 2015, participando desta pesquisa através de um depoimento online sobre sua participação no FFC e como era ofertado a prática futebolística para a comunidade.

¹²⁶ O futebol soçaite conhecido também como futebol de 7 se configura como um esporte coletivo realizado em um gramado sintético envolvendo a disputa entre duas equipes de sete participantes cada com proximidades das regras da modalidade do futebol de campo.

competitivo para as categorias sub 12 e 13, - que potencializava, muitas vezes, o desencorajamento de muitas praticantes.

Neste caminho, a prática de futebol e futsal por mulheres aparece como uma forma das jogadoras sobreviverem e não evadirem da prática e também de infiltrarem e criarem um circuito competitivo regional, contribuindo para aumentar a movimentação deste circuito e potencializando transformações.

4.3.4 Competições Mistas

O Projeto FFC começou a ingressar, na década de 2010, em campeonatos mistos, com acordos e moldando novos regulamentos com equipes de meninos, como forma de sobreviver à prática futebolística de categorias de base. A Liga Hortolândia de Projeto Social, foi um exemplo de competição mista vivenciada pelas comunidade do FFC, em que participaram com a categoria de formação Sub-15 disputando contra categorias de formação, Sub-13 masculinas e meninas Sub-13 enfrentando categorias Sub-11 masculinas:

Figura 35-Equipe do Projeto FFC cumprimentando o adversário em torneio misto:



Fonte: Projeto FFC

A FIFA, em seu manual de desenvolvimento de futebol voltado às categorias de base (“FIFA Futsal Grassroots Festival “Skills For All”), sugere festivais mistos para crianças de 6 a 12 anos, pois, não iniciado os processos maturacionais

(como a menstruação e a puberdade), a “justificativa biológica” para separação é inexequível (complexidades, mas que a tornamos ainda mais complexas). A escolinha da Duda, no Rio Grande do Sul, compreende tal estratégia e formaliza a iniciação futebolística em turmas mistas até completarem 12 anos de idade, para, posteriormente serem divididas as turmas (RAMOS; GOLLNER, 2018).

No cenário internacional, Marcia Valeria Batista de Oliveria (2016) ressalta, em seu estudo sobre o futebol de mulheres nos Estados Unidos da America, Alemanha e Japão, que estes contextos compreendem o treinamento misto entre os 10 e 14 anos de idade como fundamentais, contribuindo para diminuir a indiferença cultural e preconceituosa em torno da prática futebolística.

O projeto vinculado ao clube Bonfim procurava, mesmo que em ações isoladas, possibilitar vivências esportivas e sociais que privilegiasse intercâmbios culturais, para, além de um espectro dual do esporte e de rendimento pelas quais as entidades primavam, perseguindo uma prática mais inclusiva.

Portanto, as ligas, confederações, órgãos públicos e agremiações fazem parte de um processo histórico de controle e burocratização do esporte moderno organizado de forma binária (GUTAMANN, 2004), mas possuem, o poder e também, e o dever de transforma-las.

Warner; Dixon (2013) destacam que ambientes competitivos que se concentram em promover competição e cooperação interna e cultural têm grande valor para reter as participantes, especialmente mulheres.

A partir dos dados empíricos notamos que esses circuitos precisam ser problematizados e mapeados para que possam ser desenvolvidos na retenção de distintas meninas e mulheres. Em torno deles ainda há grandes desafios para que mais oportunidades esportivas sejam ofertadas de forma democrática: qualidade estrutural; relações de gênero, raça, classe, sexualidade.

4.4. Diferentes formas de se relacionar com a prática futebolística por meninas e mulheres do FFC

A abertura do clube para jogadoras não-sócias trouxe diversidade para o campo, o que não foi assimilado de forma totalmente tranquila. Sueli recorda, como frequentadora e sócia deste espaço, que o clube "acolheu bem, muito bem" as jogadoras não-sócias. Porém, com a chegada gradual de mais jogadoras não-sócias

começaram a se formar dois times. [...] “Time A e B, muitas pessoas associadas não gostavam, mas muitas meninas estavam focadas em ser profissionais, e isso é valioso” (entrevista de Sueli).

Enquanto algumas tinham ambições profissionais, outras se reuniam para praticar como divertimento e apenas competindo entre si, incentivando a prática esportiva para além do esporte de rendimento, Joana relembra como foi esse processo de construção da turma de experientes e amadora:

[...] a gente começou quando eu estava lá, iniciamos um time para mulheres acima de 18, e que queriam jogar por lazer, sem necessariamente competir. Construindo um espaço que elas pudessem praticar semanalmente por lazer. Começamos isso em 2017, eu puxava a equipe. Eu sei que essa proposta tem até hoje. Mauro falou que as meninas vão e que tem uma demanda legal, acho que esse foi um legado que deixei, e acho muito legal, principalmente pelo fato de oportunizar a prática pra todas. (entrevista Joana)

Figura 36-Turma experiente no viradão do esporte em 2018:



Fonte: Projeto FFC.

No entanto, enquanto algumas associadas e praticantes que passaram a ingressar no FFC, enxergavam a prática futebolística como algo que “dava medo” ou um momento de liberdade e lazer. As não-sócias (grande maioria das integrantes) e que formavam a base da equipe, viam o Projeto uma oportunidade única de realização de seus projetos. Vislumbravam, até um possível passaporte à ascensão social e

principalmente a busca pela profissionalização, seja como jogadora ou como profissionais da área que tangem o futebol. Veremos a seguir os fatores mais evocados pela comunidade e que atravessaram essa perspectiva.

4.4.1. Ingressando no ensino superior como estratégia para profissionalização

Organizadores do FFC começaram a buscar estratégias de continuidade esportiva e de ampliação de possibilidades pós-carreira esportiva para as participantes do Projeto. Uma delas foi disponibilizar bolsas de estudos no ensino superior. Houve, então, um movimento de inserção das futebolísticas da equipe no ensino superior, em parceria com a Faculdade Anhanguera de Campinas.

Como destaque por Julia¹²⁷: “recebi o convite para fazer parte da equipe do Bonfim e assim poder continuar a cursar a graduação através de uma bolsa de estudos. Permaneci no Bonfim até o ano passado, 2019, e através do clube fui convidada para fazer parte da equipe profissional da Ponte Preta”.

A estratégia de vincular bolsas de estudos foi uma forma de oferecer oportunidades pós carreira e/ou outro seguimento profissional, caso a prática futebolística fosse descontinua ou não remunerada. Algumas futebolísticas não sócias em grande maioria eram jovens, crias¹²⁸ do Projeto FFC, e escrevem essa transição da base para o dentro do próprio Projeto, como parte central de sua trajetória e experiência. Carol relatou: “Fiz faculdade de educação física, trabalhei com o Mauro em categorias menores, tanto do masculino como do feminino, ajudando-o no futsal e no campo”.

Majoritariamente, as futebolísticas que receberam as bolsas de estudos optaram por áreas correlatas a Educação Física. Tal escolha pensada em um pós-carreira na área, algo presente também em outros estudos na área (JUNIOR; REIS, 2016; PISANI, 2016), participando do Projeto não apenas como jogadoras, mas também se inserindo como estagiárias, treinadoras, preparadoras físicas entre outras áreas profissionais.

127 Julia de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o Projeto FFC por meio da carta enviada de forma online. Atuou na base do Projeto durante um pouco mais de 2 anos (2010, 2015-2017) e atualmente é jogadora profissional pela AAPP.
128 Cria é um termo nativo utilizado por algumas interlocutoras para destacar a trajetória de jogadoras que passaram pela formação da base do FFC.

Além disso, a treinadora Joana, enquanto professora, mediou debates teóricos a partir de um grupo de estudos dentro da própria universidade sobre a temática do futebol de mulheres, envolvendo outras jogadoras que conseguiram bolsa de estudos no Projeto. Ela criou o grupo de estudos com intuito de melhorar a atuação profissional das participantes, levando o conhecimento para dentro do Projeto, e principalmente refletindo sobre a busca de direitos equânimes para a modalidade que representam:

acabei tendo contato do adulto, porque elas eram minhas alunas também, na Anhanguera, e algumas ainda são. Elas sempre muito respeitadas. A gente chegou a fazer um grupo de estudos em futebol feminino lá na Anhanguera com as meninas do Bonfim, foi muito legal, a gente também fez, tentou fazer, um programa de preparação física, fizemos as avaliações físicas delas (entrevista de Joana).

Souza Junior e Reis (2016, p. 84) observam a inserção no ensino superior vinculado a bolsas de estudos para jogadoras profissionais como uma “prática paliativa”, muitas vezes, quando mal gerida se torna de difícil conciliação.

As futebolísticas profissionais do Projeto relatavam o desgaste dos treinos e estudos no ensino superior e que exigiam altos níveis de dedicação, mesmo com pouco suporte estrutural e financeiro:

[...] as meninas tinham além do futsal, o futebol, e aí também tinha trabalhos na academia, mas as meninas do adulto pouco participavam, muitas estudavam, trabalhavam, quem fazia academia era normalmente por fora, ou fazia alguma outra atividade, e então era bem difícil elas participarem desses outros projetos que Mauro tinha, normalmente era mais para as meninas da categoria de base (Tamires¹²⁹).

Ainda assim, o acesso de futebolísticas do FFC, por meio de bolsas estudos, ao ensino superior se configurou em uma ação afirmativa, que criou oportunidades à uma parte da população que não se imaginava, em outros tempos, neste espaço de aprendizado. Maquiaveli *et al.* (2021), ao analisar jogadoras profissionais de futsal praticado por mulheres, também observou as ações afirmativas como fator que “rompe com a tendência de reprodução de desigualdades presente na sociedade brasileira” (p.71).

129 Tamires participou desta pesquisa através da entrevista online realizada em: maio de 2020 com uma hora de duração. Ingressou no FFC como atleta em 2015 e posteriormente em 2019 retornou como primeira treinadora da equipe adulta do Projeto.

Podemos pensar, desse modo, a inserção no ensino superior em Projetos e espaços esportivos melhor vinculada quando há ações afirmativas, com apoio de instituições governamentais e federações para diminuição das desigualdades sociais:

Para além do oferecimento de bolsas de estudos para atletas que já estão em nível superior, o que é interessante, é também necessária a integração entre clubes e escolas a fim de fomentar o esporte de base; a promoção de ajustes para que as atletas acessem e permaneçam na escola e no campo esportivo sem que haja prejuízos em ambos os ambientes; o papel das federações em apoiar e oferecer campeonatos e competições que sejam adequadas a faixa etária e que esteja em conciliação com o calendário escolar/universitário; e, principalmente a promoção de eventos de recrutamento de atletas (MARTINS, 2000, p.190).

É a partir dessa prática futebolística que distintas perspectivas e mudanças sociais ocorrem na vida da comunidade futebolística: ganhando autonomia; recuperando a autoestima; ampliando as redes de contato, proteção e afetividade (PISANI, 2014).

4.4.2 Mulheres em cargos profissionais no Projeto FFC

Outro elemento importante na busca pela profissionalização citado pelas interlocutoras, foi a inserção delas como profissionais em cargos de liderança: treinadoras, fisioterapeutas, psicólogas, estagiárias etc. a frente do FFC.

A carreira esportiva das praticantes e profissionais da área citada aqui é caracterizada, em nosso contexto, pela jornada enquanto futebolística amadora e/ou profissional, ao mesmo tempo que exerciam outra carreira (como estudantes e/ou inserção em outra carreira no mercado de trabalho para suprir precariedades econômicas das modalidades praticadas). Jornada muito frequente no futebol e futsal de mulheres (MARTINS, 2020) e discrepante em relação à prática futebolística por homens (JOURAND; GONÇALVES, 2020; COELHO *et al.* 2021).

Apenas depois de 15 anos de atividades, o Projeto passou a incorporá-las nestes espaços As futebolísticas do FFC, além de transitarem pela equipe como jogadoras, começaram a ocupá-lo com legitimidade como profissionais e acadêmicas, vivenciando uma dupla carreira vinculada ao esporte.

No Brasil, as vivências de mulheres futebolísticas e profissionais da área são atravessadas por distintos fatores, como: resistir à evasão da carreira esportiva e/ou acadêmica (MARTINS *et al.* 2021; JUNIOR; REIS, 2016); representar

organizações e entidades formal em competições (ALTMANN; REIS, 2013); poucas perspectivas profissionais em apenas uma delas.

Temos, assim, um cenário de difícil continuidade no mercado futebolístico para inserção de mulheres, dadas as poucas ofertas de contratos de trabalho e boas condições de carreira tanto no futsal (ALTMANN; REIS, 2013; DE SOUZA; MARTINS, 2018), como no futebol (MORAES, 2012; HAAG, 2018; PISANI, 2021). Alguns elementos que devem ser pensados para equilibrar a carreira esportiva de mulheres futebolísticas são: carga de trabalho; salários e condições trabalhistas; ambiente em que possa coexistir a carreira esportiva e não sua sobreposição e incentivos do poder público e privado (MARTINS; DELARMEILINA, 2020; MARTINS *et al.*, 2021).

A função de treinadora, diferentemente de cargos relacionados ao cuidado das atletas (como psicólogas e fisioterapeutas), sofreram vigilâncias por parte interna e externa no Projeto. Tamires, que se inseriu como jogadora e retornou ao Projeto como treinadora em 2019, relata em entrevista, o ambiente hostil em campeonatos quando assumiu essa profissão:

Acho que as derrotas fazem parte, mas acho que pior que perder a final de um campeonato importante é você sofrer algum tipo de preconceito por você ser mulher. alguém te inferiorizar porque você não é um homem. Então eu lembro de jogos que ...isso me afetou bastante assim, vê o quanto isso é...foi difícil. Você está lá, fazendo o seu trabalho, você mesmo ganhando perdendo independente do placar você está lá sofrendo, com essa questão (Entrevista de Tamires).

No contexto futebolístico no país, espaço histórico e culturalmente legitimados ao domínio masculino ainda estão presentes. Mariana Novais e Ludmila Mourão (2021, p.155) trabalharam em estudo sobre a trajetória de treinadoras brasileiras a categoria analítica de “*agressões verbais*”, que representam o que muitas treinadoras, como Tamires, passam na beira do campo esportivo, na qual reforçam que a noção de esporte e o treinamento não são tarefas de mulheres.

As noções nocivas às mulheres no esporte propagadas pelo discurso, fazem parte do que aborda Foucault (2011) sobre *verdades/poder*, em que um conjunto de enunciados construídos historicamente pelas e nas relações de poder de um campo de saber legítimo (como o campo futebolístico estudado aqui). Tais noções nocivas às mulheres correspondem a manutenção de um conjunto de normas que privilegiam a heteronormatividade, também nestes espaços:

As “normas, regras, paradigmas morais e modelos corpóreos” continuaram delimitando os campos do aceitável, do dizível e do compreensível no que se refere a uma conduta comedida, desenvolvida, disciplinada, bem educada e permeada pela crença nos tradicionais “valores éticos do esporte”. (SILVA; NAZÁRIO, 2018, p.13)

Além das agressões verbais, as normas podem ser notadas, também, quando as treinadoras precisam atestar sua competência e valores esperados enquanto profissionais:

essa geração de todas as meninas novas, né...é uma geração da onda feminista... então o que elas querem, querem Mulher dando treino pra Mulher. Que é correto também é legal, desde que a mulher esteja capacitada, por mim nota 10, precisa ser mesmo, eu acho que o entendimento das mulheres...é nesse sentido é importante né.(Mauro)

O discurso de Mauro aponta para uma treinadora que, a todo momento, tenha que atestar sua capacidade e competência para atuar nas quatro linhas do Projeto, diferentemente do que ocorreu com o treinador em sua inserção no clube social do Bonfim em 1994, no início da trajetória do Projeto. Isto é, a competência e capacitação que não são exigidas na mesma proporção para treinadores homens e brancos, sua competência: “não é colocada em suspeição, pois o sexo masculino parece ser um passaporte mais legítimo para atuar como treinador” (MOURÃO; NOVAIS, 2021, p.159).

Apesar do crescimento da modalidade, este questionamento sobre a competência e capacitação de mulheres treinadoras ainda é muito presente atualmente (MOURÃO; NOVAIS, 2021; NORMAN, 2013). Como observado por Mariana Novais e Ludmila Mourão (2021), em relatos atuais de treinadoras brasileiras, que evidenciam em suas narrativas, a competência como uma: “barreira forte que ainda “persegue” as mulheres nesse campo” (p.160).

Desvelando o machismo no espaço futebolístico e com desiguais condições de acesso e continuidade para mulheres atuarem em cargos de liderança como o de treinadoras. Discriminações que nos alertam para urgência de se observá-la e:

Incluir o tema mulher e esporte quando das capacitações de agentes sociais, técnicos e profissionais da área da Educação Física em relação aos problemas de gênero relacionados às meninas e suas consequências na vida adulta (BRAUNER, 2008, p.531)

Além disso, Mauro completa que: “o futebol feminino ainda é muito novo, então são poucas mulheres capacitadas, para dar treino para as mulheres”. A literatura mostra que historicamente o futebol praticado por mulheres passou por constantes impedimentos e lutas políticas para que sua prática fosse legitimada em solo brasileiro (GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005; MORAES, 2012; BONFIM, 2019). Sua regulamentação ocorreu apenas na década de 1980: são mais de 100 anos tentando romper com impedimentos e sub-representações para que as mulheres se infiltrassem no que tange as práticas futebolísticas. Muitas mulheres treinadoras historicamente passaram a disputar esse espaço em meio a distintas violências.

Por fim, vale destacar que, as mulheres treinadoras do Projeto FFC, nos mostram a partir do seu envolvimento e engajamento, que os cargos de liderança na modalidade não estão atrelados ao seu sexo e sim, em relação as suas habilidades e inteligências.

4.4.3 Elementos Migratórios

Ao longo da trajetória do Projeto, 25% das futebolísticas do FFC contatadas nesta pesquisa migraram para o exterior, com o intuito de criar alternativas para profissionalização, pois no Brasil não encontravam estabilidade econômica, nem reconhecimento profissional. Vera Botelho (2010), aponta que o número de atletas que emigram no futebol de mulheres cresceu a partir dos anos 2000. A autora ainda destaca que os motivos que levaram as mulheres atletas a migrarem eram relacionadas à experiência cultural e profissional.

As futebolísticas relatam que, além disso, pensaram em seus projetos de vida, conciliar o nível competitivo e de desenvolvimento profissional em países que ofereçam prática esportiva em alto nível com os estudos acadêmicos, pensando assim na sua carreira a longo prazo. Como destacou Amanda: “um dos meus sonhos era realmente conseguir uma bolsa de estudos nos EUA para jogar e estudar”. (carta de Amanda). O destino ‘preferido’ das atletas do FFC foi justamente os Estados Unidos.

Além disso, a migração a nível internacional de atletas envolve especificidades para cada território e uma complexidade de questões para refletir. Inspirada pela pesquisa de Jean Willians (2007), Mariane Pisani (2015) aborda em seu estudo três destas questões permeada na fala das jogadoras entrevistadas:

O primeiro é a ligação entre o futebol e as **tradições dos países pós – coloniais**, no que diz respeito à tentativa de definir regras de associação do futebol como um esporte de “homem”; outro ponto para estudo são as **redes informais** que se criam entre as jogadoras que atuam fora de seus países de origem; e, por último, podemos levantar a **intervenção- tardia- do Estado** em questões como a saúde e educação das mulheres que migram para jogar futebol. (PISANI, 2015, p.53, grifo nosso)

Percebemos que há um movimento de ascensão de migrações internacionais de mulheres na prática futebolística. No entanto, o número de futebolísticas que conseguem oportunidades internacionais são baixos, ocorrendo também outro processo: o de migração inter-regionais/estaduais, algo que foi visto no Projeto, e que esteve vinculada também às descontinuidades de espaços futebolísticos na região,

A comunidade de jogadoras do projeto FFC, além de realizarem migrações internacionais, como o caso de Cristina, “eu cheguei a ter ido para os EUA, ter ficado 4 anos, se não fosse a base que tive no Bonfim [FFC] isso não teria acontecido”. Mobilizaram também migrações¹³⁰ inter-regionais. Se deslocando entre as cinco regiões campineiras (Leste, Noroeste, Norte, Sudoeste e Sul), regiões que apresentam cenários socioeconômicos e de vulnerabilidade social contrastantes, como também de equipamentos esportivos para a prática e cidades vizinhas a metrópole campineira.

As movimentações eram, então, baseadas em relações afetivas, potencializadas pelas redes informais de contato e às possibilidades de acesso e disponibilidade desses espaços futebolísticos, pois, para as não sócias, este espaço podia ser interdito a qualquer momento.

As migrações inter-regionais de jogadoras na equipe vinculada ao Bonfim, esteve relacionada aos vínculos entre elas mesmas formados em outras equipes e espaços futebolísticos, como a equipe do Guarani FC¹³¹, na escola e no bairro. Carol¹³² escreve sobre como conheceu o Projeto: “eu fui para o Bonfim porque as

130 São aquelas migrações que ocorrem dentro do território campineiro e em alguns casos entre as regiões geográficas próxima a cidade de Campinas

131 A entidade se caracterizava pelo desenvolvimento do futebol de homens, mas em relação ao futebol para mulheres o clube enfrentava descontinuidades de oferta e entraves socioeconômicos (MOURA,2003).

132 Carol de 24 anos é uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma online através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do Projeto durante 10 anos.

amigas da minha escola jogavam lá no Bonfim. Aí fui pra o Bonfim em 2010, fiquei lá até agora. rsrs.” A escola, segundo Altmann (2015), também se configura como um espaço político e pedagógico importante para a formação destas futebolísticas e do vínculo afetivo.

Outras jogadoras encontraram na equipe em crescimento vinculada ao clube Bonfim um espaço futebolístico que pudessem acessar e que atendessem seus projetos individuais. A jogadora Lídia relata na escrita da carta que sua trajetória no futebol foi atravessada por esse processo migratório entre as equipes de base da Região da cidade de Campinas, acelerado pela inconstância de oferta futebolísticas de alguns espaços/Clubes/Projetos esportivos, que – em muitos casos- não conseguem permanecer por um longo período oferecendo oportunidades esportivas para sua comunidade. Ela conta que a inserção ao Projeto esteve atrelada, então, a evasão de outros projetos: “por conta do fim do Guarani eu e algumas meninas fomos pro Bonfim [FFC] Campinas”.

A jogadora Isabela¹³³ que atuou no Guarani FC e posteriormente no Projeto FFC, relembra que, para “manter a equipe feminina de base, [o Guarani] fez parceria com a prefeitura de Valinhos¹³⁴ e os treinos mudaram para essa cidade”, acarretando em modificação na identidade da equipe. A jogadora Lídia¹³⁵ relata na carta que sua trajetória no futebol foi atravessada por esse processo migratório regional

A permanência das futebolísticas nos espaços esportivos nas décadas de 2000 a 2010 dependia majoritariamente, das redes de afetos. Estavam, sim, vinculadas às novas demandas que surgiram nestes espaços futebolísticos, principalmente no ambiente do clube Bonfim e do seu principal rival na época, o Guarani FC. A equipe bugrina¹³⁶ passou por um período de “desmanche”, tanto do futebol como do futsal praticado por mulheres, ao final da década de 2000, devido a uma crise financeira e corte de gastos no clube. Impactando a cidade como um todo

E treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao Projeto

133 Isabela de 24 anos, foi ex-jogadora da categoria de base do Guarani no sub 15, e posteriormente com o término da equipe migrou para a equipe do clube Bonfim em 2013. Relatando sua trajetória por meio de depoimento online.

134 Valinhos é uma cidade inserida na Região Metropolitana de Campinas.

135 Lídia de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o Projeto FFC por meio da carta enviada de forma online. Atuou na base do Projeto durante um pouco mais de 2 anos(2010, 2015-2017).

136 Termo para representar a torcida e equipe do Guarani FC.

(o que foi revertido alguns anos depois). Intensificando um movimento de dispersão de suas jogadoras pelo território campineiro.

A jogadora Isabela¹³⁷ que atuou no Guarani FC e posteriormente no Projeto FFC relembra que para “manter a equipe feminina de base [o Guarani] fez parceria com a prefeitura de Valinhos¹³⁸ e os treinos mudaram para essa cidade”, sofrendo uma modificação na identidade da equipe, que posteriormente se desvinculou da agremiação, por aproximadamente 5 anos.

Cristiana reforça que “eu cheguei a ter ido para os EUA, ter ficado 4 anos, se não fosse a base que tive no Bonfim [FFC], isso não teria acontecido”. O relato demonstra a importância e qualidade do processo formativo do projeto FFC, como também, o quanto o cenário futebolístico brasileiro profissional ainda ocorrem a fuga dos cérebros¹³⁹ brasileiros, para o exterior, como commodities para o norte global.

Esses elementos migratórios internacional e regional, movidos pelos projetos de vida, redes de afetos e constantes rupturas de oferta do espaço futebolístico, desenham uma espécie de dança pela sobrevivência pela comunidade do futebol e futsal de mulheres, cujo o ritmo era regido por descompassos e descontinuidades estruturais e econômicas. Realizavam esses movimentos errantes, em função do sonho de encontrar no futebol e futsal o profissionalismo ou uma “ponte” para possíveis carreiras vinculadas ao esporte, mesmo com o cenário de péssima remuneração e desvalorização no país.

4.4.4 Novo licenciamento da Conmebol e o Projeto FFC

Em 2019, teve início uma parceria entre o FFC e a Ponte Preta¹⁴⁰, que teve como base as alterações do regulamento da Licença dos Clubes, da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), publicada em 30 de setembro de 2016. O regulamento determinou que os clubes de futebol da América do Sul tenham uma

137 Jogadora que participou da categoria de base do Guarani no sub 15, e posteriormente com o término da equipe migrou para a equipe do clube Bonfim em 2013. Relatando sua trajetória por meio de depoimento online.

138 Valinhos é uma cidade inserida na Região Metropolitana de Campinas

139 Kwok e Leland (1982), escrevem que o termo “*brain drain* – fuga de cérebros – está relacionado a profissionais que emigram do seu local de origem, buscando por oportunidades mais promissoras em países majoritariamente desenvolvidos.

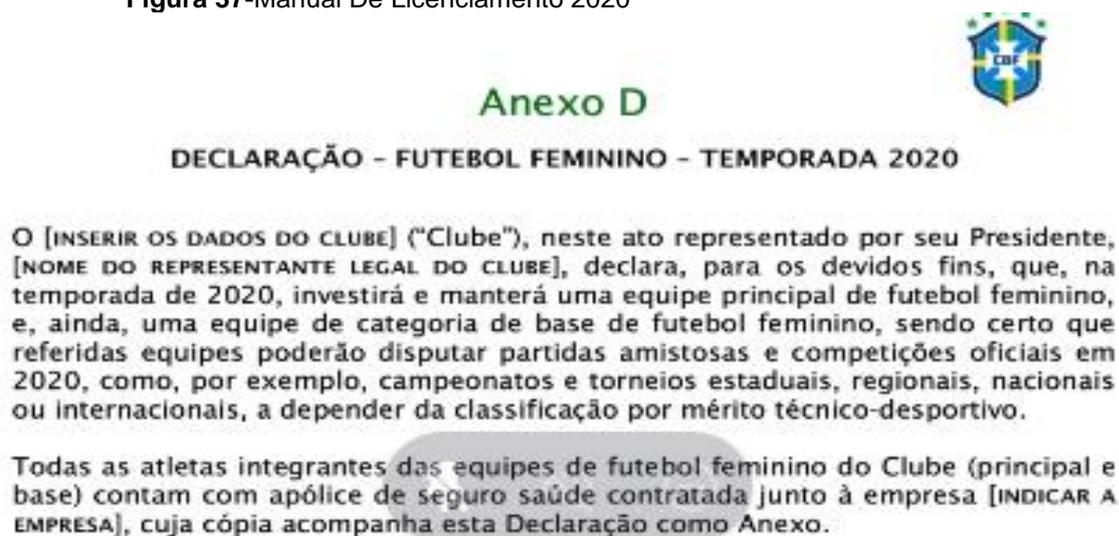
140 Ponte Preta clube Campineiro com mais de cem anos de fundação.

equipe principal de mulheres e, pelo menos, uma categoria base para elas ou deve estar associado a um clube que às tenham (CONMEBOL, 2018).

Foram dois anos para que os clubes fizessem as adequações. Em 2018, um ano antes do novo regulamento entrar em vigor, dos 20 clubes que participaram do Campeonato Brasileiro de Futebol de homens, apenas oito possuíam equipes para mulheres.

A parceria, através de um licenciamento, entre Ponte Preta e o Projeto FFC foi consolidada em 2019. Por meio dela, o centenário clube campineiro “encurtou” os caminhos para cumprir as exigências da CONMEBOL de possuir uma equipe de futebol de mulheres. Afinal, o Projeto FFC já possuía uma trajetória consolidada na região com prática futebolística de mulheres. Cabe ressaltar que a comprovação deste licenciamento era através de uma documentação (Figura 37 abaixo), que não garantia a construção de plano de desenvolvimento e permanência destas equipes.

Figura 37-Manual De Licenciamento 2020



Fonte: CBF

A pesquisa de Barreira *et al.* (2020) não encontrou indícios de que essa exigência da CONMEBOL tenha decorrido de uma estratégia de valorização da prática futebolística sul-americana, no intuito de desenvolver a modalidade. A iniciativa, sim, se desenhou pela ânsia de suprir exigências de ordens superiores da FIFA, o que prejudicou a valorização do cenário do futebol de melhores a fim de desenvolvê-lo. Entretanto, tais intenções tiveram seus efeitos, como no caso estudado aqui.

Esta nova exigência estratégica de licenciamento dos clubes, afetou diretamente a relação criada entre o Projeto e AAPP, cujas disputas jurídicas,

tumultuaram o planejamento e organização da equipe para mulheres dentro da AAPP, como aponta Mauro, não expondo de forma específica essa atuação jurídica:

mas a parte jurídica da Ponte Preta é muito complicada. Eles querem entrar e entram no módulo masculino do jeito masculino no feminino, aí não tem...aí...complica tudo...aí, tudo aquilo que você faz pro menino eles acham que deve fazer pra menina, (Entrevista Mauro)

A jogadora Lídia, também destaca o desafio em torno das questões que envolvem a gestão de um equipe para mulheres em clubes estruturados e organizados para a oferta de prática para homens: “apesar de ser tratado como “profissional”, o futebol feminino infelizmente é gerenciado por muitas pessoas que o tratam de forma amadora. E isso nos custa investimos, patrocínios, visibilidade” (carta de Lídia). Como destacado por Lídia, o cenário da profissionalização entre as mulheres ainda é problemático.

Esses impasses jurídicos e estruturais, somada à ausência da compreensão sociocultural em torno das relações de gênero e políticas no clube, fizeram tortuosos os caminhos para estabelecimento da parceria e tentativa de regulamentação das novas exigências estratégicas da CONMEBOL. Havia problemas com questões relacionadas à profissionalização das jogadoras, como aponta Lídia: “houve atraso na ajuda de custos, [...] no começo não tínhamos uniforme”.

Apesar dos desafios administrativos, o Projeto FFC viveu um (raro) momento de oferta de oportunidades diretas em favor de sua comunidade em 2020. Algumas Jogadoras, que passaram pelas categorias de base no Projeto, foram chamadas pela equipe principal da AAPP para compor o elenco, e a categoria de base do FFC, que se desligara do clube Bonfim, acabou se tornando representante do clube AAPP em ambas as modalidades (futebol e futsal), utilizando alguma das estruturas futebolísticas da entidade.

Esse período na Ponte está sendo muito legal pra mim. Tem pouco tempo que a gente ficou jogando e tal, por que logo teve essa pausa da quarentena, mas está sendo muito bom pra mim como atleta e profissional também porque eu fiz educação física e é uma área que eu me interesse muito. Caso eu não seja atleta, eu quero trabalhar no meio do futebol, então a gente, eu estou conseguindo vivenciar as coisas novas e aprender bastante (carta de Carol).

Antes da pandemia de COVID-19, ocasionada pelo vírus Sars-Cov-2, oficialmente paralisar a prática esportiva em todo o país em março de 2020, conseguimos acompanhar sessões de treinamento da equipe profissional da AAPP.

Mais da metade do elenco da AAPP era composto por jogadoras do Projeto FFC. Acompanhamos alguns dos impasses que a busca pela profissionalização no país ainda enfrenta na prática futebolística por mulheres, até mesmo no interior do estado de SP:

05/03/2020 – Dia de treino – equipe profissional

Os treinos são realizados todos os dias, 9h e vai até às 13h. Muitas jogadoras estudavam e trabalham para manter a prática do futebol, e não recebiam uma ajuda de custo que realmente cobria sua sobrevivência na cidade. Quando não se tem um apoio minimamente financeiro acarreta na não legitimação da prática do futebol de mulheres de caráter de condições semiprofissional.

No decorrer do treino ajudei enchendo o galão de água que abastecia as garrafinhas das atletas, com um calor exaustivo e sensação térmica que atravessava os 30º, era possível notar o alívio de pelo menos terem água potável para beber, mesmo que a sombra ainda não era possível. Ao lado do gramado de treino se via ao fundo vacas pastando e sendo monitoradas pela família que cuida do terreno, também as próprias atletas cuidavam de organizar o campo recolhendo gols, pequenos montinhos de gramas carpido para liberar mais espaço para o treino.

No apito final do treino as meninas se juntam ao centro do campo e recebem o representante do departamento feminino da equipe, ele começa a dialogar com elas sobre o registro de algumas jogadoras contratadas e recém adicionadas ao elenco para disputa de campeonatos, comenta sobre os uniformes ainda não serem exclusivos para mulheres, e a respeito de diversos impasses da parte de gestão do esporte. Uma das atletas exclamou: “eu vou estudar “adm” só pra virar gestora e ajudar as meninas”, outra questão apontada foi sobre o salário das jogadoras muitas não haviam recebido nenhuma quantia e não tinha previsão (Diário de campo)

A equipe profissional utilizava, na época, o espaço futebolístico (figura 38) privado e que tinha parceria com a AAPP, na região Norte de Campinas, distante da região central da cidade e de difícil acesso para muitas jogadoras, que organizavam com caronas coletivas para chegar ao local.

Figura 38-Espaço de treino da equipe profissional do Projeto vinculada a AAPP



Fonte: a autora

2020: **Figura 39--** Espaço de treino da equipe de base do Projeto vinculada a AAPP em



Fonte: a autora

Ao analisarmos a parceria, evidenciamos a relevância de um plano de desenvolvimento para mulheres, tanto por parte entidades que gerenciam os clubes e são responsáveis pelo futebol, como pelas autoridades políticas e seu compromisso de pensar o desenvolvimento socio-esportivo da comunidade. Vera Lúcia Brauner

(2013), ao discorrer sobre o instinto Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, destaca sobre objetivos principais do esporte e de que modo podemos incorporá-los para construir novas perspectivas em políticas voltadas à prática futebolística de distintas meninas e mulheres. Como por exemplo:

Ampliar a participação e a permanência das mulheres no mundo do trabalho, garantindo a qualidade nas condições e igualdade de rendimentos. Promover a organização produtiva e o acesso à renda para mulheres, especialmente das em situação de vulnerabilidade social (p. 14-15).

4.4.5 Vivências futebolísticas profissionais na quarentena

Em março de 2020, as atividades do Projeto foram paralisadas devido à pandemia do COVID-19, sofrendo adaptações para esse cenário, que envolviam as mídias digitais como ponte de comunicação para conversas e aplicação de treinos de forma remota. As incertezas de um tempo em isolamento social nos relatos estudados reforçaram por parte das interlocutoras o autocuidado e as “atividades” individuais que elas projetavam para si.

Neste período o futebol e futsal de mulheres, mesmo sendo considerado profissional, ocupa um espaço de muita resistência nas mídias digitais e televisivas, que seguem favorecendo o futebol de homens, na qual algumas interlocutoras estão compenetradas. Naiane, 28 anos, ex-jogadora e treinadora do Projeto, comenta que apesar do seu envolvimento com a modalidade durante a quarentena: [...] “tenho acompanhado (na imprensa e medias sociais) muito mais o (futebol e futsal) masculino, fazendo autocrítica, vejo infinitamente mais, e não acompanho suficiente o futebol e futsal “feminino”. Expondo o pouco - ou quase nulo - espaço para visibilidade do futebol e futsal praticado por mulheres nas mídias digitais, ou seja, os veículos que propagam essa modalidade, se mantém a base de muita resistência e agenciamento.

Houve também um impacto nas rotinas das treinadoras do Projeto, com grande sobrecarregada de trabalho e a obrigatoriedade de reinventar treinos no espaço virtual, com uma demanda maior de tempo para produzi-lo. Tamires, 26 anos, comenta sobre a sobrecarga neste período, “Eu precisava de 1h na semana pra montar o treino da minha semana, agora eu fico dias pra montar uma aula”. E como esse cenário turbulento estreitou os afetos: “tem que ter companheirismo porque o jogo não é só futebol” e complementa “vamos passar por essa junto”.

Algumas jogadoras abandonaram os treinos, permeadas por dificuldade decorrentes pandemia seja em relação a elas ou que viam no entorno. Irene, 21 anos e ex-jogadora do Projeto FFC, acabou evadindo da prática e comentou [...] “tem 80 mil¹⁴¹ pessoas morrendo, e parece que está tudo ok, mas não está, tive bastante ansiedade”. Recorda: “foi um tempo de conhecimento de me conhecer cada vez mais, me envolver com meus irmãos meus pais, minha família inteira”.

Outras jogadoras continuaram treinando e relataram os desafios e as possibilidades de treino em tempos de isolamento. Carol recorda na escrita da carta que: [...] “eu estava um pouco mais desanimada, mas a gente meio que está fazendo vídeo, ou algumas reuniões para ficar um pouco mais animada sabe”. Alana também na escrita da carta, destaca: “treinamos por vídeo alguns dias da semana isso ajuda bastante na motivação, no meu tempo livre tento me distrair, assistir filmes, séries, ler, estudar também.”

Além disso, as jogadoras que seguiram perseguindo suas “atividades” na carreira profissional passaram por desafios estruturais da modalidade como condições mínimas de trabalho e permanência. Lídia, 24 anos, atleta que passou pela categoria de base do Projeto relata que: “foi nada fácil (o isolamento social), porque apesar de ser tratado como “profissional”, o futebol “feminino” infelizmente é gerenciado por muitas pessoas que o tratam de forma amadora”. Julia, 20 anos, atleta profissional, complementa: “Acaba sendo superação dia a dia, por não poder ter apoio financeiro e contato com família e amigos.” Revelando “[...] que a construção de maior igualdade de gênero nesse campo carece de investimentos mais positivos na educação corporal e esportiva de meninas e mulheres.” (ALTMANN, 2015, p. 30).

Enfim, as vivências dessas mulheres futebolísticas em isolamento social e da oferta de prática esportiva do FFC foram permeadas pelo autocuidado, pela evasão da prática, pela autocrítica e por estratégias de sobrevivência e agenciamento, para seguirem cruzando as fronteiras de gênero e afirmando seus espaços como praticantes e organizadoras do futebol e futsal de mulheres em tempos incertos.

141 As mortes pelo COVID-19 subiram para 436.537, conforme a nova atualização diária do Ministério da Saúde, divulgada e consultado no dia 17 de maio de 2021. Para mais informações atualizadas acessar: <https://covid.saude.gov.br/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disparidades de gênero, raça, geração e renda afetam diretamente as oportunidades esportivas de distintas meninas e mulheres do Projeto FFC na prática futebolística, as quais foram observadas também por pesquisadoras brasileiras e de outros países (ADELMAN, 2003; ALTMANN, 2015, GOELLNER, 2005; HARGREAVES, 1994; MOURÃO, 2012; THEBERGE, 1994). Desigualdades constituídas e legitimadas por proibições históricas, argumentos biológicos, naturalização dos corpos, pela discriminação e banalização das práticas esportivas realizadas por mulheres e pelo abandono da prática esportiva denotam um cenário de desafios para democratizar as oportunidades esportivas. Assim, ações envolvendo setores públicos e privados, clubes, organizações, escolas de esporte, projetos esportivos e sociais devem ampliar as oportunidades esportivas de meninas e mulheres e combater sua evasão.

Em razão disso, na presente pesquisa, investigamos a trajetória de um projeto esportivo que oferta oportunidades esportivas para meninas e mulheres há duas décadas ininterruptas no município de Campinas. Com parcerias públicas e privadas, o Projeto Futebol Feminino de Campinas tem enfrentado desafios e criado estratégias para a oferta de oportunidades esportivas para meninas e mulheres. A pesquisa constatou a urgência da efetivação de estratégias para o combate das disparidades e desigualdades formativas no esporte, possibilitando “a esperança de construção de um novo espaço em prol do desenvolvimento da modalidade, incentivando, de certa forma, as futuras gerações” (ANJOS *et al.*, 2018, p.13).

Dentre os desafios enfrentados, o primeiro se refere à oferta de oportunidades esportivas, o qual, dentro do FFC, se iniciou com a reivindicação de mães-jogadoras na década de 1990 no espaço do clube social e recreativo Bonfim, na cidade de Campinas. Elas lutaram pela construção da primeira turma de futebol para mulheres no clube. Este pontapé inicial das mães jogadoras inaugurou as oportunidades esportivas na trajetória do FFC.

A transformação da realidade dos espaços esportivos de um clube social partiu de mães, que se constituíram em jogadoras. Tal conquista foi um ato político. Há mais de 80 anos, esportes tidos como incompatíveis com a condição de sua natureza (BRASIL, 1941) foram proibidos às mulheres, negando-lhes o direito e oportunidades para a prática do futebol. Com a propagação das teorias higienistas e

eugenistas, houve o incentivo e direcionamento de práticas esportivas que "melhor" poderiam representar seu papel na sociedade, o de fortalecer e gerar filhos fortes para a nação (GOELLNER, 2005), e o futebol esteve distante.

Com a criação de oportunidades esportivas, elas abriram um novo caminho, um caminho de transformação, subvertendo as percepções de fragilidade do corpo feminino para construção de um "corpo forte e habilidoso" (ALTMANN, 2015, p.143). Contribuem assim para reconhecer a prática do futebol como recomendada, legítima e pertencente a elas.

Outro elemento fundamental neste processo foi as potencialidades da aliança do mediador, diretor e treinador do Projeto: Mauro. O treinador construiu, desde sua inserção no clube Bonfim em 1996, oportunidades para meninas e mulheres vivenciarem o futebol, enfrentando peripécias espaciais, econômicas e socioculturais. Mauro, atualmente, segue trabalhando no Projeto, cultivando e fortalecendo o sentimento de pertença para a comunidade do Projeto FFC em Campinas.

Esse sentimento de pertencimento ao futebol foi o alicerce para o desenvolvimento do Projeto ao longo dos anos e reforçado por sua comunidade, principalmente, a partir da estratégia mais utilizada no projeto, a inserção e construção de campeonatos (circuitos competitivos). A vivência nestes espaços competitivos e de treinamento, foram sendo alimentada pelos sentimentos de conexão, união, vínculos afetivos, fomentando a sensação de acolhimento e interesse pela prática esportiva, como a uma comunidade que extrapola o esporte.

Nesse sentido, vale ressaltar que, apesar da construção de oportunidades esportivas no FFC estar vinculada a estratégias afetivas, desafios surgiram nesta trajetória, como: dificuldades de adesão na iniciação de jovens e crianças na modalidade; no abandono da prática por razões econômicas, pandêmicas e socioculturais; nas oportunidades profissionais desiguais; na dominação masculina e sexista dos espaços que ofertam prática futebolística na região; nos espaços competitivos e de treinamentos; organização curto, médio e longo prazo do Projeto.

O próprio espaço e formulação do Projeto, ao longo do tempo, foi se constituindo a partir do acionamento de estratégias para superar tais desafios citados acima, como o suporte de parcerias privadas, como o clube socio-recreativo Bonfim, bem como parcerias com o poder público. Tais parcerias denotaram um cenário que

permitiu que o Projeto não interrompesse a oferta de prática esportiva, e, ao mesmo tempo, nos alerta para as distintas tentativas e fôlegos em busca de seguir sobrevivente na oferta de vivência do futebol e futsal para a comunidade do Projeto.

As políticas públicas esportivas vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer da cidade de Campinas, contribuíram para financiar projetos esportivos a partir da iniciativa de pessoas jurídicas, e na qual, o Projeto FFC, foi beneficiado. Sendo o principal oxigênio que o manteve orquestrando oportunidades esportivas na cidade, com apoio financeiro para vestimenta, transporte, alimentação e espaços para prática. Processo importante – quando destinado de forma periódica – que ajudou distintas participantes aderirem à prática esportiva sistematizada e diminuir suas taxas de abandono no mesmo.

Helena Altmann (2015) ressalta a importância das políticas públicas regulares no fomento do esporte para distintas meninas e mulheres. No caso estudado, as políticas esportivas possibilitaram o alargamento do espaço privado, o apoio e financiamento, oportunizando e fomentando a prática futebolística.

Assim, projetos de vida, seja pelo caminho do lazer ou do profissionalismo junto ao esporte, foram construídos pelas jogadoras que se beneficiaram das políticas públicas esportivas. Demonstrando uma complexidade de formas de se apossar das oportunidades esportivas do FFC, atravessadas, sobretudo, por recortes de classe. Muitas participantes, oriundas da periferia campineira, buscaram, junto ao Projeto, forjar estratégias e sonhos em torno da profissionalização, seja como atleta, treinadoras, fisioterapeutas, entre outras profissões correlacionadas ao futebol. Buscavam, assim, driblar os desafios para a vivência futebolística dentro ou fora das quatro linhas, atuando e inspirando as gerações mais novas que encorpavam o Projeto.

Resistiram às normas de gênero e buscaram, junto a aliados e aliadas, realizar ações que abriram outras possibilidades a partir do esporte, tais como: ingressar no ensino superior, migrar internacionalmente ou regionalmente em busca por espaços que ofertassem a prática futebolística e trampolim em busca da profissionalização. As jogadoras que foram beneficiadas de políticas públicas esportivas, além de ingressarem, em sua grande maioria, desde os dez anos em um espaço sistematizado para a prática, passaram a ocupar através de bolsas de estudos no ensino superior, retornando ao projeto como estagiárias e futuras treinadoras das

categorias de base nas quais iniciaram sua trajetória esportiva, tendo assim sua primeira oportunidade profissional na área.

Estes cargos de liderança ainda são desiguais as oportunidades e não evasão em termos de raça e gênero, e acompanham estigmas. No entanto, as profissionais do projeto nos mostram, a partir do seu trabalho, que o desempenho como o de treinadora na modalidade não está atrelado ao seu sexo, mas e sim as suas habilidades e inteligências, desenvolvidas a partir de oportunidades e regularidades.

Outro desafio enfrentado pelo Projeto em sua trajetória, deixando rastros atualmente, foi o contexto pandêmico. Período em que a prática esportiva e a vida social global sofreram um forte isolamento, impactando seu futuro em termos de sobrevivência. A prática esportiva do FFC, neste contexto, foi permeada pelo autocuidado, pelo abandono da prática, por estratégias de sobrevivência e agenciamento, para seguirem como praticantes e organizadoras do projeto, mesmo em tempos incertos.

Então, ao longo da história do Projeto, verificamos a importância do FFC no território metropolitano de Campinas. A vivência de distintas meninas e mulheres na prática do futsal e futebol, com iniciativas de apoio do técnico, buscaram apoio junto ao poder público para a continuidade do projeto. A importância dessa iniciativa também decorre do fato de serem poucos os espaços que oferecem oportunidades futebolísticas para meninas e mulheres na região. Faltam espaços futebolísticos articulados ao poder público e próximos às áreas de moradia das próprias jogadoras, com oportunidades reais de vivência futebolística e que, conjuntamente, consigam reduzir disparidades de gênero e classe no acesso às práticas futebolísticas na região.

Não obstante, há limitações da referida pesquisa, como: o seu desenvolvimento de forma online em um contexto específico de pandemia acarretando um envolvimento das interlocutoras mais *intimistas*, onde os nuances dos espaços presenciais ficaram obstruídos; a complexa dinâmica analítica dos dados a partir da reorganização das ferramentas metodológicas – como uso de cartas –, utilizadas como alternativa neste cenário de isolamento social. Apesar das entrevistas e observações terem sido realizadas online com um número reduzido de participantes, compreendemos que esta investigação indica desafios a serem observados e problematizados ao se pensar o fomento de oportunidades futebolísticas

democráticas para distintas meninas e mulheres no país. Novas pesquisas, em outros contextos, podem contribuir nesse processo de construção do conhecimento e de políticas públicas.

As estratégias traçadas e descritas pelo Projeto FFC possibilitam refletir sobre formas de criar intervenções educacionais responsáveis, tais como: a parceria com poder público e com instituições de ensino superior, oportunidades profissionais na modalidade e oportunidades de adesão esportivas para distintas gerações. Proporcionando a diminuição da taxa de abandono no Projeto e possibilitando que distintas meninas, jovens e mulheres vivenciassem, de acordo com seus projetos de vida, a prática futebolística.

Enfim, propor visibilidade a Projetos que ofertam oportunidades esportivas para um público que, historicamente, foi estigmatizado como não pertencente a modalidade, configurando um compromisso político em prol da construção e promoção de uma educação esportiva a caminho de uma sociedade que reconheça e valorize o lugar de meninas e mulheres como protagonistas do universo cultural do futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade**. Revista Estudos Feministas, v. 11, p. 445-465, 2003.

AGUIAR, Thiago Borges de; MOGARRO, Maria João; CUNHA, Maria Teresa Santos. **A leitura de cartas que educam a partir do contributo teórico de Carlo Ginzburg**. In: Congresso luso brasileiro de história da educação. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. p. 6573-6581.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: Projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.

_____. **O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana**. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 14, 2014.

_____. **Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações**. in ____ KESSLER, Cláudia Samuel (Ed.). Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol. UFRGS Editora, 2016.

_____. **O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil**. FuLiA/UFMG, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2017.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; MONTAGNER, Paulo César; GUTIERREZ, Gustavo Luís. **A inserção da regulamentação da profissão na área de Educação Física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas**. Movimento, v. 15, n. 3, p. 275-292, 2009.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. 176pp.

ALTMANN, Helena.; JACO, Juliana Fagundes. **Esporte como direito social: sobre lutas e empoderamento de mulheres**. In: Paula Regina Costa Ribeiro; Joanalira Corpes Magalhães; Raphael Albuquerque de Boer (Org.) (Re)existir, (re)inventar, pesquisar: entrelaçamentos de corpos, gêneros e sexualidades. Rio Grande: Editora da FURG, 2022, v.1, p. 184-203. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/10390>.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?** Revista Estudos Feministas, v. 19, p. 491-501, 2011.

ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas**. Movimento (Porto Alegre), v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

ALVES, Danilo Almeida; BERTAZZOLI, Breno Fiori; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Secretaria municipal de cultura, esporte e turismo de campinas: qual (is) conceito (s) sustenta (m) suas ações?** Conexões, v. 3, n. 2, p. 74-101, 2005.

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista brasileira de educação, p. 62-74, 2003.

ANJOS, Luiza Aguiar dos et al. **Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres**. Revista estudos feministas, v. 26, 2018.

AUGUSTO DOS SANTOS, Ricardo. **O Plano de Educação Higiênica de Belisário Penna: 1900-1930**. Dynamis, v. 32, n. 1, p. 45-68, 2012.

AYOUB, Eliana. **Gestos, cartas, experiências compartilhadas**. Leitura, Campinas, n. 58, p. 274-283, 2012

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARREIRA, Julia.; MEDEIROS, Daniela. C. C.; FERREIRA, Flavia. M. **Futebol feminino como prática de lazer: um mapeamento dos espaços públicos e privados na cidade de Campinas/SP**. Resumos do X Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana. XVI Simpósio Paulista de Educação Física (X CIEFMH e XVI SPEF), 2017.

BARREIRA, Julia; MAZZEI, C. Leandro; CASTRO, D. Flavio; GALATTI, R. Larissa. **CONMEBOL e o Futebol de Mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul**. p 29-44. In:___ MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (Ed.).Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas. Editora CRV, 2020.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Vozes, Petrópolis, p. 189-217, 2002. v. 3, p. 189-217, 2002.

BAYER, C. **O Ensino dos Desportos Coletivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BEGOSSI, Tuany Defaveri; MAZO, Janice Zarpellon. **O percurso esportivo de mulheres pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense**. Revista Brasileira Ciências do Movimento, v. 24, p. 4, 2016.

BERTOLLO, Sandra Helena Joris; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Políticas Públicas De Esporte: Um Recorte Do Plano Nacional De Políticas Para As Mulheres**. Salão do Conhecimento, 2016.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Por que cartas do leitor na sala de aula**. Gêneros textuais e ensino, v. 5, p. 208-216, 2003

LARRODA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)** Dissertações de Mestrado em História, Política e Bens Culturais. Faculdade Getúlio Vargas (FGV), 2019

BOTELHO, Vivian Hernandez et al. **Desigualdades na prática esportiva e de atividade física nas macrorregiões do Brasil: PNAD, 2015**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 26, 2021.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo**. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153

_____. **Gostos de classe e estilos de vida**. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, p. 82-121, 1983.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papirus Editora, 1996.

_____. **Capital cultural**, escuela y espacio social. Siglo XXI, 1997.

_____. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL, Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Nacional, 1988.

_____. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Senado Federal, 1990.

_____. **Lei 9.615 de 24 de março de 1998**, publicada no DOU, em 25 de março de 1998, regulamentada pelo Decreto 2.574 de 29 de abril de 1998, publicado no DOU, em 30 de abril de 1998.

_____. **Decreto-Lei nº 3199 de 14 de abril de 1941**. 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acessado em 19 de fev. de 2019.

_____. **Decreto-lei n. 3199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. 1941.** Disponível em: . Acesso em: 2 abril 2019

_____. **A prática de esporte no Brasil.** Brasília. 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Último acesso em: 05 de jan. de 2021.

_____. Presidência da República. **Secretaria de Políticas para as Mulheres.** Edição Especial da Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. em: <brasil/relatorio-nacional-desenvolvimento-humano-2017.html>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

_____. Secretaria Especial De Políticas Para As Mulheres; **Conselho Nacional Dos Direitos Da Mulher; Plano Nacional De Políticas Para As Mulheres.** Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.

BRAUNER, Vera Lucia. **Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 266p, 2018

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade** (R. Aguiar, Trad.). São Paulo: Civilização Brasileira. 2003

CAIADO, Maria CS; PIRES, Maria Conceição Silvério. **Campinas Metropolitana: transformações na estrutura urbana atual e desafios futuros.** Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Nepo/Unicamp, p. 275-304, 2006.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **O armário da sexualidade no mundo esportivo.** Revista Estudos Feministas, v. 26, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. **Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica.** Horizontes Antropológicos, v. 23, p. 191-225, 2017.

CAMPINAS (SP). **Lei nº10.396 de 27 de dezembro de 1999.** Campinas, SP, 1999. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/c/campinas/lei-ordinaria/1999/1039/10396/lei-ordinaria-n-10396-1999-concede-isencao-no-pagamento-do-imposto-sobre-a-propriedade-predial-e-territorial-urbana-as-entidades-voltadas-as-atividades-desportivas-sociais-ou-recreativas-nas-condicoes-que-especifica>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CAMPINAS (SP). **Decreto nº12.352 de 10 de setembro de 2005**. Campinas, SP, 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/c/campinas/lei-ordinaria/2005/1235/12352/lei-ordinaria-n-12352-2005-dispoe-sobre-a-criacao-do-fundo-de-investimentos-esportivos-do-municipio-de-campinas-fiec-e-da-outras-providencias>. Acesso em:30 mai de 2022.

CAMPINAS (SP). **Decreto nº15.434 de 11 de abril de 2006**. Campinas, SP, 2006. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/c/campinas/decreto/2006/1544/15434/decreto-n-15434-2006-regulamenta-a-lei-10396-de-27-de-dezembro-de-1999-que-concede-isencao-no-pagamento-do-imposto-sobre-a-propriedade-predial-e-territorial-urbana-as-entidades-voltadas-as-atividades-desportivas-sociais-ou-recreativas-revoga-os-decretos-n-13951-de-14-de-maio-de-2002-e-14266-de-21-de-marco-de-2003-e-da-outras-providencias?q=lei+n%C2%BA.+10.396++>. Acesso em:30 mai de 2022.

CAMPINAS, Futebol Feminino, c2020. **Página inicial**. Disponível em: <<http://futebolfemininocampinas.com.br/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

CAMPINAS. Prefeitura Municipal de Campinas. **Caderno de políticas de esporte da prefeitura de Campinas**. Campinas, 2005.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo. **Mulheres e o lazer esportivo nos campos de futebol**. In:___XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2009.

CANAN, Felipe Starepravo. **Esporte Na Constituição Brasileira**. Genealogia E Teleologia Do Artigo 217. Movimento [online]. 2021, v. 27

CARVALHO, Beatriz Leme Passos. **Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas**. 2009. 203 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274793>>. Acesso em: 13 ago. 2019

CEPAL, Comisión Económica Para América Latina Y El Caribe. **Vulnerabilidad sociodemográfica: viejos e nuevos riesgos para comunidades, hogares e personas**. Santiago de Chile: LC/G 2170. Síntesis e Conclusiones, 2002

COELHO, Guilherme Fernandes et al. **Dual career in Brazil: analysis on men elite futsal players' academic degree**. Cultura, ciencia y deporte, v. 16, n. 47, p. 69-83, 2021.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Futebol. (2019). **Relatório impacto do futebol Brasileiro**. Retrieved from <https://doi.org/10.5281/zenodo.4587228>

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL. **Regulamento**, 15 jan. 2015. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/estatuto>. Acesso em: 25 ago. 2021

CORNWALL, Andrea. **Apresentação: trilhas do empoderamento de mulheres.** Revista Feminismos. Vol. 1, N. 2. Bahia, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo, Ática. 2000.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Dilemas da dupla Carreira: **Projeto escolar e futebolístico de estudantes-atletas das classes médias e altas do Rio de Janeiro.** CSOnline-Revista Eletrônica De Ciências Sociais, n. 31, p. 19-19, 2020.

COSTA, Martina Gonçalves Burch. **Perspectivas para o Futebol Feminino: Um estudo a partir do Pelotas/Phoenix.** RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 8, n. 31, p. 379-386, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista estudos feministas, v. 10, p. 171-188, 2002.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero.** Pesquisa histórica na Educação Física, v. 3, 1998.

DA SILVA, Rubens Teixeira. **A contribuição do futebol feminino na favela do Mandela ante da falta de políticas públicas.** Revista Desenvolvimento Social, v. 24, n. 2, p. 135-144, 2019.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e estética.** São Paulo em Perspectiva, v. 15, p. 82-91, 2001.

DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol brasileiro. Futebol: paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-44, 2000.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática.** Motriz, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** Boitempo Editorial, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo, 2016,

DEVIDE, Fabio. P. et al. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira.** Motriz: rev. educ. fis. (Online), Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, Mar. 2011.

DIXON, Marlene. A., Warner, S., & Bruening, J. **More than just letting them play: Parental influence on women's lifetime sport involvement.** *Sociology of Sport Journal*, 25, 538559, 2008.

DORNELLES, Priscila Gomes. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde-Escola de Educação Física**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2004.

_____. **A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar.** Tese de Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação 2013.

_____. G.; DOS SANTOS, Jilvania, S. **Narrativas de mulheres-jogadoras do interior baiano: rastros generificados do futebol feminino amador em Amargosa/BA.** In: ___KESSLER, Cláudia Samuel; DA COSTA, Leda Maria. *As mulheres no universo do futebol brasileiro.* Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph; WUILLAUME, PATRICE CHARLES FX. **As relações entre os sexos no esporte.** *Estudos Feministas*, p. 321-348, 1997.

FARIAS, Cláudia Maria. **Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de mulheres esportistas.** *Revista Gênero*, v. 10, n. 1, 2009.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo.** *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000100002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 18/11/2020.

FÉDÉRATION Internationale De Football Association et al. **Women's football member associations survey report.** Zurich, Switzerland: Fédération Internationale de Football Association (FIFA),2019.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa: ensaio de interpretação sociológica.** Editora Contracorrente, 2020.

FILHO, Flávio de Andrade Benini. **Educação do corpo na perspectiva de gênero: uma análise de projetos públicos de esporte e lazer.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331487>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FOLLMANN, Andressa Perkovski; SCHWEGBER, Maria Simone Vione; DE MOURA BRACHTVOGEL, Caterine. **As experiências corporais de mulheres que jogam futsal: família, grupo de pares, escolinhas esportivas.** *Pensar a Prática*, v. 23, 2020.

FOUCAULT, Michael. **Micropolítica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Sobre a História da sexualidade.** In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2012

FRANZINI, Fábio. **Futebol é " coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista brasileira de história, v. 25, p. 315-328, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** São Paulo: Scipione, 1991.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. **Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos.** Revista da Educação Física/UEM, v. 25, p. 153-162, 2014.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e Clube Sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol.** Doutora, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

GARGANTA, Júlio. **Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J (Org.). O Ensino dos Jogos Desportivos. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP. Porto. Portugal, 1995.

GAYA, Sidneya Magaly et al. **Elementos constitutivos da e para a educação de jovens e adultos na formação de professores em cursos de Pedagogia em Santa Catarina.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2012.

GINZBURG, Carlo **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história [1986]. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

GIULIANOTTI, Richard. **O setor de esporte para o desenvolvimento e a paz: um modelo sociológico de agências pacificadoras.** Pensar a Prática, v. 15, n. 3, 2012

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Seminário Estadual de Dissertações e Teses (1.: 2000: Porto Alegre, RS).[Programa e resumos]. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. **A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade.** Motrivivência, n. 16, 2001.

_____. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

_____. **“As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”**: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Revista de história do esporte*. Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 1 (jun. 2008), p. 1-28, 2008.

_____. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, 2010.

_____. VOTRE, Silvana. J., MOURÃO, Ludmila., & Figueira, M. L. M. **Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades**. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 2010. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2010.815>

_____. **Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências**. *Movimento*, v. 27, 2021.

GOMES, Manuel. Á. F. **Estratégia de desenvolvimento do associativismo desportivo: Uma Proposta para a quantificação do índice de satisfação dos praticantes**. Dissertação de Mestrado em Ciência do Desporto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2001.

GRASSI, Marie-Claire. **Lire l'épistolaire**. Paris: Dunod, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. **Prefácio**. (p.15- 19). In:____ . in:___KESSLER, Cláudia Samuel; DA COSTA, Leda Maria; DA SILVA PISANI, Mariane. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

GUTTEMAN, A. **Visando a Modernidade: arco e flecha e a modernização do Japão**. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-17, set./dez .2004

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”**: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 142-160, 2018.

HALL, Ann. **How should we theorize gender in the context of sport?** In: SABO, D.;MESSNER, M. (Org.) *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives* .USA: Human Kinetics, 1990.

HALL, Stuart. **Cultural studies: Two paradigms**. *Media, culture & society*, v. 2, n. 1, p. 57-72, 1980.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. **Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo**. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 34, p. 149-164, 2012.

HOGAN, Daniel Joseph et al. **Urbanização e vulnerabilidade sócio-ambiental: o caso de Campinas**. Migração e ambiente nas aglomerações urbanas. Campinas: NEPO/UNICAMP, p. 395-418, 2001.

hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193-210, 2015.

JACOBS, Josephine C. **Programme-level determinants of women's international football performance**. European Sport Management Quarterly, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

JAEGER, A; GOELLNER, S.V. **O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, set.dez, 2011.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. **Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros**. Observatório (OBS*). Lisboa, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020.

JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu; DE CARVALHO, Eliane Vianey. **Relações entre educação, higienismo, moral e patriotismo na I Conferência Nacional de Educação (1927)**. Revista HISTEDBR On-line, v. 12, n. 45, p. 62-77, 2012.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca; WILSON, C. **Análise de conteúdo. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, v. 380, 2005.

KESSLER, Cláudia Samuel et al. **"Entra aí pra completa": narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria, Rio Grande do Sul** Universidade Federal de Santa Maria, Dissertação de Mestrado, 2010.

_____. **Mais que Barbies e ogas: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

_____.; ALVES, Fernanda. de **O. Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário**. dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 13–30, 2019. DOI: 10.26563/dobras.v12i27.980. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/980>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

_____. **“São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020.

_____. **O futebol de mulheres: notas de rodapé.** In:____MARTINS; ILEANA (org.). Futebol de mulheres no brasil: desafios para as políticas públicas. Editora CRV, Curitiba, PR. 2020.

KOKSAL, Enra **Women's leadership in global football. World Football Summit.**Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbCrsBqv2B8>. Último acesso em: 18 de Nov. de 2021.

KWOK, Viem; LELAND, Hayne. **An economic model of the brain drains.** The American Economic Review, v. 72, n. 1, p. 91-100, 1982.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 21, n. 2, p. 405-418, 2015.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio.** São Paulo: Zouk, 2005.

MAGNANI, José Guilherme C. **Circuito: proposta de delimitación de la categoría.** Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 15, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, p. 11-29, 2002.

MAQUIAVELI, Giulia et al. **O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro.** The Journal of The Latin American Socio-Cultural Studies of Sport (ALESDE), V. 13, N. 1, P. 54-80, 2021.

MARCELLINO, Nelson, C. (org.). **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da Região Metropolitana de Campinas (RMC).** Curitiba: OPUS, 2010.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Corporalidades-digitais: Sobre metodologias de pesquisa dos encontros entre corpos-ciborgues-digitais.** Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 2, n. 6, 2019.

_____. LAURINDO, Vinicius. C. de S., SILVA, Bruna S., AZEVEDO, Herlen., & OLIVEIRA, Daiane. **As meninas não querem jogar? Uma revisão sobre aspectos**

didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.

_____. DELARMELINA, Gabriela Borel. **Políticas públicas no futebol de mulheres no brasil.** 179-198 In:___Futebol de mulheres no brasil: desafios para as políticas públicas. Editora CRV, Curitiba, PR. 2020.

_____. WENETZ, Ileana (org). **Futebol de mulheres no brasil: desafios para as políticas públicas.** Editora CRV, Curitiba, PR. 206 p. (Coleção Academia e Futebol- vol. 1), 2020

_____. DELARMELINA, Gabriela. B., VARGAS, Juliana. M., Venturelli, Samara., ANTUNES, Kevin., & PELISSARI, Jeanio. **As mulheres e a dupla carreira: linhas tênues entre a conciliação e o abandono esportivo.** The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE), v. 13, n. 1, p. 110-132, 2021.

_____. DE MEDEIROS, Daniele. C. C., DOS REIS, Heloisa. H. B., CASTELLANI, Rafael. M., & de Santana, W. C. **Futsal feminino: indicadores do ambiente de formação de atletas da seleção brasileira.** Motrivivência, v. 33, n. 64, 2021.

_____. SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. **As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil.** Movimento, v. 27, 2021.

_____. SILVA, Bruna Saurin; SOUZA, Ana Claudia Ferreira de. **Dual Career And Social Mobility In The Brazilian Futsal: Differences Between Men And Women.** Journal of Physical Education, v. 32, 2022.

MATIAS, Wagner Barbosa et al. **A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 21, n. 1, p. 95-110, 2015.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949).** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 44, 2022.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro.** 15. ed. São Paulo: RT, 1990.p.350

MELILLO, Carlos Eduardo Naliato. **Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club.** 2010 84f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Gama Filho, 2010

MELO, Victor Andrade de. **Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]. 2010, v. 24, n. 1

_____. FORTES, Rafael. **História do esporte: panorama e perspectivas.** Fronteiras: Revista de História, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

_____. **Futebol, lazer e práticas lúdicas**. Ciência e Cultura, v. 66, n. 2, p. 35-38, 2014.

MENDONÇA, Renata. **O brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais**. Dribladoras, 2020. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/01/22/brasileiro-feminino-de-2020-tera-numero-recorde-de-times-profissionais/>> Último acesso: 6 de jan. de 2021.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; TOLEDO, Eliana de; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **A parceria público-privada no contexto esportivo: o caso de uma equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Campinas-SP**. Rev Bras Educ. Fís Esporte, (São Paulo) out, n. 31 supl 10, p. 15-28, 2017.

MINA, Claudia **Escola, futebol, e desigualdade de gênero**. in:___KESSLER, Cláudia Samuel; DA COSTA, Leda Maria; DA SILVA PISANI, Mariane. As mulheres no universo do futebol brasileiro. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

MISKOLCI, Richard; DE FIGUEIREDO BALIEIRO, Fernando. **Sociologia Digital: balanço provisório e desafios**. Revista Brasileira de Sociologia-RBS, v. 6, n. 12, 2018.

MIYAKE, Mauricio. **A aplicação da Lei n.º 8.666/93 aos convênios e a instauração de tomada de contas especial pelas entidades integrantes do Sistema "S"**. Dissertação de Mestrado em Direito e Gestão dos Serviços Sociais Autônomos, do Instituto Brasiliense de Direito Público 2014.

MOLINA NETO, Vicente e TRIVINOS, Augusto N.S. (Org). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed, Universidade/UFRGS/Sulina, 1999

MONTAGNER, Paulo Cesar; DE MELO BENELI, Leandro. **Intervenções pedagógicas no processo de evasão do basquetebol: possibilidades e consequências**. Lecturas: Educación física y deportes, n. 86, p. 28, 2005.

MOORE, Henrietta. **The problem of explaining violence in the social sciences**. In: Harvey, Penelope; GOW, Peter. Sex and violence: issues in representations and experience. London and New York: Routledge, 1994. p. 138-155.

MORAES, Enny Vieira **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. 2012. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola: Futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Editora EDUFBA, 2014.

MOURA BRACHTVOGEL, Caterine. **As experiências corporais de mulheres que jogam futsal: família, grupo de pares, escolinhas esportivas, educação física escolar.** Revista Pensar a Prática| ISSN, v. 1980, p. 6183, 2020.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** Repositório Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Movimento [S. l.], v. 6, n. 13, p. 5–18, 2000. DOI: 10.22456/1982-8918.11777. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11777>. Acesso em: 30 maio. 2022.

_____. MOREL, Marcia. **As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo.** Revista brasileira de ciências do esporte, v. 26, n. 2, 2008.

_____. VOTRE, Sebastião. **Produção científica sobre políticas públicas para a educação física: abordagem sobre gênero e raça.** Revista da Educação Física, v. 3, n. 1, 2012.

_____. NOVAES, Mariana. **“Quando o ataque é a melhor defesa”: desafios e resistência na trajetória de mulheres treinadoras de futebol.** in: __KESSLER, Cláudia Samuel; DA COSTA, Leda Maria; DA SILVA PISANI, Mariane. As mulheres no universo do futebol brasileiro. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

MYSKIW, Mauro. **Sociabilidades de mulheres na várzea: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre.** Motrivivência, v. 28, n. 49, p. 114-127, 2016.

NEGRINE, Airton. **Instrumento de coleta de informações na pesquisa qualitativa.** Editora da Universidade Porto . v. 2, p. 61-105, 1999.

NORMAN, Leanne. **The challenges facing women coaches and the contributions they can make to the profession.** International Journal of Coaching Science, v. 7, n. 2, 2013.

OLIVEIRA, Marcia Valeria Batista De. **Futebol feminino no exterior: potências mundiais e o desafio de desenvolvimento do esporte no Brasil.** In: __KESSLER, Cláudia Samuel (Ed.). Mulheres na Área: gênero, diversidade e inserções no futebol. UFRGS Editora, 2016.

OLIVEIRA, Marcus Tabora de. **Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 18, n. 4, p. 155-174, 2012.

ONU MULHERES. **Uma Vitória Leva à Outra.** ONU Mulheres Brasil, 2017. Disponível em: < <http://www.onumulheres.org.br/umavitorialevaaoutra/>>. Acesso em: 28, dez. de 2021

ORTNER, S. **Poder e projetos: reflexões sobre a agência.** In: **Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas.** Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 19-80.

PASSERO, Julia. G.; BARREIRA, Julia.; TAMASHIRO, Lucas.; SCAGLIA, Alcides. J.; GALATTI, Larissa. R. **Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos da comissão técnica e arbitragem.** Movimento [online], v. 26. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>. Acesso em: 15 out. 2021. p. 1-18.

PENNA, Belisário. A mulher, a escola e o lar. S.D. **Departamento de Arquivo e Documentação/ Casa de Oswaldo Cruz.** Rio de Janeiro. Fundo Pessoal Belisário Penna. Manuscrito. 13 folhas. BP/PI/TP/90002040-37. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/y20w2>. Último acesso 10 de mar. De 2022.

Pensar a Prática, 21(1), 26–39. <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i1.45075>

PEREIRA, Marcela Caroline; RAIHER, Augusta Pelinski. **A prática esportiva feminina no Brasil: ênfase na condição de pobreza.** Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 42, n. 2, p. 1-12, 2020

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história.** In____: As mulheres ou os silêncios da história. 2011. p. 519-519.

PIMENTEL, Rogério Matos; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol.** Revista Pensar a Prática, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 115, jan./abr. 2010.

PISANI, Mariane da Silva. **Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo.** Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 14, 2014.

_____. **A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileiras.** CSOnline. Revista Eletrônica De Ciências Sociais, n. 31, p. 15-15, 2020.

_____. **As mulheres no universo do futebol brasileiro.** Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

_____. **Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra?** Esporte e Sociedade, n. 23, 2021

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e cultura, v. 11, n. 2, 2008.

PNUD, Relatório Nacional De Desenvolvimento Humano Do Brasil. **Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas**. Programa Das Nações Unidas Para O Desenvolvimento (Pnud), 2017.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho**. Motriz: Revista de Educação Física, v. 16, n. 3, p. 788-798, 2010.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)**. Mosaico, v. 9, n. 14, p. 48-69, 2018.

ROCHA, Ruth. **Leila menina**. São Paulo: Moderna, 2012.

RODRIGUES, Claudia. **Copa do Mundo da França alça futebol feminino a outro patamar**. Agência Brasil, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2019-12/copa-do-mundo-na-franca-alca-futebol-feminino-outro-patamar>. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALLES, Juliana. **Centro Olímpico é campeão da Taça Cidade de São Paulo de Futebol Feminino**. Cidade de São Paulo, 12 de dez. De 2013. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/noticias/?p=16362>. Acessado em: 15 de ago. De 2021

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista Placar na década de 1990**. Sociologias Plurais, v. 1, n. 1, 2013.

_____. JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990**. Movimento, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013.

_____.; FERREIRA, Ana Letícia Padeski; JÚNIOR, Wanderley Marchi. **O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990–2010)**. Revista Pensar a prática, v. 17, n. 4, 2014.

_____. MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SANTOS RAMOS, Suellen; Dos GOELLNER, Silvana Vilodre. **Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) e a Gestão Esportiva**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. **Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro! a interseccionalidade no esporte**. Tese de Doutorado em Ciências Humanas na UFBA/FACED. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33477>. Último acesso em 15 de jan. de 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCAGLIA , Alcides, J. **Aprendizagens Da/Na Cultura Lúdica: Possibilidades E Potencialidades Do Jogo Nos Contextos Informais**. Brazilian Journal of Policy and Development, v. 3, n. 3, p. 79-95, 8 Nov. 2021.

SCAGLIA, Alcides J. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. Phorte Editora, 2020.

SCHUCMAN, Lia. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana** [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital Teses e Dissertações USP, 2012.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. Revista estudos feministas, v. 13, p. 11-30, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. **Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte**. Revista Estudos Feministas, v. 26, 2018.

SILVA, Giovana Capucim. **Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SILVA, Luís. F. N.; LEONARDO, Lucas.; SCAGLIA, Alcides. J. **Epistemologia da prática na educação física e esporte: mapeamento a partir de um instrumento metodológico**. Lecturas Educación Física y Deportes v. 25, n. 274, p. 145-163, 2021.

SILVA, Luís. F. N.; SANTOS, Gabriel. F.; SERVADIO, Nathália. C.; TAMASHIRO, Lucas. I.; SCAGLIA, Alcides. **Problematizando a masculinidade hegemônica no ensino/treino do futebol: relato de um projeto socio-esportivo liderado por uma entidade estudantil**. Caderno De Educação Física E Esporte, v. 19, n. 2, mai./ago, p. 1-7, 2021.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. **Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 35, p. 179-194, 2013.

SOARES, Carmem Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas. A educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOLIGO, Rosaura. **Venho por meio desta...**In:PRADO, Guilherme Val Toledo; SOLIGO, Rosaura.(org.). Porque escrever é fazer história. Campinas: Graf, 2005. p. 343-384.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira De; MARTINS, Mariana Zuaneti. **O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira**. Pensar a Prática, v. 21, n. 1, 2018.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. sage, 1995.

STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J. SILVEIRA, R da (Org.). **Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

THEBERGE, Nancy. **“Toward a feminist alternative to sport as a male preserve”**.

Trecho da música “Negro drama”, com composição de Mano Brown/2002 interpretada pelo grupo Racionais MCs. A letra completa está disponível em: <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/racionais-mcs-canta-negro-drama/>. Último acesso: 11 de out. de 2021.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI**. Moreira, WW, 1993.

UNGHERI BO, ISAYAMA HF. **Descentralização das políticas de esporte e lazer: estratégias adotadas por municípios no contexto do Programa Esporte e Lazer da Cidade (2013-2017)**. In:___ Isayama HF, Silva LP, editores. A Constituição Brasileira e as políticas públicas de esporte e lazer: produções em Programas de Pós-graduação. Campinas: Autores Associados; 2019. p. 217-242. (v. 1).

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela**. com. In: A invenção da favela: do mito de origem à favela. 2005. p. 204-204.

VIGARELLO, Georges et al. **Inocular para proteger: a inoculação da varíola e a imagem do corpo**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 25, 2002.

VINHO, Sangue. **Blogspot Bonfim Futebol Feminino**,2010. Disponível em: <https://sanguevinho-futebofeminino.blogspot.com/2010/10/>. Último acesso em: 23 de jan. de 2021.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Boitempo Editorial, 2017.

YACUZZI, Enrique. El estudio de caso como metodología de investigación: teoría, mecanismos causales, validación. Serie Documentos de Trabajo, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro De Entrevista

Roteiro de entrevista semi estruturada: com Atletas ; ex atletas; Treinadoras, Comissão Técnica e Gestão da equipe.

Dados pessoais

Como é seu nome, idade e formação, estudantil e/ ou acadêmica, Qual seu cargo/ano que participou no Projeto FCC?

Questão referente a classe social: Qual a renda per capita mensal? A)até 1salarios mínimo; B) 2 a 3 salários mínimos; C) de 3 até 6 salários mínimos; D) Acima de 6 salários mínimos.

Parte1 - O futebol e eu.

1. Qual seu primeiro contato com o futebol, quantos anos tinha (aproximadamente)? O que essa fase marcou para você?
2. Qual sua trajetória com o futebol, onde brincava, lugares que já treinou, e campeonatos que marcaram.
3. Sua família apoia sua prática com o futebol ?
4. Como foi na escola em relação à educação física e atividades esportivas relacionadas ao futebol ?

Parte 2 - O Projeto e a comunidade.

1. Como conheceu o projeto? Porque resolveu treinar lá/estagiar?
2. Qual o diferencial do Projeto? Quais as principais dificuldades que enfrentou?
3. Como era a rotina de treinos e campeonatos?
4. Havia torcida nos jogos, os pais compareciam?
4. Como eram as relações entre as meninas e a comissão técnica?
5. E sua relação com os pais e responsáveis?
6. E tem alguma história marcante como atleta/treinadora/diretoria/pais, alguma coisa que te chamou atenção, alguma coisa que ficou na memória?
7. Qual a importância de ter essas mulheres representando cargos representativos no futebol, seja na gestão seja, psicólogas treinadoras, qual a importância que você vê desse papel da mulher no futebol?

8. Qual a importância para você de ter espaços para a prática da modalidade direcionada para meninas e mulheres?

Parte 3 - Pandemia

1. Como está sendo este processo de pandemia para você? Como vem trabalhar no projeto?
2. Como está sendo ficar longe do futebol?
3. Qual o recado que você daria para suas companheiras/ex companheiras do projeto?

APÊNDICE B: *Roteiro Para Cartas*

- 1. Se pudesse enviar uma carta ao “Projeto (FCC)”, o que escreveria?**
(“Projeto” aqui, representa toda a comunidade esportiva que você participou e vivenciou, pode contar o que mais te marcou).

APÊNDICE C: *Termo de consentimento livre e esclarecido*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do Projeto Feminino Campinas-SP (FFC).

Pesquisadora: Nathalia Cristina Servadio

Orientadora: Prof^a Dr^a Helena Altmann

Número do CAAE: 30470720.5.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo deste trabalho é investigar e compreender como um clube de tradição na prática de futebol por mulheres promove a educação esportiva de meninas e mulheres praticantes de futebol. E contextualizar a importância pedagógica e local deste espaço de prática para diversas mulheres e meninas.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a: Compartilhar através de relatos de experiências sobre suas vivências acerca do futebol praticado por mulheres e todas as informações que achar relevante junto aos objetivos da pesquisa, realizada no horário conveniente, de forma online. Contribuindo através de uma entrevista curta semiestruturada por videochamada ou presencialmente (caso o retorno a quarentena seja possível); através de coletas de depoimentos escritos a respeito das vivências no futebol e no clube. O material coletado será gravado, devolvido ao pesquisador com a validação de sua aprovação e posteriormente guardadas com o pesquisador com o total sigilo, e logo após 5 anos do fechamento da pesquisa serão descartadas de acordo com a [Res. CNS 510/16].

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo se estiver com graves condições médicas. Os desconfortos podem ser compreendidos como tempo previsto para o envolvimento voluntário com a pesquisa. Não há riscos previsíveis.

Benefícios:

Não há benefícios diretos.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, o contato com os pesquisadores pode ser feito, para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pertinente a pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação identificada será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e indenização:

O estudo será feito durante a rotina do participante da pesquisa, no seu espaço seguro. Caso houver algum gasto fora de sua rotina para participar da pesquisa será ressarcido integralmente de suas despesas.

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Endereço profissional: Faculdade de Educação Unicamp Rodovia Professor Zeferino Vaz, Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária, Campinas. Contato (11) 96912-1512, e-mail: nathaliaservadio@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome _____ do(a) _____ participante:

Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: ____/____/____.(Assinatura do pesquisador)

ANEXOS

ANEXO A: Carta de autorização da instituição para coleta de dados

CLUBE RECREATIVO BONFIM

Contato: (19) 3744-4600

E-mail: secretaria@clubebonfim.com.br



Autorização para Coleta de Dados

Eu, Josébino Kelly Buvan atuante/responsável pela instituição *Clube Recreativo Bonfim*, R. Bento da Silva Leite, 330 - Jardim Chapadão, Campinas - SP, 13070-064, declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “Espaços de potencialidades no futebol praticado por mulheres”, sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) Nathalia Servadio após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.

Josy Pavan

Clube Bonfim Recreativo Social

Assinatura e carimbo

Data: 04 / 10 / 2020.

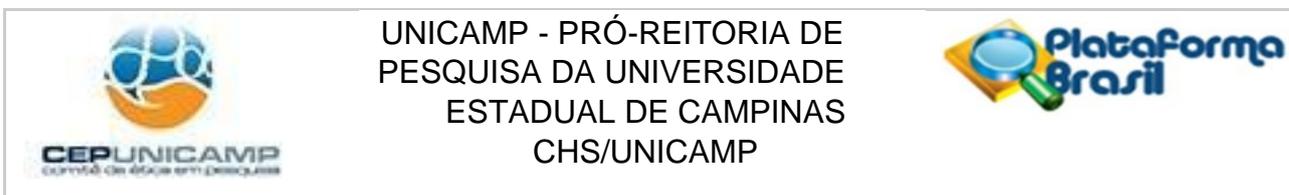
-1/1-

ANEXO B: Parecer consubstanciado do CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Espaço de potencialidades no futebol praticado por mulheres



Pesquisadora: Servadio **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 30470720.5.0000.8142

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.002.806

Apresentação do Projeto:

Introdução Falar de futebol feminino é sem dúvida trilhar caminhos de resistência. A mulher em campo e fora dele dá luz a diversas ressignificações para tornar sua prática uma forma de potencialidade em meio às adversidades. Este futebol se configura como um território tanto de cercamentos para a ascensão e permanência das mulheres como também para afastamento e impermanência de diversas praticantes nesta modalidade. Como este espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, a entrada de mulheres em campo denota a complexidade de ocupá-los. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2015 sobre as principais atividades físicas praticadas por pessoas acima de 15 anos, o futebol apresenta com maior afinidade e predominância entre os(as) entrevistados(as). No entanto, dentre os que se declaram praticante, apenas 5,4 % são mulheres, denota a complexidade de acesso e oportunidades no futebol praticado por mulheres. E permite questionamentos pertinentes: Quais espaços essas mulheres estão ocupando para praticar a modalidade? Como elas se mantêm, sendo uma modalidade com poucas oportunidades de prática continuada? Que aspectos favoráveis estas praticantes obtêm nestes espaços? Esta pesquisa está inserida neste debate , no qual propomos investigar e compreender espaços que proporcionam a inserção de meninas e mulheres na modalidade, e compreender a partir de um espaço voltado para a pratica do futebol feminino os fatores favoráveis e pedagógicos que estão presentes, e influenciam sua permanência, contribuindo para uma expansão da modalidade e o protagonismo de suas praticantes. Segundo, Mariane Pisani (2015) ressalta que a impermanência e não inserção de meninas é decorrente de complexas relações de poder, gênero e outros marcadores de diferença, como sexualidade, raça e classe que se englobam de maneira interseccional. Estes marcadores operam socialmente denotando ou não

desigualdades múltiplas. A autora adota o conceito de interseccionalidade para analisar desigualdades que atuam de forma não isolada. Tal conceito será adotado também nessa dissertação e descrito posteriormente neste projeto. Quando adentramos no campo dos estudos de gênero evidenciamos que “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta” (HARAWAY, 1995, p. 221). Este conceito mostra-se então como uma ferramenta teórico metodológica (LOURO, 1995; SCOTT 1995), partindo de um olhar pós-estruturalista, que rompe com a representação essencialista dos corpos marcados pelo sexo. Esse rompimento permite problematizar e intervir nos processos que instituem e sustentam desigualdades sociais entre homens e mulheres no futebol. Ou seja, nos mostra que não existe apenas um único jeito de ser feminino ou masculino. Como aborda a autora Silvana Goellner (2005), os corpos de mulheres que praticam futebol sofrem um controle de normas e vigilância sobre seus corpos, em diversos segmentos sociais. Estas normas estão pautadas em um pré-conceito que esses corpos sofrem, e que só se pode ser compreendida na ótica essencialista, sendo rígida sobre os gêneros e acentuando condutas especificadas para o binarismo de homens e mulheres, anulando completamente, a complexa diversidade de expressão destes corpos. Por ser uma modalidade esportiva com uma maior predominância masculina, espera-se que, quando praticada por mulheres, as mesmas, sejam representadas com as normas culturais e sociais vigentes de uma dada cultura, para representarem assim, papéis predominantemente femininos. Mostrando que futebol feminino se torna culturalmente um espaço em que uma feminilidade vigente é construída socialmente, e imposta para esses corpos. Ou seja, “o futebol não pode masculinizar deve, no sentido inverso, reforçar sua feminilização.” (GOELLNER, 2005, p.148). Tornando um aspecto perigoso e limitante para as mulheres que praticante futebol. Sendo que em sua grande maioria se expressam de uma maneira adversa a esta norma estabelecida. Sendo um dos cerne para o preconceito em torno da modalidade. Assim, os corpos das mulheres que adentram esses espaços de signos masculinos, são marcados e influenciados a reforçar sua feminilidade essencialista, mostrando em primeiro plano sua sensualidade, aparência e graciosidade: Um dia eu estava sentada, no banco de reservas, e um dos jornalistas que estava cobrindo o jogo chegou próximo de mim. Achei que ele fosse fazer alguma pergunta, mas não ele enfiou a mão na caixa de gelo – onde estavam as nossas águas – colocou um gelo na ponta do dedo e perguntou: Quer dar uma chupadinha? (trecho caderno de campo de Mariane Pisani, 2018) Podemos relacionar o trecho acima que retrata a influência de um discurso que reforça uma erotização e sexualidade da mulher como objeto, assim como na Figura 1 apresentada em seguida, que traz a capa do jornal satírico francês Charlie Hebdo para retratar sobre a copa do mundo de futebol feminino de 2019, realizada também na França. Utilizando uma imagem controversa, desenho de uma vulva

com uma bola de futebol, com a seguinte frase: “Nós vamos comê-las por um mês”. Mostrando que o recurso para se dirigir as mulheres é composto de cunho sexual, reforçando as imagens e signos sexualizados. Figura 1 – Capa do jornal Charlie Hebdo durante a copa do mundo feminina de 2019. Fonte: Jornal Charlie Hebdo. Neste contexto, o conceito de gênero, não se trata, portanto, de apontar somente para a dominância de sentidos normativos, mas principalmente de descrever os pontos onde essas normas entram em crise, denotando um espaço para que os corpos que historicamente foram silenciados possam de alguma maneira ganhar voz. Pensamos aqui no futebol praticado por mulheres como uma modalidade que funciona como um espelho, e nos influencia a refletir sobre como as questões sociais atingem a modalidade, fazendo abertura para um espaço de transgressão. Olhar para esse futebol é olhar além destes percalços, é se atentar ao envolvimento de diversos elementos que constituem a potencialidade deste esporte e suas demandas sociais, visto que atualmente o futebol praticado por mulheres passa por um túnel de transformações, ocupações e visibilidade. Mulheres estão conquistando espaços e obtendo maior visibilidade: somos mais comentaristas, radialistas, produtoras, torcedoras, apresentadoras, treinadoras, escritoras, dirigentes, professoras, todas num espectro de possibilidades de inserção, mesmo que ainda em passos controlados. Para que essa engrenagem de potencialidades funcione são necessários espaços de enunciação, como destacado por Monica Fontana (2017, p.5): “enunciação como constitutivo da subjetivação, analisando a materialidade da voz, do corpo e de um dizer de si na construção de um “lugar de fala” que se apresenta como eticamente e politicamente legítimo na luta contra identificações hegemônicas”. Esses espaços de enunciação, são espaços que oferecem a prática do futebol como um caráter educacional para que meninas e mulheres, possam expressar suas potencialidades e experiências. Mesmo com todos os avanços nas ocupações destes espaços, ainda são escassos e com muito pouco incentivo. (DEVIDE, 2005; GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005). Para compreender esses espaços inclusivos que propiciam adesão e permanência para mulheres e meninas (SOUZA, 2019; SOUZA, 2013; DARIDO,2002; BORGES, 2006), realizamos um levantamento de artigos sobre esta temática, abordado com mais detalhes no tópico revisão bibliográfica. Neste lócus que a pesquisa percorre, nota-se um espaço de promoção de sociabilidade e liberdade. Um espaço educativo de destaque e que vem ganhando cada vez mais relevância no futebol feminino, o Clube Bomfim Recreativo e Social. Situado no interior de São Paulo na cidade de Campinas, proporciona a prática pedagógica voltada especificamente para meninas e mulheres de forma regular e entrelaçada com propostas educacionais. E principalmente, com ações para manter uma pratica com continuidade. Percorrendo categorias de formação que variam dos 9 aos 55 anos, e subsidiam elementos para a construção de um espaço para oportunidades em que meninas e mulheres

ingressarem e deem sequência em sua formação como protagonistas daquele espaço, podendo almejar e seguir para a profissionalização seja como atleta, acadêmica ou outras funcionalidades, ou seja, podem sonhar com sua própria trajetória de vida.. Além disso, uma comunidade de apoio e respeito pode ser criada, tornando um auxílio a mais para alavancar um potencial resiliente e reflexivo para muitas mulheres e meninas. O clube no cenário atual do futebol praticado por mulheres, exerce uma influência para a cidade e regiões metropolitanas, contribuindo a partir da oferta de lazer e formação pedagógica para diversas meninas e mulheres, muitas vezes vindas de contextos sociais onde essa oferta muitas vezes não é atendida (ANJOS,2018), e também este espaço pode se tornar uma oportunidade de transgredir fronteiras e preconceitos que são rígidas sobre a modalidade. Assim, este farto espaço singular e de resistência, pode proporcionar uma prática continuada e que se propões a ser de excelência, que visa a transgressão do preconceito sinalizadas pelas marcas essencialistas de gênero. A pesquisa também pretende explorar qual a importância dessa prática pedagógica e da socialização por ela proporcionada para a expressão e transgressão de normativas que regem corpos de mulheres e meninas. Este campo, está sujeito ao contexto 'interseccional' atravessadas pelas praticantes. A 'interseccionalidade' opera como uma ferramenta metodológica. Conceitualmente ela foi cunhada pela jurista estadunidense, e teórica crítica de raça Kimberlé Crenshaw, em especial sobre as leis anti discriminação. Expõem a interseccionalidade como uma ferramenta teórica e metodológica, para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e heteronormatividade/patriarcado, e suas articulações decorrentes desses trânsitos. E quando e imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. Pela ótica da socióloga Avtar Brah, o conceito de 'interseccionalidade' expõe: "os efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis que surgem quando eixo múltiplo de diferenciação - econômico, político, cultural, psíquico, subjetivo e experiencial - se cruzam em contextos historicamente específicos. (BRAH, 2004 p.76). Este conceito segundo a autora: "ênfatisa que diferentes dimensões da vida social não podem ser separadas em discretas e puras vertentes. (BRAH,2004, p.76). Assim, a interseccionalidade demonstra uma chave a ser observada e refletida no futebol praticado por mulheres, como também observado também por Luiza Anjos (2018). Olhar para essa modalidade sem analisar as diversas estruturas postas e contextos sociais inseridos é não perceber a complexidade em que essas mulheres estão inseridas. Refletir sobre estes mecanismos de opressão e submersão que operam no futebol praticado por mulheres e propor uma transformação no sentido de construir uma continuidade e quebra de paradigma. Estes aspectos interseccionais em análise e os elementos favoráveis disseminam uma complexidade de possibilidades de aberturas e inserções na modalidade, quando observados a partir do corpo da mulher na prática e como este corpo habita os

diversos espaços sociais. Ao analisarmos os elementos favoráveis, que serão observados e em meio ao campo, nos atentamos em agrupá-los em categorias: elementos de subjetivação, pedagógicos e profissional. Pensando neste contexto exposto, o Clube Bonfim, propicia um espaço de adesão e permanência na prática do futebol, abrangendo meninas e mulheres de 9 anos até acima 55 anos. São mais de 5 espaços de treino na região de Campinas e três modalidades variantes do futebol: campo, futsal e futebol de 7. Contando com níveis de participação distintos, conta com escolinhas voltadas para iniciação e lazer até níveis de alto rendimento e competitivo, destacando-se em diversas competições no estado de São Paulo. No que se refere a participação lúdica e de iniciação, são agrupadas em três categorias: P M e G. Mesmo sendo assim denominadas devido ao cunho de iniciação esportiva, a riqueza de aprendizado corporal, social, psicológico, emocional, entre outros, é mais abrangente do que a segmentação apenas por categorias etárias. Seu núcleo de formação competitiva conta com categorias sub 13, 15, 17 e adultos. Prezam pela permanência da prática a partir de um diálogo pedagógico. Por outro viés, a conciliação entre horários escolares e as exigências a serem cumpridas necessitam ser alcançadas para continuar na equipe, como também o comportamento nos treinos e jogos. Estas exigências são equivalentes para as categorias da escolinha (SANTAMA, J, 2019). Além disso, é necessário contribuir financeiramente com uma mensalidade ao Clube, para a manutenção da estrutura e apoio ao trabalho da comissão, campeonatos e treinadores, ou seja, ajuda a manter o espaço e estrutura da equipe. Para as meninas e mulheres que não conseguem cumprir essa exigência financeira, são concedidas bolsas para a continuidade da prática. Atualmente também conta com um suporte psicológico para as turmas de alto rendimento, ampliando o atendimento dessas meninas e mulheres na prática do futebol. Deste modo, o Clube Bonfim se destaca na região como um espaço de oportunidades e aprendizado. Isso nos instiga a conhecer a sua história, sua trajetória de ao futebol feminino brasileiro. O incentivo a prática do futebol por mulheres teve início na década de 1990, quando a modalidade foi proposta de forma participativa para as mães que frequentavam o Clube Bonfim e se interessavam pelo futebol. Por se tratar de um espaço formativo e de lazer levavam seus filhos e filhas, e o interesse para turmas menores surgia a partir das crianças. Um relacionamento entre mãe e filha ultrapassam o contexto do cotidiano e adentrava para uma relação que subvertem as normas de gênero e ocupação de novos espaços. Instigando as meninas a convidarem suas colegas para ocupar e se expressarem neste espaço que possibilita um momento lúdico. Assim se iniciava a história da primeira turma de futebol feminino do Clube Bonfim. Um dos responsáveis pela abertura e acompanhamento da turma é o professor Mauro. Ele é formado em Educação Física pela Unicamp e com especialização em várias modalidades, passagens por diversos times de futebol do Brasil e do mundo, tendo inclusive estagiado nas Comissões Técnicas das

Seleções da Ucrânia e até mesmo ter sido técnico infantil do Japão. (Da REDAÇÃO,2019). Como o ponta pé tinha sido dado, a primeira turma de futebol de campo com caráter participativo, contava com 30 meninas interessadas. Conforme relatado pelo professor Mauro, ele se dedicava fazendo horas extras aos domingos para treinar e agenciar essa nova turma. Mesmo com o pouco apoio financeiro, o Clube proporcionou um espaço de acolhimento e de novas possibilidades para o futebol feminino. A nova equipe começou a deslanchar e chamar atenção na cidade depois do tornei independência que incluiu times de alto rendimento da região metropolitana de Campinas: Guarani FC, Círculo Militar e 3M. Teve início uma trajetória mais competitiva da equipe, mesmo sem ainda conseguir desbancar as principais equipes, que na época tinham um cunho competitivo de alto nível. O torneio proporcionou visibilidade à equipe que cresceu nos anos seguintes. O Professor Mauro relata que, com isso, o diretor do Clube Bonfim Clube, durante esta fase inicial, anunciou: “Não importa o que precise, quero ser campeão de tudo”. Para isso, teve início um novo capítulo desta história. A diretoria contribui para a possibilidade de atrair mais meninas de fora e de toda a região metropolitana de Campinas. Foram mais de 5 anos de trabalho extras e esforços gerais para reunir uma equipe com um cunho mais competitivo e garantir uma permanência das jogadoras na equipe. Os campeonatos aos poucos começaram a ficar equilibrados e se via o Clube Bonfim fortalecendo sua equipe de forma expansiva e com rigor técnico potente. Abriu-se a partir deste momento um leque de possibilidades a serem desenvolvidas para a prática do futebol feminino na região. Porém a história começou a tomar rumos mais complexos o Diretor não conseguiu coordenar esse momento expansivo. As demandas financeiras começaram surgir de forma incontrolável, sem saber como manter uma equipe completa e colocando em xeque a trajetória de muitas meninas, que tiveram outras propostas e demandas, abandonado a equipe. Esse problema é até hoje evidenciado no cenário do futebol praticado por mulheres no Brasil, principalmente da base ao profissional, uma linha tênue de permanência e evasão na modalidade. (RIAL, 2013). Neste novo capítulo de recomeço, Mauro visitou mais de 150 escolas públicas na região metropolitana de Campinas, principalmente as mais periféricas, ofertando possibilidades de adesão para novas integrantes e interessadas, um processo de reformulação que demandou tempo grande. Outra estratégia adotada pelo clube foi buscar financiamento por meio da lei de incentivo ao esporte, iniciando assim uma nova fase nesta história, a qual será descrita e analisada durante a pesquisa. Nesse novo cenário, novos desafios surgiram, como o deslocamento de meninas da periferia para treinamento do clube, que na época contava com apenas a sede principal, a sua continuidade na equipe. Acessibilidade, tempo e disponibilidade, conciliação com escola, preconceito com a modalidade e todos esses componentes afetavam o percurso do futebol praticado por mulheres no Clube Bonfim. Com os anos se passando, novas oportunidade de espaços e

parcerias com a prefeitura municipal de Campinas proporcionou um deslanche nesta história. Com mais estrutura e suporte para contratação de mais treinadores e gestores, o Clube Bonfim expandiu as modalidades e estruturou um projeto pedagógico debatido desde o início. Com todas estas demandas históricas ressaltadas, percebe-se a complexidade de se construir um espaço pedagógico e de fomento à prática. O Club Bomfim permeia a grande responsabilidade de proporcionar elementos favoráveis para essas meninas e mulheres em um espaço de existência e liberdade. Atualmente um marco nesta história se constitui, uma parceria com um dos Clubes mais antigos de futebol praticado por homens do Brasil, restabelece uma nova oportunidade de visibilidade, mas também de possível apagamento e invisibilidade desta história. Esta parceria se forma a partir de uma exigência estipulada pela CONMEBOL, maior órgão da modalidade na América Latina. Seu estatuto e regulamento em 2016 estabelecem exigências novas para as licenças de clubes às confederações filiadas à entidade. As equipes masculinas que disputarem a Copa Sul-Americana ou a Libertadores precisarão se adequar às regras de licenciamento. Dentre elas, está a obrigação de ter uma equipe de futebol feminino. Este prazo passou a ser cumprido a partir do ano de 2019. Estas medidas, se adequam ao artigo 23 do estatuto da Fifa, que cobra das confederações a adoção de medidas de governança que incluem, dentre outras questões, a incorporação de artigos que preveem a igualdade de gênero na modalidade, estimados pelo regulamento de Licença de clubes da Conmebol. Além disso, 13 dos 20 clubes brasileiros precisaram iniciar suas equipes de futebol feminino adulto em 2019 e 2020. Como é necessário investimento para a criação de um projeto próprio, mais da metade optou por fechar parcerias com times já formados. Ou seja, aproveitam uma estrutura já existente e fornecem outros recursos do próprio clube - como, por exemplo, auxílio financeiro, estrutura para treinos, maior visibilidade e condições para permanência das atletas. Este é o caso do clube estudado nesta pesquisa, que atualmente passa por transformações estruturais e de identidade. Deste modo, construir um espaço pedagógico para mulheres e meninas se torna uma temática de relevância social e que impacta diversas meninas e mulheres em suas diversas instâncias.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo deste trabalho é investigar e compreender como um clube de tradição na prática de futebol por mulheres promove a educação esportiva de meninas e mulheres praticantes de futebol.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos de pesquisa não são previsíveis.

Benefícios: A pesquisa propõe a valorização e protagonismo das mulheres que praticam futebol. E a relevância social de um Clube que proporciona este espaço, podendo contribuir para que mais espaços se desenvolvam na área, e se baseiam na forma pedagógica

de permanência e adesão de muitas mulheres na modalidade. Apoiado numa perspectiva que transgride os preconceitos sofrido por diversas mulheres na pratica esportiva. Assim, a pedagogia do esporte pode atrelar num âmbito geral uma emancipação para as mulheres.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1519238.pdf	25/03/2020 09:46:44		Aceito
Outros	RA.pdf	25/03/2020 09:45:59	Servadio	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	25/03/2020 09:45:43	Servadio	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	25/03/2020 09:43:41	Servadio	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/03/2020 09:43:16	Servadio	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Bonfim.png	03/03/2020 22:59:59	Servadio	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	03/03/2020 22:51:00	Servadio	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 01 de Maio de 2020

Assinado por:

**Sandra Fernandes Leite
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3521-6836

E-mail: cepchs@unicamp.br